

## **ÁGUA COMO ELEMENTO DE CURA**

CENTRO DE TALASSOTERAPIA NA VILA DE PAREDE, CASCAIS

Maria Madalena Xavier Ruas Santos Calado  
(Licenciada)

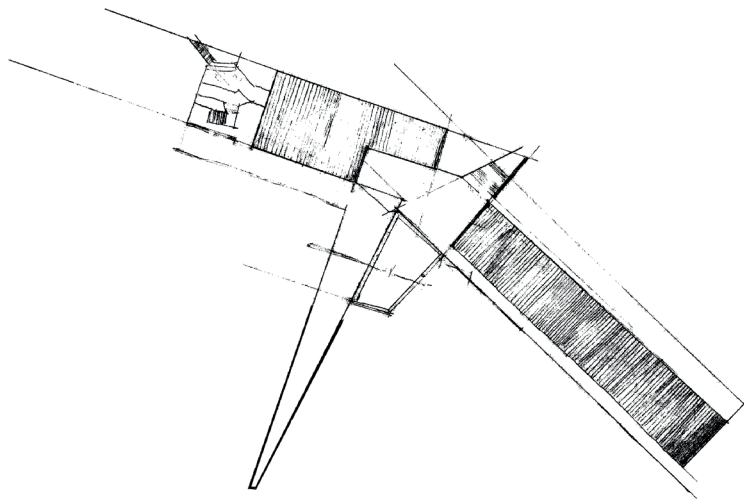
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura, especialização em Arquitetura

Orientação Científica  
Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos  
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri  
Professor Doutor Francisco Carlos Almeida do Nascimento e Oliveira  
Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa  
Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Documento Definitivo  
Lisboa, FA.U.Lisboa, fevereiro de 2024





## **ÁGUA COMO ELEMENTO DE CURA**

### **CENTRO DE TALASSOTERAPIA NA VILA DE PAREDE, CASCAIS**

Maria Madalena Xavier Ruas Santos Calado  
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura, especialização em Arquitetura

Orientação Científica  
Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos  
Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri  
Professor Doutor Francisco Carlos Almeida do Nascimento e Oliveira  
Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa  
Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Documento Definitivo  
Lisboa, FA.U.Lisboa, fevereiro de 2024

**PALAVRAS-CHAVE**

Frente de água | Mar | Memória | Parede | Percurso | Talassoterapia

## RESUMO

Parede, lugar continuamente associado à água e seus benefícios, foi através das suas características atmosféricas, climáticas e morfológicas distintas que se desenvolveu. A Costa do Sol foi pioneira à prática de veraneio marítimo em Portugal e a sua composição reflete esta cultura marítima.

A vila da Parede cresceu incessantemente através da sua linha de costa, em que os seus níveis elevados de iodo fizeram com que esta zona fosse classificada e pensada, no Plano de Urbanização da Costa do Sol (1948) como “estância sanatorial”, o que originou num dos primeiros sítios pensados sem barreiras arquitetónicas, permitindo acesso a todos os locais públicos da Vila. Foi também um local privilegiado para a edificação de vários hospitais e sanatórios dedicados ao tratamento doenças associadas aos ossos.

v

Assim, na proposta que se apresenta, a intervenção urbana passa pela revitalização desta frente de água, criando ligações nos fragmentos do percurso interrompidos entre os dois passeios marítimos, nomeadamente entre a Praia da Azarujinha e a Praia de São Pedro, e toda a extensão da Parede a Carcavelos.

Desta forma o edifício proposto surge como elemento revitalizador desta frente que se ocupa de um edifício já existente contíguo à Praia da Bafureira. O equipamento surge como elemento urbano que procura restabelecer a memória da vila afirmando-se na vertente da Talassoterapia. Desenvolvendo um espaço capaz de complementar as terapêuticas associadas ao uso da água do mar.

**KEYWORDS**

Memory | Parede | Route | Thalassotherapy | Waterfront

## ***ABSTRACT***

Parede, a place that is continually associated with water and its benefits, which was developed through its disparate atmospheric, climatic and morphological characteristics. Costa do Sol was one of the pioneers in the practice of coastal vacations in Portugal and its composition reflects this same culture.

The village of Parede grew incessantly along its coastline, where its high levels of iodine meant that this area was classified and thought of, in the Urbanization Plan of Costa do Sol (1948) as a “health resort”, which originated in one of the first sites designed without architectural barriers, allowing access to all public places in the village. It was also a privileged location for the construction of several hospitals and sanatoriums dedicated to the treatment of diseases associated with bones.

Thus, in the proposal presented, the urban intervention involves the revitalization of this waterfront, creating connections in the fragments of the route interrupted between the two promenades.

Therefore, the proposed building emerges as a revitalizing element of this seafront that occupies an existing building adjacent to Praia da Bafureira. The equipment emerges as an urban element that seeks to restore the memory of the village, asserting itself in the field of Thalassotherapy. Developing a space capable of complementing the therapies associated with the use of sea water.



## AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais e aos meus irmãos por sempre descomplicarem tudo e saberem dar colo.

Aos amigos que fiz no primeiro ano da faculdade e que, da sua forma, sempre conseguiram dar os melhores conselhos, tanto em projeto como na vida, obrigada António, Beatriz, Diogo, Gui e Renata.

Aos amigos mais aleatórios que tive o prazer de encontrar no final do curso. Acompanhando-me neste período de conclusão, em especial ao Alexandre, André, António, Babi, Cristina, Eva, Mariana e Rita por serem casa nos últimos tempos.

Ao Francisco, por não me deixar desistir.

Aos meus orientadores, ao Professor José Luís Crespo pela disponibilidade e paciência, e ao Professor Miguel Baptista-Bastos por sempre acreditar em mim, motivando-me sempre para fazer mais e melhor.

Obrigada a todos os que fizeram parte deste percurso, por vezes penoso mas recompensador, no final de contas todo o esforço valeu a pena.



*“Dos quatro elementos, somente a água pode embalar. É ela o elemento embalador. Este é mais um traço de seu caráter feminino: ela embala como uma mãe. O inconsciente não formula o seu princípio de Arquimedes, mas o vive.*

*(...)*

*A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe.”*



## ÍNDICE

RESUMO	V	
ABSTRACT	VII	
AGRADECIMENTOS	IX	
ÍNDICE DE FIGURAS	XV	
<b>01. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>	
<b>02. AS MATÉRIAS DA ÁGUA [ Fundamentos ]</b>	<b>13</b>	
02.1. A SUA SIMBOLOGIA	13	
02.2. INCORPORAÇÃO NA ARQUITETURA	21	
02.3. AS TERAPIAS ASSOCIADAS	29	
02.4. AS FRENTES	39	
<b>03. VILA DE PAREDE [ O Lugar ]</b>	<b>49</b>	
03.1. CONTEXTO HISTÓRICO DE CASCAIS	49	XIII
03.2. A COMPOSIÇÃO DA MARGEM DE CASCAIS	65	
03.3. AS INFRAESTRUTURAS E A EVOLUÇÃO URBANA	77	
03.4. ENQUADRAMENTO DA VILA DE PAREDE NO CONCELHO	93	
03.5. PRAIA DA BAFOREIRA	109	
<b>04. ÁGUA COMO FORMA [ O Projeto ]</b>	<b>117</b>	
04.1. ESCALA URBANA	117	
04.2. INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM	129	
04.2. PROGRAMA, FORMA E FUNÇÃO	141	
04.4. MATERIALIDADE	157	
<b>05. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>167</b>	
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>173</b>	
<b>ANEXOS</b>	<b>183</b>	



## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>01. Theodore Chasseriau, O Tepidarium, 1853, Óleo sobre tela</b>	14	
Fonte <a href="https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Théodore_Chassériau_-_Tepidarium_-_Google_Art_Project.jpg">https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Théodore_Chassériau_-_Tepidarium_-_Google_Art_Project.jpg</a>		
<b>02. Domenico Morelli, The Pompeian Bath, 1861, Óleo sobre tela, 134,4 x 102,5 cm, Balzan International Foundation</b>	14	
Fonte <a href="https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Domenico_Morelli_003.jpg">https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Domenico_Morelli_003.jpg</a>		
<b>03. Planta Baixa das Termas de Stabian Bath, Pompéia</b>	16	
Fonte <a href="https://i.pinimg.com/originals/2e/b9/cf/2eb9cf219419ae0b68d7249767aa4692.jpg">https://i.pinimg.com/originals/2e/b9/cf/2eb9cf219419ae0b68d7249767aa4692.jpg</a>		
<b>04. Planta Baixa Termas de Caracala, Roma</b>	16	
Fonte <a href="https://25.media.tumblr.com/c52a3db2368067fd49664d3c2e80d577/tumblr_mqg7eavpQz1r1rr9eo1_1280.png">https://25.media.tumblr.com/c52a3db2368067fd49664d3c2e80d577/tumblr_mqg7eavpQz1r1rr9eo1_1280.png</a>		
<b>05. Termas de Széchenyi, Budapeste, 1950</b>	18	xv
Fonte <a href="https://www.flickr.com/photos/nora-meszoly/21504200073">https://www.flickr.com/photos/nora-meszoly/21504200073</a>		
<b>06. Piscina exterior das Termas de Széchenyi, Budapeste</b>	19	
Fonte <a href="https://szechenyibath.com/szechenyi-bath-history/">https://szechenyibath.com/szechenyi-bath-history/</a>		
<b>07. Sforzinda, Plano da Cidade Ideal de Filarete no século XV</b>	22	
Fonte <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Sforzinda#/media/File:Idealstadt.jpg">https://en.wikipedia.org/wiki/Sforzinda#/media/File:Idealstadt.jpg</a>		
<b>08. Plano da Cidade de Grammichele, em Itália inspirado no Plano de Sforzinda</b>	22	
Fonte <a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grammichele_plan.jpg">https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grammichele_plan.jpg</a>		
<b>09. Thomas Cole, O jardim do Éden, 1828, óleo sobre tela</b>	24	
Fonte <a href="https://www.wikiart.org/pt/thomas-cole/o-jardim-do-eden-1828">https://www.wikiart.org/pt/thomas-cole/o-jardim-do-eden-1828</a>		

10. **Fonte dos Quatro Rios, Roma, Diego Delso** 25  
Fonte [https://es.wikipedia.org/wiki/Fuente\\_de\\_los\\_Cuatro\\_R%C3%ADos#/media/Archivo:Fuente\\_de\\_los\\_R%C3%ADos,\\_plaza\\_Navona,\\_Roma,\\_Italia,\\_2022-09-14,\\_DD\\_45-47\\_HDR.jpg](https://es.wikipedia.org/wiki/Fuente_de_los_Cuatro_R%C3%ADos#/media/Archivo:Fuente_de_los_R%C3%ADos,_plaza_Navona,_Roma,_Italia,_2022-09-14,_DD_45-47_HDR.jpg)
11. **Fontana di Trevi, Roma, 2023, fotografia da autora** 25  
Fonte Fotografia da autora, Maio de 2023
12. **Planta da Cidade de Paris, editado de MOORE, 1994, p.81** 26  
Fonte Água e Arquitetura de Charles Moore, 1994
13. **Planta da Cidade de Roma, editado de MOORE, 1994, p.80** 26  
Fonte Água e Arquitetura de Charles Moore, 1994
- 14., 15. e 16. **Máquina de Banhos, servia para permitir que as pessoas na praia trocassem as suas roupas habituais para trajes de banho** 28  
Fonte <https://www.whizzpast.com/photos-19th-century-bathing-machines/>
17. e 18. **Brighton, Inglaterra, 1890, onde foi construído a primeira estância termal** 30  
Fonte [https://www.flickr.com/photos/library\\_of\\_congress/8318785790/in/photostream/](https://www.flickr.com/photos/library_of_congress/8318785790/in/photostream/)
19. e 20. **Praia de Banhos da Poça, São João do Estoril** 32  
Fonte <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/08/s-joao-do-estoril.html>
21. **Antiga Casa de Chá em São João do Estoril** 33  
Fonte <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/08/s-joao-do-estoril.html>
22. **Esquema de Sobreposição dos concelhos com Centros Termais e Centros de Talassoterapia** 34  
Fonte Elaborado pela autora, Janeiro de 2024
23. **Primeiro Centro de Talassoterapia em Roscoff, França** 36  
Fonte <https://chroniques.roscoff-tourisme.com/le-role-de-l-institut-marin-de-roch-roum-a-roscoff-dans-l-histoire-du-termalisme>

<b>24. Técnica de Rollier</b>	36
Fonte <a href="http://medalternatur.blogspot.com/2017/02/helioterapia-terapia-de-sol.html">http://medalternatur.blogspot.com/2017/02/helioterapia-terapia-de-sol.html</a>	
<b>25. Tower Bridge, London c. 1900s, Naticional Media Museum</b>	40
Fonte <a href="https://www.pinterest.pt/pin/69805862945153339/">https://www.pinterest.pt/pin/69805862945153339/</a>	
<b>26. e 27. Tower Bridge, London c. 1900s, Naticional Media Museum</b>	41
Fonte <a href="https://www.pinterest.pt/pin/69805862945153339/">https://www.pinterest.pt/pin/69805862945153339/</a>	
<b>28. e 29. Chicago Riverwalk, 2016, projeto da autoria de Ross Barney Architects pela lente da fotogr�fa Kate Joyce</b>	42
Fonte <a href="https://divisare.com/projects/334360-ross-barney-architects-chicago-riverwa">https://divisare.com/projects/334360-ross-barney-architects-chicago-riverwa</a>	
<b>30. Zona Costeira de risco, no poss�vel cen�rip de subida de 2,5 metros acima do n�vel de praia-mar</b>	45
Fonte <a href="https://coastal.climatecentral.org/map/11/-9.1175/38.764/?theme=water_level&amp;map_type=water_level_above_mhhw&amp;basemap=roadmap&amp;contiguous=true&amp;elevation_model=best_available&amp;refresh=true&amp;water_level=2.5&amp;water_unit=m">https://coastal.climatecentral.org/map/11/-9.1175/38.764/?theme=water_level&amp;map_type=water_level_above_mhhw&amp;basemap=roadmap&amp;contiguous=true&amp;elevation_model=best_available&amp;refresh=true&amp;water_level=2.5&amp;water_unit=m</a>	
<b>31. Pintura: Ba�a, ponta da Cidadela, barcos de pesca e recreio, 1880, autor desconhecido</b>	50
Fonte <a href="https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=73&amp;type=PCD">https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=73&amp;type=PCD</a>	
<b>32. Gravura de Cascais - George Braun gravura Franz Hogenberg - Civitates orbis terrarum Vol I</b>	53
Fonte <a href="https://cascais7faces.wordpress.com/7-faces/cascais-medieval/">https://cascais7faces.wordpress.com/7-faces/cascais-medieval/</a>	
<b>33. Fortifica�es Mar�timas de Defesa ao longo da costa de Cascais</b>	55
Fonte Mapa de autora	
<b>34. Representa�o de Cascais posterior ao terramoto de 1755</b>	56
Fonte <a href="https://estrelasdomar.pt/csc12">https://estrelasdomar.pt/csc12</a>	

35. Barra do Tejo, 1802, Wellington 58  
Fonte <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/records/item/15852-the-environs-and-harbour-of-lisbon?offset=1324>
36. Santo António do Estoril, c. 1845 de Santo António do Estoril 59  
Fonte [https://www.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/cascais\\_650\\_anos\\_de\\_historia.pdf](https://www.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/cascais_650_anos_de_historia.pdf)
37. Criança montada em burro junto ao arco da Quinta de Caparide, 1900, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município 60  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=781&type=PCD>
38. Banhistas na Praia da Ribeira, 1900, Arquivo Histórico Municipal 62  
Fonte <https://www.cascais.pt/galeria-de-imagens/650-anos-de-historia>
39. Costa de Cascais, em desenho atribuído a espião ao serviço de D. Filipe II, a. 1580. 66  
Fonte [https://issuu.com/agendacascais/docs/liv\\_cascais\\_650\\_site](https://issuu.com/agendacascais/docs/liv_cascais_650_site)
40. Casa dos Duques de Palmela construída sobre a arriba, em Cascais ,1900, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município 68  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=515&type=PCD>
41. Farol de Santa Marta, 1930, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município 70  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=632&type=PCD>
42. Descarga de peixe na Praia da Ribeira, 1940,Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município 71  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=173&type=PCD>

43. **Espetadores nos passeios Maria Pia e Príncipe Real D. Luís Filipe, em dia de festa, 1940, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município** 73  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=222&type=PCD>
44. **Comboio a vapor junto à estação de caminho-de-ferro do Monte Estoril c. 1907, Coleção José Santos Fernandes - Arquivo Histórico Municipal** 74  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=36584&type=PCD>
45. **Panorâmica das praias do Monte Estoril e do Tamariz, c. 1906, Coleção José Santos Fernandes - Arquivo Histórico Municipal** 75  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=35720&type=PCD>
46. **Construção da via férrea com assentamento de travessas e carris, arquivo privado** 78  
 Fonte <https://historiaschistoria.blogspot.com/2019/09/linha-de-cascais.html>
47. **Estação de Algés com passagem superior, fotografia de José Chaves Cruz, arq. AML** 78  
 Fonte <https://historiaschistoria.blogspot.com/2019/09/linha-de-cascais.html>
48. **Locomotiva a vapor que circulou na ramal de cascais, arq. privado** 78  
 Fonte <https://historiaschistoria.blogspot.com/2019/09/linha-de-cascais.html>
49. **Passagem superior na estação de Pedrouços, final do séc. XIX, fotografia de Arthur Freire, col. Relíquias do Passado Ferroviário Português** 78  
 Fonte <https://historiaschistoria.blogspot.com/2019/09/linha-de-cascais.html>
50. **Estrada Marginal, Alto da Boa Viagem, 1956, fotografia de António Passaporte** 80  
 Fonte <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/04/estrada-marginal-alto-da-boa-viagem.html>

<b>51. Caxias, autor desconhecido</b>	<b>81</b>
Fonte <a href="https://lh3.ggpht.com/-yfHWxnWqNyE/Thwlm2Z_Wel/AAAAAAAAAI0w/Rl5AsgnlWTA/s1600-hEstrada%252520Marginal%252520%2525285%252529%25255B6%25255D.jpg">https://lh3.ggpht.com/-yfHWxnWqNyE/Thwlm2Z_Wel/AAAAAAAAAI0w/Rl5AsgnlWTA/s1600-hEstrada%252520Marginal%252520%2525285%252529%25255B6%25255D.jpg</a>	
<b>52. Planta das ligações proposto por Agache</b>	<b>82</b>
Fonte Mapa da autora, Janeiro de 2024	
<b>53., 54. e 54. Autoestrada Turística que liga Lisboa a Cascais na data da sua inauguração em 1944</b>	<b>84</b>
Fonte <a href="https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/01/auto-estrada-lisboa-estadio-nacional.html">https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/01/auto-estrada-lisboa-estadio-nacional.html</a>	
<b>57., 58, e 59. Vistas ao longo do percurso que liga Lisboa a Cascais em 1944</b>	<b>87</b>
Fonte <a href="https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/01/auto-estrada-lisboa-estadio-nacional.html">https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/01/auto-estrada-lisboa-estadio-nacional.html</a>	
<b>60. Planos de Pormenor das freguesias da Costa do Sol</b>	<b>89</b>
Fonte <a href="https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=165067&amp;type=PCD">https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=165067&amp;type=PCD</a> (editado pela autora)	
<b>61. Mapa das infraestruturas que ligam o concelho de Cascais ao de Lisboa</b>	<b>91</b>
Fonte Mapa de autor	
<b>62. Caldeirão das Avenças, 1965, autor desconhecido</b>	<b>94</b>
Fonte <a href="https://www.instagram.com/p/Cv4JU0boM_G/">https://www.instagram.com/p/Cv4JU0boM_G/</a>	
<b>63. Bar do Aleixo na Praia da Parede, 1980, pela lente do fotógrafo João Amaral</b>	<b>95</b>
Fonte <a href="https://www.instagram.com/p/Cv8OKpZI50b/">https://www.instagram.com/p/Cv8OKpZI50b/</a>	
<b>64. Avenida Marginal com a Praia da Parede de fundo, 1900, RV de Cascaes</b>	<b>96</b>
Fonte <a href="https://www.instagram.com/p/CvuXabplFw8/">https://www.instagram.com/p/CvuXabplFw8/</a>	
<b>65. Chalet Fiuza, 1940, autor desconhecido</b>	<b>96</b>
Fonte <a href="https://www.instagram.com/p/CvTLblyooBb/">https://www.instagram.com/p/CvTLblyooBb/</a>	

- 66. Estação de Parede/Galiza, 1890, pela lente de José Santos Fernandes** 96  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=38558&type=PCD>
- 67. Rua de acesso à estação, 1920, pela lente de José Santos Fernandes** 96  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=38546&type=PCD>
- 68. Casa Henriqueta, 1917, pela lente de José Santos Fernandes** 97  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=38865&type=PCD>
- 69. Avenida Marginal, 1950, Arquivo Histórico Municipal** 97  
 Fonte <https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/38998518864>
- 70. Chalet Morel, 1910, pela lente de José Santos Fernandes** 97  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=38859&type=PCD>
- 71. Vista panorâmica parcial da Parede, 1925, Arquivo Histórico Municipal** 97  
 Fonte <https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/36139314552/>
- 72. Identificação dos estabelecimentos de saúde que existiam ou existiram na Freguesia** 99  
 Fonte Elaborado pela autora, Janeiro de 2024
- 73. Sanatório de Sant’Ana, na Parede, 1910, pela lente de José Santos Fernandes** 100  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=40225&type=PCD>
- 74. Solário da Pedra Alta, 1940, pela lente do fotógrafo José Santos Fernandes** 101  
 Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=40207&type=PCD>

- 75. Pacientes em tabuleiros no Solário da Pedra Alta, na Praia da Parede, 1930, Arquivo Histórico Municipal** 102  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=136548&type=PCD>
- 76. Praia da Parede, ao fundo um dos primeiros edifícios de tratamento de esgotos, 1950, pela lente do fotógrafo José Santos Fernandes** 103  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=39854&type=PCD>
- 77. Diagrama de eixos e alinhamentos visuais para o oceano** 105  
Fonte Mapa de autora
- 78. Vista panorâmica onde se pode ver os alinhamentos visuais para o mar, 1927, pela lente de José Santos Fernandes** 106  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=38586&type=PCD>
- 79. Vista panorâmica do aglomerado urbano da Parede onde se vê os arruamentos para o mar, 1962, coleção de José Santos Fernandes** 107  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=38587&type=PCD#&gid=1&pid=1>
- 80. Praia da Baforeira, 1910, José Santos Fernandes** 110  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=40286&type=PCD>
- 81. Fotografia da Praia da Baforeira na atualidade** 111  
Fonte Fotografia da autora
- 82. Praia da Baforeira, 1950, António Passaporte** 113  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=88837&type=PCD>
- 83. Estrada Marginal, vendo-se à direita as antigas moradias construídas na arriba da Praia da Baforeira** 113  
Fonte <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=64868&type=PCD>

<p><b>84. e 85. Passadiços do caminho de Aldilonda, 2021, Célia Uhalde</b></p> <p>Fonte <a href="https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda">https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda</a></p>	<p>119</p>
<p><b>86. Parte do percurso que assume os contornos naturais do lugar, 2021, Célia Uhalde</b></p> <p>Fonte <a href="https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda">https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda</a></p>	<p>120</p>
<p><b>87. e 88. Enquadramento do caminho de Aldilonda com a antiga fortaleza, 2021, Célia Uhalde</b></p> <p>Fonte <a href="https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda">https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda</a></p>	<p>121</p>
<p><b>89. Planta de implantação do caminho de Aldilonda, Bastia, projeto da autoria do ateliê Dietmar Feichtinger Architectes (DFA)</b></p> <p>Fonte <a href="https://www.designboom.com/architecture/dfa-dietmar-feichtinger-architectes-promenade-aldilonda-bastia-corsica-02-18-2021/">https://www.designboom.com/architecture/dfa-dietmar-feichtinger-architectes-promenade-aldilonda-bastia-corsica-02-18-2021/</a></p>	<p>122</p>
<p><b>90. e 91. Prefis do caminho de Aldilonda, Bastia, projeto da autoria do ateliê Dietmar Feichtinger Architectes (DFA)</b></p> <p>Fonte <a href="https://www.designboom.com/architecture/dfa-dietmar-feichtinger-architectes-promenade-aldilonda-bastia-corsica-02-18-2021/">https://www.designboom.com/architecture/dfa-dietmar-feichtinger-architectes-promenade-aldilonda-bastia-corsica-02-18-2021/</a></p>	<p>123</p>
<p><b>92. Planta com identificação do percurso do Paredão de Cascais</b></p> <p>Fonte Mapa da autora, Janeiro de 2024</p>	<p>124</p>
<p><b>93. Planta com percurso proposto</b></p> <p>Fonte Mapa da autora, Janeiro de 2024</p>	<p>126</p>
<p><b>94. e 95. Fotografias das Piscinas das Marés com o enquadramento para oceano, projeto de 1965 de Álvaro Siza Vieira, pela lente do fotógrafo Giovanni Amato</b></p> <p>Fonte <a href="https://divisare.com/projects/396812-alvaro-siza-vieira-giovanni-amato-piscina-das-mares">https://divisare.com/projects/396812-alvaro-siza-vieira-giovanni-amato-piscina-das-mares</a></p>	<p>130</p>

- 96. Fotografias do tanque para adultos, pela lente do fotógrafo Giovanni Amato** 132  
Fonte <https://divisare.com/projects/396812-alvaro-siza-vieira-giovanni-amato-piscina-das-mares>
- 97. e 98. Fotografia da rampa de acesso às Piscinas; Interior dos Balneários, fotografia da autoria de Giovanni Amato** 133  
Fonte <https://divisare.com/projects/396812-alvaro-siza-vieira-giovanni-amato-piscina-das-mares>
- 99., 100. e 101. Esquissos das Piscinas das Marés do Atelier de Siza Vieira** 134  
Fonte <https://cargocollective.com/silentrupture/1117962/Piscinas-das-Mar-s>
- 102., 103. e 104. Planta com percurso proposto** 136  
Fonte Mapa da autora, Janeiro de 2024
- 105. Diagrama Explicativo da Proposta** 138  
Fonte Mapa da autora, Janeiro de 2024
- 106. e 107. Fotografias dos interiores das Termas de Vals, Suíça, 1996, pela lente do fotógrafo Fernando Guerra** 142  
Fonte [https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb125e58ecef67000085-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb125e58ecef67000085-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next_project=no)
- 108. Fotografia do exterior das Termas de Vals, Suíça, 1996, pela lente do fotógrafo Fernando Guerra** 143  
Fonte [https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb125e58ecef67000085-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb125e58ecef67000085-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next_project=no)
- 109. Planta das Termas de Vals, Suíça, projeto da autoria de Peter Zumthor** 144  
Fonte <https://www.architectural-review.com/buildings/thermal-baths-in-vals-switzerland-by-peter-zumthor>
- 110. e 111. Prefis das Termas de Vals, Suíça, projeto da autoria de Peter Zumthor** 145  
Fonte <https://www.architectural-review.com/buildings/thermal-baths-in-vals-switzerland-by-peter-zumthor>

<b>112. e 113. Fotografias das Piscinas das Termas de Vals, Suíça, 1996, pela lente do fotógrafo Fernando Guerra</b>	146
Fonte <a href="https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb125e58ecef67000085-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next_project=no">https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb125e58ecef67000085-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next_project=no</a>	
<b>114. Esquiço compositivo do alçado</b>	148
Fonte Mapa da autora, Novembro de 2023	
<b>115. Desenho do átrio de entrada</b>	148
Fonte Mapa da autora, Novembro de 2023	
<b>116. Atmosfera do pátio</b>	148
Fonte Mapa da autora, Novembro de 2023	
<b>117. Esquiços de desenvolvimento do quarto</b>	150
Fonte Mapa da autora, Novembro de 2023	
<b>118. Esquiços de desenvolvimento da zona dos tanques e dos balneários dos funcionários</b>	151
Fonte Mapa da autora, Dezembro de 2023	
<b>119. Esquiços de desenvolvimento dos vários pisos, de cima para baixo, planta do piso térreo, piso 1 e piso 2</b>	153
Fonte Mapa da autora, Dezembro de 2023	
<b>120. Organização Funcional do edifício, axonometria sem escala</b>	154
Fonte Mapa da autora, Janeiro de 2024	
<b>121. Fotografia da escadaria existente, 2024</b>	156
Fonte Fotografia da autora, Janeiro de 2024	
<b>122. Fotografia da pré-existência da antiga muralha, 2024</b>	156
Fonte Fotografia da autora, Janeiro de 2024	
<b>123. Fachada da Casa Tejocota, 2021, pela lente do fotógrafo Miguel Ángel González</b>	158
Fonte <a href="https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next_project=no">https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next_project=no</a>	



**124. e 125. Fotografias demonstrativas dos materiais utilizados, 2021, pela lente do fotógrafa Ariadna Polo** 159

Fonte [https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next_project=no)

**126. e 127. Fotografias das zonas húmidas, 2021, pela lente do fotógrafa Ariadna Polo** 160

Fonte [https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next_project=no)

**128. Fotografia do interior do quarto, 2021, pela lente do fotógrafa Ariadna Polo** 161

Fonte [https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next_project=no)

**129. Pormenor da materialidade da Fachada** 163

Fonte Desenho elaborado pela autora, Janeiro de 2024



## **SIGLAS E ACRÓNIMOS**

[ AML ] Área Metropolitana de Lisboa

[ CMC ] Câmara Municipal de Cascais

[ MOPC ] Ministério das Obras Públicas e Comunicações

[ PDMC ] Plano Diretor Municipal de Cascais

[ POOC ] Plano de Ordenamento da Orla Costeira

[ PUCS ] Plano de Urbanização da Costa do Sol







# 01. INTRODUÇÃO

## TEMA E JUSTIFICAÇÃO

Partindo do princípio de conotação da água como material, conseguimos estabelecer uma relação com o ser humano, não só por se tratar de um elemento indispensável para a vida humana, mas por estar intrinsecamente ligado ao ser humano. Esta premissa explica a ligação com a simbologia das propriedades físicas materiais da água, que apesar de ser um elemento líquido, incolor e insípido na arquitetura, acaba por desempenhar um papel de experimentação como matéria, possibilitando a utilização na obra e transformado-a em parte integrante.

Este projeto parte da exploração da água como elemento preponderante na arquitetura, explorando a incorporação desta em edifício próprio. Desta forma é importante explorar a sua vivência na frente mar, repensando a água enquanto material, incorporando-o e integrando-o na Frente de Água de Cascais.

Como referido anteriormente, a freguesia da Parede sempre foi conhecida pelas suas praias com elevados níveis de iodo e boa exposição solar o que faz com que seja procurada pelas suas propriedades terapêuticas no tratamento das doenças dos ossos. Com vista a promover as valências naturais do lugar, introduzir-se-á a água como matéria e cura para várias doenças.



## OBJETIVOS E QUESTÕES DE TRABALHO

A Vila da Parede, localizada no concelho de Cascais, constitui uma área de elevado interesse histórico, cultural e social. Esta zona caracteriza-se por ter praias com elevados níveis de iodo nas suas águas, conferindo-lhes qualidades terapêuticas.

A presente proposta visa responder a uma série de premissas que propõem respeitar e valorizar o carácter do local, começando pela compreensão da relação que a identidade espacial cria com as vivências, e nomeadamente com as atividades que lá se instalam, relacionando o espírito do lugar no contexto geo-histórico, utilizando-o para consolidar e manter a sua natureza, permitindo valorizar o passado e o futuro.

Esta vivência é interrompida pela estrada marginal, tornando o percurso na frente de água descontínuo, posto isto pretende-se fomentar uma conexão mais próxima com a água, aproveitando a sua proximidade e consolidando-a de forma a que seja possível estabelecer uma relação franca, qualificando o espaço público e a ligação entre o percurso de pedestres.

A proposta visa promover os tratamentos terapêuticos que utilizem a água do mar como forma de terapia, materializando-os num edifício construído para fomentar uma maior dinâmica na frente de água. Ao divulgar a talassoterapia como uma medida de prevenção e promoção de cuidados de saúde, pretende-se investigar a fórmula programática que incentiva a melhor solução arquitetónica.

O desenvolvimento do presente projeto final de mestrado, parte da intenção de recuperar a memória, dignificando-a e potenciando-a, usufruindo das valências naturais do lugar.



## METODOLOGIA

A metodologia do Projeto Final de Mestrado opera em duas componentes, sendo elas, a componente teórica e a projetual. A componente teórica espelha todo o processo de concepção de uma proposta de arquitetura, na criação de um Centro de Talassoterapia na Parede, e de uma proposta urbana que visa a ligação na frente-mar entre os dois passeios marítimos.

A componente projetual, no decorrer do PFM, compreende a elaboração de desenhos, esboços e esquiços, diagramas funcionais, elementos 3D, fotomontagens, modelo tridimensional digital e físico. Os elementos referidos servem para melhor entendimento do projeto proposto. Este processo, potencia a interligação das duas componentes, seguindo um desenvolvimento simultâneo.

Nesse sentido a metodologia proposta, em primeira instância pretende recair na análise e estudo do local, através de métodos diretos tais como: recolha fotográfica, esboços, etc. E métodos indiretos como a pesquisa, análise cartográfica, histórica, geográfica, fotográfica e estudos de desenvolvimento para melhor compreensão do tema. Será também importante perceber de que forma a água do mar será utilizada no edifício e nas terapias.

Deste modo, requer-se a análise da zona de intervenção, considerando o tecido edificado existente e o espaço público atual, de forma a identificar e compreender as valências e necessidades. Para complementar esta fase ter-se-á apoio bibliográfico, documentos e casos de referência.

Com a implantação do projeto numa arriba, prossegue-se um estudo sobre a materialidade e processo de construção e das tecnologias mais adequadas.



A última fase diz respeito à elaboração de várias peças finais para a apresentação e defesa do projeto final de mestrado em prova pública. Os elementos referidos formam uma composição de todo o processo de evolução do projeto, desde a análise formal das condicionantes históricas, geográficas, físicas do lugar até ao objetivo final, a elaboração de uma proposta de um Centro de Talassoterapia para a Parede que utilize as propriedades diferenciadas de iodo na zona.

Os painéis finais constituintes da apresentação do PFM, reúnem um conjunto de elementos de apresentação do projeto, entre eles, desenhos, imagens, fotografias, mapas, desenhos técnicos em diferentes escalas, fotomontagens e imagens de realidade virtual. É desenvolvido em conjunto com os painéis finais, um portfólio, onde é reunida toda a informação que constitui as várias fases de trabalho e de desenvolvimento das componentes bem como os casos de referência utilizados para desenvolvimento da proposta.

Os elementos tridimensionais, maquetes de estudo, maquetes finais, fotomontagens e modelo virtual, em diferentes escalas pretendem uma maior compreensão das diferentes escalas. Desde a escala territorial onde se pretende compreender o carácter da proposta a nível urbano, o percurso que liga a frente de água, passando para o particular, a relação que o edifício estabelece com a escala humana.

Pretende assim a formulação de uma estratégia/proposta urbana em concordância com objetivos e problemáticas identificadas.



## ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O presente trabalho apresenta uma estrutura formal de cinco capítulos em que cada um deles é utilizado como elemento de percepção do papel da água no desenvolvimento humano e organizativo da cidade.

O primeiro capítulo, *Introdução*, serve como enquadramento para o trabalho, onde é apresentado o tema, os objetivos e questões de trabalho que pretende dar resposta, bem como a metodologia que segue, a estrutura e organização que apresenta.

*As Matérias da Água*, o segundo capítulo, tem como objetivo auxiliar a compreensão das várias componentes que constituem a água. Explora a sua simbologia, integração em edifícios, enquadramento histórico do início da utilização da água salgada, nomeadamente na Talassoterapia, e por último, a relação de desenvolvimento das cidades com as suas frentes.

Correspondente ao terceiro capítulo, *Vila de Parede*, constitui um estudo sobre o lugar, através do processo de investigação sobre a história, direcionado para o desenvolvimento da freguesia através do seu contexto histórico e vivências.

O quarto capítulo, *Água como forma*, apresenta uma proposta arquitetónica de um Centro de Talassoterapia, na Praia da Bafureira, bem como uma requalificação urbana da frente de água corresponde ao percurso entre São João e Carcavelos. O capítulo pretende apresentar a componente prática, sendo a partir dele que se explica e materializa o projeto, utilizando alguns casos de referência que pretendem ser um suporte à componente prática, de desenvolvimento de projeto.

*Considerações finais*, representam a formalização e experimentação de todo o processo da componente teórica e projetual.



## 02. AS MATÉRIAS DA ÁGUA

[ Fundamentos ]





## 02. AS MATÉRIAS DA ÁGUA [ Fundamentos ]

### 02.1. A SUA SIMBOLOGIA

A água tem um papel de relevo na ocupação territorial por se tratar de uma condição para a vida humana. Desde os primórdios da humanidade que as primeiras civilizações conhecidas se estabeleceram próximas dos rios para seu proveito. MOORE (1994) no capítulo *A arquitetura da água: História do significado* refere que quando a água ultrapassa o elemento físico indispensável, o Homem atinge uma relação alegórica com ela que o transcende, associando-a como fonte de vida e revitalização do corpo e da mente, com o seu carácter oculto. O elemento acaba por abraçar e moldar-se à forma que ocupa.

Com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais evidente a importância da água para a vida humana, fazendo com que as sociedades desenvolvessem técnicas para coletar, armazenar e a distribuir, tornando os locais onde esta existia mais suscetíveis à ocupação e exploração territorial. (GLANCEY, 2000).

A simbologia da água sempre esteve ligado ao quotidiano do ser humano , a água transpôs várias culturas e religiões, por fazer parte de vários rituais de purificação. *“Não se trata de uma linearidade histórica da simbologia da água entre as diferentes culturas, pois o elemento assume um arquétipo que as transpassa, uma universalidade.”* (CAMARGO, 2021, p.52). Várias religiões usavam a água para os seus rituais, *“(…) preparação para orações no Islã, renascimento no cristianismo ou bem-estar e cultivo do corpo para os gregos.”* (CAMARGO, 2021, p.52).

Os Celtas foram os primeiros a identificar as vantagens medicinais das fontes termais, tendo os Romanos utilizado os mesmos espaços e construído sobre eles. O ritual do banho para os gregos também era



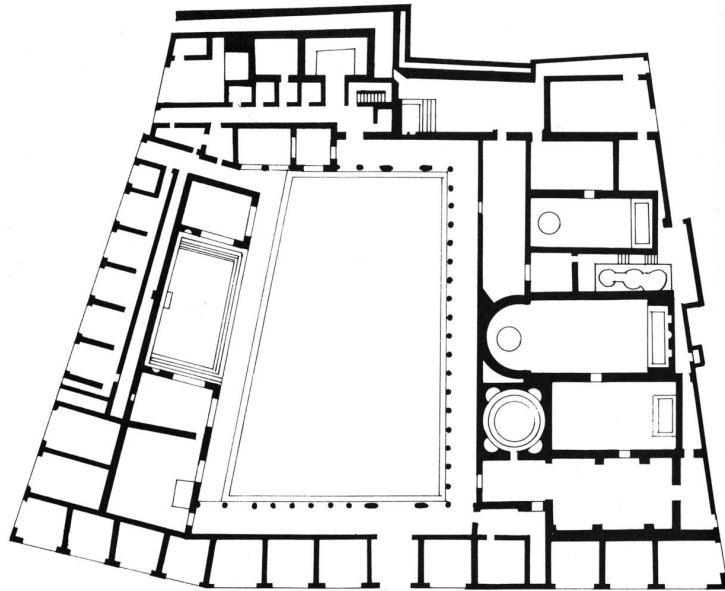
01. Theodore Chasseriau, O Tepidarium, 1853, Óleo sobre tela

02. Domenico Morelli, Pompeian Bath, 1861, Óleo sobre tela, 134,4 x 102,5 cm, Balzan International Foundation

utilizado como local de culto e cura de enfermidades. Hipócrates, o pai da medicina, reconhecia os benefícios terapêuticos das fontes e prescrevia tratamentos que utilizavam a água aquecida, difundido a hidroterapia. A cultura balneária romana foi um dos principais impulsionadores, não só por considerar os banhos como importantes para a saúde, mas por incentivar o uso da água para prevenção e cura de várias enfermidades.

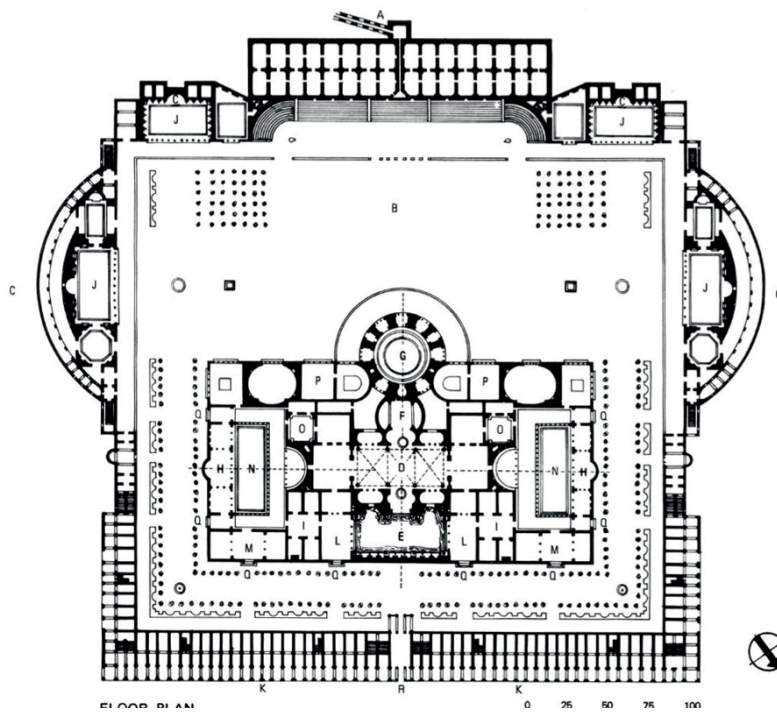
O banho romano ganhou assim um ritual que influenciou a organização arquitetônica do espaço, as primeiras salas do percurso eram destinadas aos vestiários onde as pessoas podiam deixar os seus pertences, dava-se o nome de *Apodyterium*. Seguia-se o *Palaestra*, onde se podia realizar exercício físico antes do banho, depois disso tínhamos o *Frigidarium*, o local com banhos de água fria, o *Tepidarium*, com banhos de água morna, que servia também com local de descanso, servindo de transição para o banho quente (Fig.01). O *Caldarium*, uma divisão que servia para banhos de água quente, o *Laconicum*, divisão essa quente que servia para transpiração, aquecido por uma fonte de calor central com pedras ou carvão em brasa, podendo ser ou não encontrada nos banhos públicos. O *Sudatorium*, cômodo com vapor quente para transpiração e por fim, apenas presente em termas de maior dimensão tínhamos o *Natatio*, que era uma piscina fria, geralmente ao ar livre, que pretendia encerrar o percurso e a experiências dos banhos. A par do desenvolvimento conhecido nos banhos romanos, foram também desenvolvidos aquedutos, canais, represas e cisternas. Os locais mais pequenos destinados aos banhos eram chamados de *balnea*, enquanto os maiores de *thermae*. (CAMARGO, 2021).

As termas passaram assim a ser locais de socialização e atividades intelectuais, tendo a água ganhando um papel de grande importância. A imersão em água permitia um descanso e sentimento de leveza. A imposição do cristianismo fez com que a cultura de banhos desaparecesse por ser considerado luxuosa e indecente, e com a caída



03. Planta Baixa das Termas de Stabian Bath, Pompéia

16



04. Planta baixa das Termas de Caracala, Roma

do Império Romano do Ocidente, estes edifícios foram abandonados e a prática de banhos esquecida. No Oriente, pelas mãos do império bizantino, a cultura banhar da antiguidade clássica continuou, abrindo portas para o desenvolvimento dos tradicionais banhos públicos Árabes, Islâmicos e Turcos.

A cultura do lavar-se antes da ida à mesquita faz parte da rotina no islamismo, o Hammam, conhecido como banho turco ganha assim um papel de importância, muito similar aos banhos romanos, porque também ele pretende ser um momento de relaxamento e interação social, sendo constituído por um grande hall de entrada, uma câmara intermediária, uma sauna e o banho principal de formato ortogonal. (CAMARGO, 2021).

17

O banho, impulsionado por várias culturas e religiões é cada vez mais recorrente e são desenvolvidas técnicas para o melhorar, tendo o império bizantino contribuído para o seu desenvolvimento. Voltou a ganhar lugar na Europa, pela dinastia Omíada, tendo tido especial importância na Hungria e nos Balcãs com o Império Otomano (Fig.05). A igreja católica viria a proibir os banhos e saunas. No século XIX, a balneoterapia volta a reavivar a cultura de banhos impulsionada pelas terapias medicinais termais, sempre com a água como elemento revitalizador para a saúde e bem-estar. Esta nova procura pelas águas santas fez com que surgissem várias cidades termais, criando várias estâncias balneares.



05. Termas de Széchenyi, Budapeste, 1950



06. Piscina exterior das Termas de Széchenyi, Budapeste

*“Quando a fusão entre a arquitetura e água é tratada com cuidado e criatividade, o potencial para expressão significativa é praticamente ilimitado. O mundo da água abraça todas as culturas: cada uma tem a sua própria maneira de projetar com a água e incorporá-la.”*

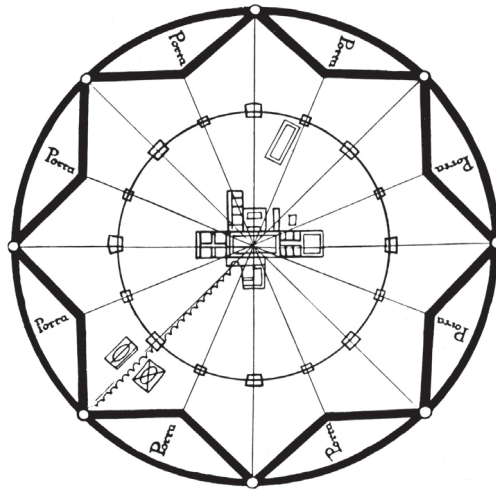
MOORE, 1994, p. 22

## 02.2. INCORPORAÇÃO NA ARQUITETURA

A presença da água dita o carácter funcional e organizativo das cidades e dos edifícios, e a sua importância como “elemento arquitetónico”. Como referido no subcapítulo da *sua simbologia*, a conotação da água esteve sempre interligada ao espírito, admiração e oculto, devido à sua conotação simbólica na arquitetura, é também experimentado como matéria.

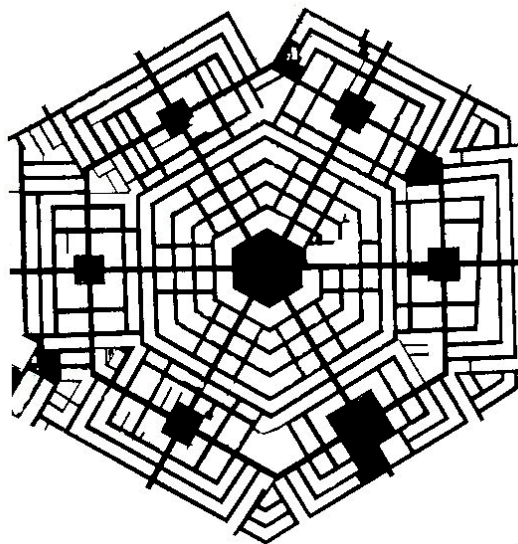
Moore afirma no seu livro *Água e a Arquitetura* (1994) que o conhecimento das propriedades físicas da água é uma base importante para a concepção arquitetónica. Na maioria das vezes é utilizada no estado líquido, mas também pode ser encontrado no estado sólido ou gasoso. Na arquitetura os três estados desempenham um papel de importante por fazerem parte dos ambientes onde estão presentes. Mais à frente no livro, Moore (1994) refere que grande parte das paisagens do mundo têm a água como protagonista “(...) *finas e silenciosas camadas de lagos do norte, intocados, refletem os céus como espelhos de mão para os deuses. Riachos florestais deslizam por dentro das vegetações na região dos Apalaches. Cascatas íngremes nas florestas tropicais venezuelanas enchem a atmosfera com névoa, afogando o ar úmido com um silêncio trovejante. Bancos de neblina que chegam do mar se dissipam nos penhascos costeiros irlandeses, depois movem-se para o interior, rolando sobre as colinas e vales como fantasmas. Chuvas caem em um zumbido suave e transformam cidades toscanas de pedra em miragens aquareladas de um molhado pastel.*” (MOORE, 1994, p.16).

Apesar da ação química e física ditarem o carácter da matéria da água em todo o mundo, na arquitetura assume-se como palco de interpretação poética e inspiração para os arquitetos. Os lugares que utilizam a água na sua génese acabam por se organizar a partir dela, determinando a organização das cidades e ordenando o território. Os



07.  
Sforzinda, Plano da Cidade  
Ideal de Filarete no século XV

22



08.  
Plano da Cidade de  
Grammichele, em Itália inspirado  
no Plano de Sforzinda

3/10

espaços de água começaram por ser locais de socialização, as termas romanas são um bom exemplo disso, mas também as praças também serviam como local de encontro a céu aberto. Partindo desta premissa, vários espaços públicos foram concebidos para promover as relações físicas e vitais que ainda hoje estão presentes na organização da cidade, onde o convívio e as relações humanas são fundamentais.

A cidade parte assim de elementos arquitetónicos que ajudam a definir a sua organização formal, como as cisternas, galerias e chafarizes, sendo estes elementos definidores da estrutura e do quotidiano dos seus habitantes.

O paraíso, referido na cultura judaico-cristã é caracterizado por um lugar onde não existe dor ou tristeza, onde os predadores e as presas vivem em harmonia, este lugar é marcado por uma fonte que se origina de uma nascente divina e sobrenatural, como referido no livro do Gênesis (Fig.09). A água que parte dessa fonte, é a base para a vida no jardim e é distribuída pelos ramos que correspondem aos rios, delimitando-o e criando uma conexão imortal e mágica, simbolizando a fonte como o ponto de origem da vida e sua essência. Filarete no século XV, ilustra um plano para a cidade ideal, Sforzinda, partindo da metáfora da água como elemento vital, comparável ao ciclo circulatório que retorna ao coração, Filarete organiza a cidade através de uma fonte central estrategicamente posicionada na Piazza. A escolha do lugar parte da limitação do ruído e a conveniência para os habitantes, propondo canais navegáveis ao redor da Piazza e criando uma rua canal com pórticos a cada duas ruas principais. É também proposto um reservatório na Piazza, ponto mais elevado da cidade que serve para distribuir a água, alimentando as ruas e as praças através de transbordamentos (Fig. 07).

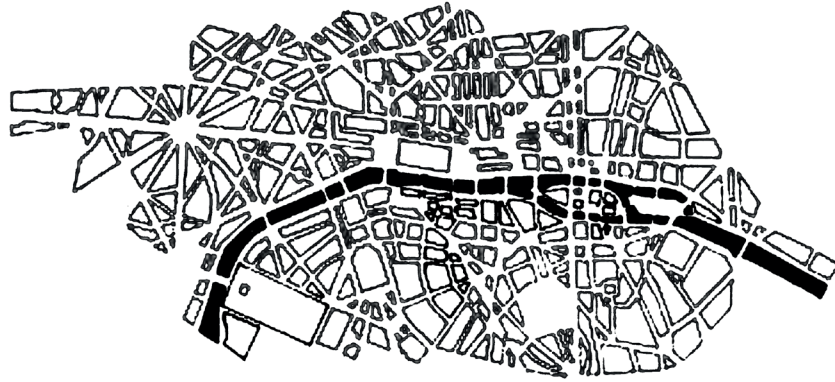
A proposta acaba por destacar o carácter simbólico da água nos planos de desenvolvimento das cidades, não apenas a função prática



09. Thomas Cole, O Jardim do Éden, 1828 , óleo sobre tela



**10. e 11.** Da esquerda para a direita  
Fonte dos Quatro Rios, Roma, Diego Delso  
Fontana di Trevi, Roma, 2023, fotografia da autora



12. Planta da cidade de Paris, editado de MOORE,1994, p.81

26



13. Planta da cidade de Roma, editado de MOORE, 1994, p.80

mas também a significativa carga simbólica que lhes confere. As fontes acabam por desempenhar um papel de relevo na arquitetura, o percurso da Fontana di Trevi em Roma, até à Fonte dos Quatro Rios é um bom exemplo de interseção entre a engenharia hidráulica e a expressão artística. O caminho feito pela água através dos vários lugares importantes da cidade como é o caso do Circo Agonalis de Domiciano, o obelisco egípcio na Piazza Navona, etc. Para além disso as fontes também eram usadas para espetáculos públicos, como era o caso da Fonte dos Quatro Rios usada para eventos teatrais barrocos.

Mais uma vez, Moore, no livro *Água e Arquitetura* refere que se as fontes são consideradas a nascente ou a fonte cardíaca da água, os canais e os rios podem ser comparados a artérias e veias na anatomia metafórica da paisagem. Assim sendo, os canais e rios transportam e circulam a água por toda a terra, sustentando a vida. Cidades como Paris, Roma, Bruges e Veneza têm a água na sua génese por incorporarem canais de água na sua estrutura urbana (Fig. 12 e 13).

27

Ao contrário das fontes, rios e canais, os lagos e espelhos de água não são conectores, mas sim, coletores de água, pois recolhem a água dos rios e da chuva. O autor refere-se à água nestas situações como *“O líquido alegórico que foi bombeado da fonte da fonte cardíaca e distribuído pelos rios e canais arteriais repousando nessas bacias.”* (MOORE, 1994, p. 121).

Na arquitetura, a água é mote para várias formas de expressão artística, organização das cidades, tratando-se de uma condição obrigatória para a vida humana. O controlo sobre a matéria leva à “manipulação” de sensações do observador.



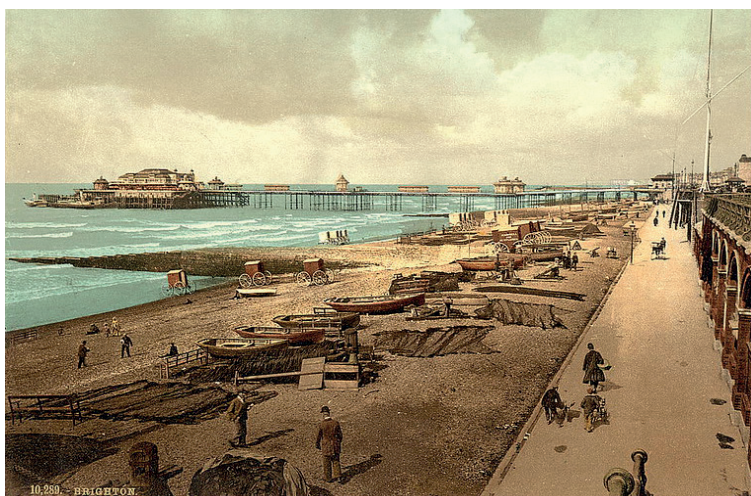
14., 15. e 16. Máquina de Banhos, servia para permitir que as pessoas na praia trocassem as suas roupas habituais para trajes de banho

### 02.3. AS TERAPIAS ASSOCIADAS

O final do século XIX trouxe os cuidados de saúde como uma das principais preocupações, é na China que são conhecidas as primeiras referências sobre os efeitos terapêuticos marinhos há mais de seis mil anos, quando se começou a usar algas vermelhas para produzir medicamentos. Como referido anteriormente os gregos e os romanos também consideravam a água salgada do mar benéfica para o Homem.

Eurípedes, 400 a.C, dizia que *“O mar cura as doenças dos homens”*, também Hipócrates, Galeno e Aristóteles recomendavam o uso da água do mar, e Platão chegou mesmo a tratar algumas doenças por recurso a banhos quentes de água de mar prescritos por sacerdotes egípcios. O estudo das ciências médicas foi-se desenvolvendo ao longo dos anos, mas o primeiro estudo conhecido sobre as terapias marítimas surge pelas mãos de Floyer, *“(…) que publica uma tese em 1697 intitulada “Digressão sobre o bom uso dos banhos de mar quentes e frios em Inglaterra”*. (SEVERO, 2010, p. 17). Posteriormente a isso, a primeira obra médica sobre os benefícios da água do mar deveu-se ao Doutor Richard Russel em 1750, considerando que a correta aplicação da terapia marinha se deve a fatores como *“(…) as características da água do mar, a atmosfera marítima e as condições climatéricas e topográficas da praia.”* (SEVERO, 2010, p. 17).

Começam a surgir locais de tratamento exclusivamente marítimos como é o caso do primeiro hospital marinho criado pelo Doutor John Lathan em 1791. A consciencialização dos benefícios curativos da água do mar levou à procura das águas para fins lúdicos, surgindo assim as primeiras estâncias termais, sendo em Inglaterra, no século XVIII, que se iniciou a prática banhar marítima, promovida por estudos médicos sobre as vantagens terapêuticas dos banhos do mar e do ambiente marinho.



17. e 18. Brighton, Inglaterra, 1890, onde foi construído a primeira estância termal

A primeira estância termal para vilegiatura marítima<sup>1</sup> foi construída em Brighton, também pelo Doutor Richard Russel e posteriormente foram várias cidades que se seguiram, como é o caso Boulogne (França) e Ostende (Bélgica), onde os estabelecimentos eram menos avançados e se destinavam a clientes ingleses.

A importância da água, tanto doce, como salgada para a saúde é conhecida pelo Homem tanto quanto a sua existência. A Talassoterapia surge assim através das estâncias hidrológicas e climáticas que usam a água salgada do mar para tratamentos, enquanto isso, as estâncias termais usam a água da nascente, ou seja água doce. O termalismo e a talassoterapia diferem no local onde residem, se por um lado o termalismo se caracteriza por se encontrar em zonas interiores com relevo elevado, a talassoterapia, por sua vez, encontra-se em zonas costeiras de clima marítimo.

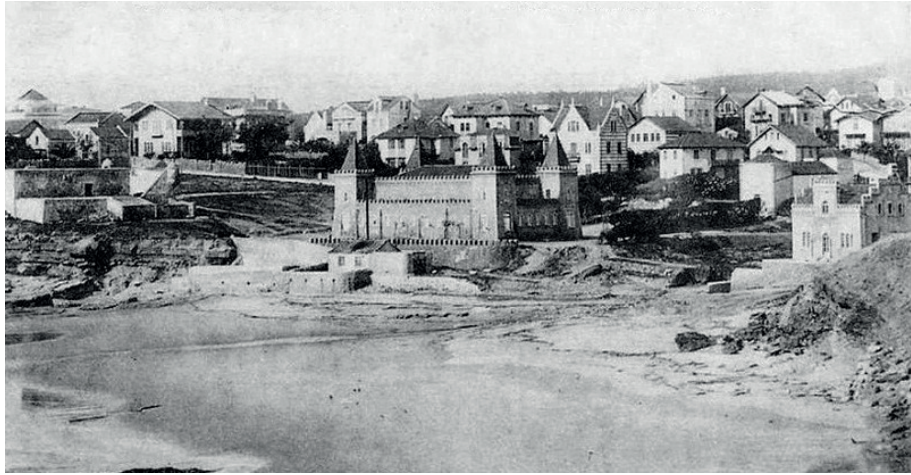
TALASSOTERAPIA (talasso + terapia) é formada pelo termo grego “thalassa”, que significa “mar”; “terapia” vem do latim, que, por sua vez, deriva do grego “therapeía”.

31

A Talassoterapia transformou-se numa importante atividade económica do âmbito da Hidrologia Médica. Por definição consiste no “Uso da água do mar, de produtos do mar (areia, lama, sal, algas) e, ainda, o clima e aerossóis, do litoral marítimos como forma de terapia”. (MORER, 2016, p.122).

---

1 Prática de veraneio de origem romana, parte da necessidade de passar um tempo fora de casa, para recreio, repouso ou tratamento, mandavam construir, no campo ou no litoral, as “vilas”. Após a queda do império romano esse hábito desapareceu, reaparecendo apenas com o início de uma economia capitalista onde as elites, constroem edifícios apenas para o lazer



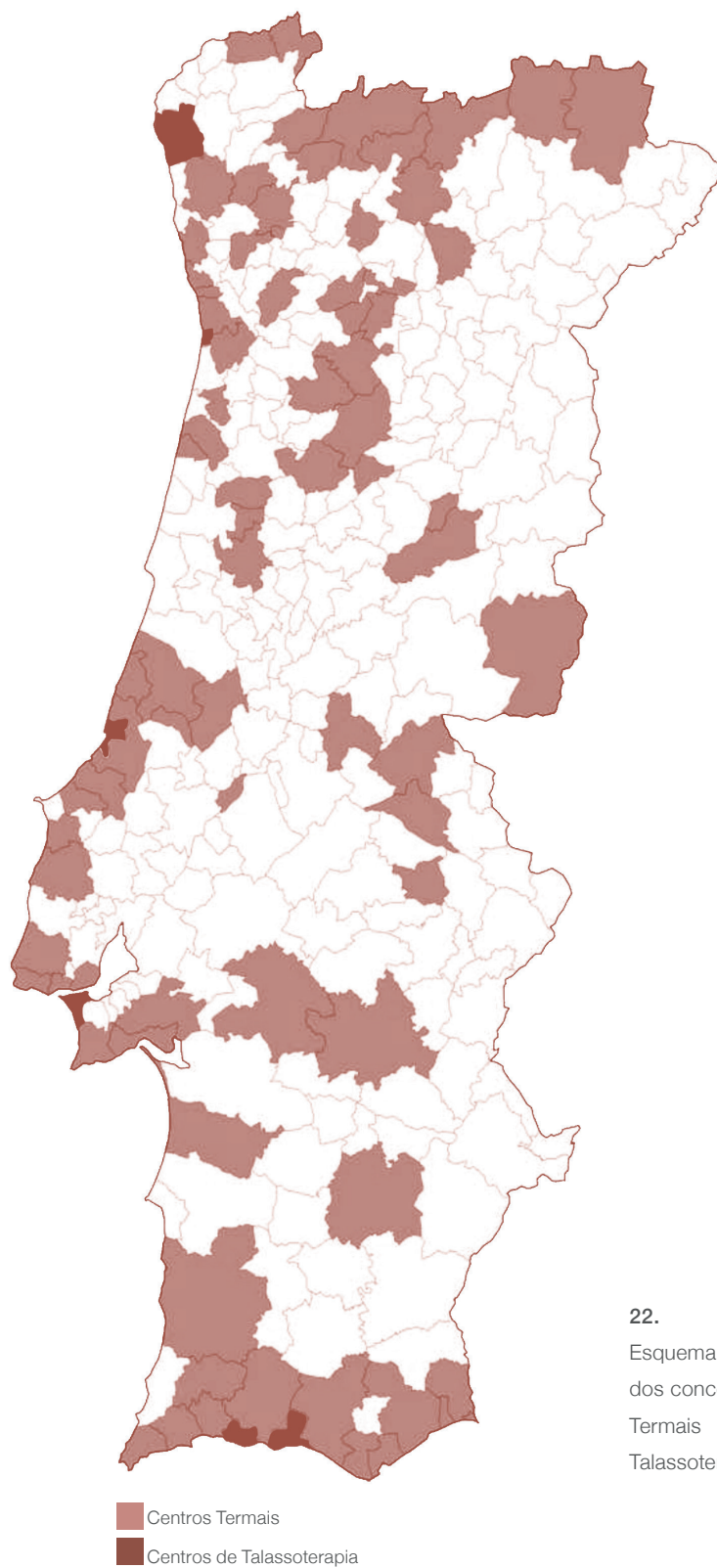
32



19. e 20. Praia de Banhos da Poça, São João do Estoril



21. Antiga Casa de chá em São João do Estoril



22.  
Esquema de Sobreposição  
dos concelhos com Centros  
Termais e Centros de  
Talassoterapia

Um dos países pioneiros, no âmbito da talassoterapia científica foi França, tendo o primeiro balneário, onde a água do mar era utilizada nos cuidados de saúde, sido estabelecido em Dieppe.

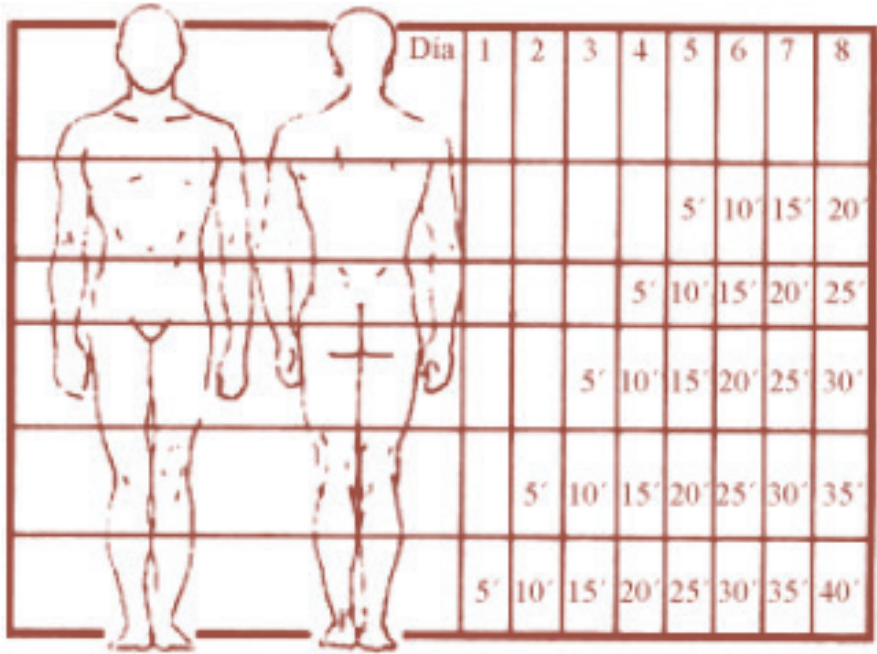
O termo Talassoterapia é atribuído ao Dr., De la Bonnardière, em 1867, pelo uso medicinal da água do mar numa estância ou resort, em Arcachon, França. Foi mais tarde construído o primeiro centro de talassoterapia, em Roscoff, pelo Dr. Louis Bagot (Fig.23). A água do mar apresenta propriedades físicas, químicas e microbiológicas díspares. A sua composição assemelha-se à composição química do plasma sanguíneo.

As práticas de Talassoterapia, quando a água é aplicada por via externa, particularmente, através de efeitos térmicos e mecânicos estimulam a circulação sanguínea, assegurando o relaxamento muscular e reduzindo o stress, tendo também efeitos analgésicos e anti-inflamatórios. A composição química da água de mares e oceanos não é uniforme, variando dentro de limites estreitos, função geológica e do clima prevalente no mar de determinada região.

Comparativamente com o número de centros termais, podemos verificar no diagrama à esquerda, a escassez de centros de talassoterapia em Portugal apesar das condições propícias e da sua extensão de costa (Fig.22).



36



23. Primeiro centro de Talassoterapia em Roscoff, França

24. Técnica de Rollier

No início, a exposição ao sol era desaconselhada, mas os benefícios dos banhos de sol vieram a ser reconhecidos no tratamento de várias doenças como é o caso da tuberculose óssea. A este processo deu-se o nome de helioterapia, que utilizava a técnica de Rollier, que definia o tempo de exposição solar para cada parte do corpo ao longo de uma semana (Fig.24).

As novas preocupações com os cuidados de saúde levam a uma nova cultura que caracteriza o século XX, que rapidamente substitui os fins meramente terapêuticos, transformando as praias em locais de encontro, lazer e de individualidade.

*“Ao longo dos tempos, essas frentes foram sucessivamente limitadas ou ocupadas pelos muros de defesa, pela logística portuária ou ferroviária, por rodovias, viadutos, nós, por indústrias, entrepostos, ou até aeroporto. Barreiras nuns casos, interfaces noutros – muralhas, aterros, docas, bairros ribeirinhos, passeios públicos ou praias – tornaram-se espaços de intervenção onde emergem transformações, mais ou menos profundas, que decorrem de alterações de base económica tradicional ou de novas tecnologias, mas também das dinâmicas próprias das aglomerações que viram multiplicada a sua população e generalizada a procura de costas mais próximas para morar, estudar, produzir, deslocar-se ou simplesmente espairecer...”*

PORTAS, 1998, p.4

#### 02.4. AS FRENTES

Como referenciado nos subcapítulos anteriores, a água desempenha um papel de importância, a sua simbologia esteve sempre ligada à vida, à cura de várias enfermidades, na arquitetura, o elemento acaba por funcionar como matéria e ter um carácter organizativo na cidade.

A relação das cidades com água nem sempre foi direta, apesar de se tratar de um recurso indispensável para a sobrevivência humana, as cidades não a integravam no desenho urbano, transformando-a numa “barreira invisível” com o desenvolvimento dos seus tecido urbanos. (PORTAS, 1998).

Todas as frentes de água são distintas porque partem de diversas conjunturas. As diferenças devem-se às heranças culturais, ao desenvolvimento, aos sistemas naturais que a condicionam, às oportunidades tecnológicas, ao investimento feito, bem como da forma que lhes foi concedida.

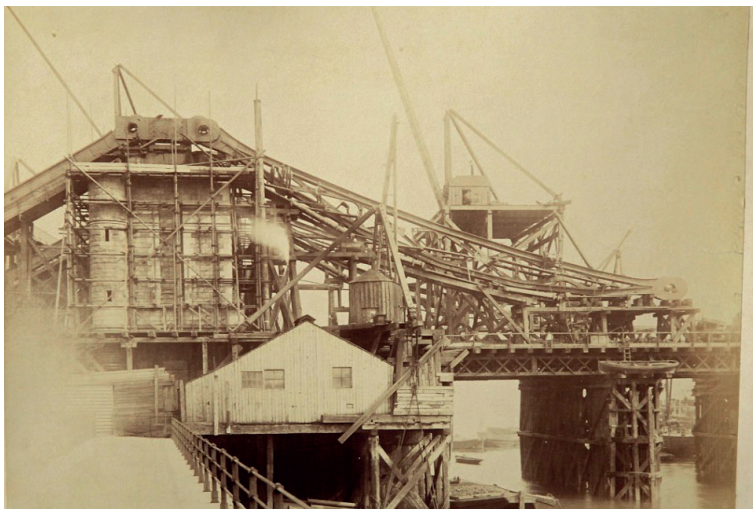
No decorrer da história moderna, a utilização destas frentes de água tornou-se importante para o desenvolvimento das cidades. No início, estas eram o elo de conexão, noutras, usadas como fortificações de defesa, evoluindo para locais de comércio, vital para as funções económicas.

Com o progresso a nível industrial-portuário foi importante repensar nas novas relações do quotidiano com a água, adaptando-se aos novos serviços e necessidades da sociedade, revitalizando muitos destes espaços que até então eram vazios urbanos. (PORTAS,1998).

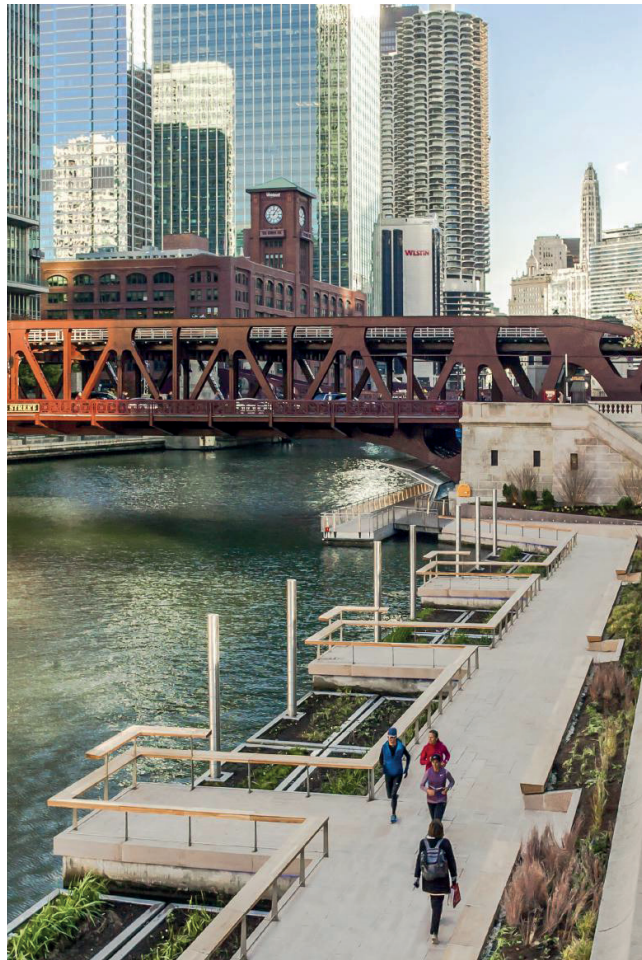
Modificaram-se e transformaram-se em lugares privilegiados de encontro. A sua integração urbana tornou-se complexa pelas exigências que implicam a incorporação na vivência da cidade, esta mudança



25. Tower Bridge, London c. 1900s, National Media Museum



26. e 27. Tower Bridge, London c. 1900s, National Media  
Museum



28. e 29. Chicago Riverwalk, 2016, projeto da autoria de Ross Barney Architects pela lente da fotógrafa Kate Joyce

transformou a água num elemento indissociável do novo imaginário da cidade alargada.

O processo de desenvolvimento posterior à II Guerra Mundial, constituiu um período de evolução das dinâmicas sociais, económicas e urbanas, culminando com o modelo económico “fordista”<sup>2</sup>, caracterizado pela produção e consumo em massa. (PORTAS,1998).

Proporcionado pelas cidades cada vez mais extensas e na relocalização de vários serviços fez com que existissem quebras entre a cidade e a súbita desocupação de enormes áreas do tecido consolidado, abrindo caminho para a transformação urbanística.

Estes locais, que até então albergavam partes das infraestruturas portuárias e industriais, debateram-se com a forma de como preencher estes vazios urbanos deixados pela recomposição do tecido. (PORTAS,1998).

43

As intervenções em Frentes de Água precisam de responder a uma série de premissas, para que a sua integração consiga relacionar-se com o tecido existente, neste momento são vistos como locais privilegiados sujeitos a uma grande pressão devido às questões climáticas, como a subida do nível médio das águas, sendo por isso necessário intervenções que visem à proteção e adaptação das mesmas. (COSTA, 2014).

Existem várias formas de intervenções para colmatar e proteger áreas costeiras vulneráveis, como é o caso de construção de barreiras costeiras, como diques e paredões, que permitem proteger contra a subida do nível do mar e tempestades. Essas estruturas ajudam a reduzir a erosão e o risco de inundações. A recuperação de praias envolvendo a reposição de areia e a reconstrução de dunas naturais pode ajudar a reduzir o desgaste costeiro e manter uma zona tampão entre o mar e

<sup>2</sup> Fordismo é um termo que se refere ao modelo de produção em massa produto, ou seja, ao sistema das linhas de produção

a terra. A criação de zonas de buffer natural, com faixas de vegetação costeira densa, pode ajudar a absorver a água das inundações e proteger a linha costeira. Melhorar a gestão de águas pluviais nas áreas urbanas para reduzir a quantidade de água que flui para as frentes de água durante tempestades pode também ser uma das estratégias a adotar. (FERNANDES, 2020). Em algumas áreas mais suscetíveis, ponderar a elevação de estradas e infraestruturas críticas. Pode ainda ser importante monitorizar e planear sistemas para acompanhar as mudanças nos locais em risco e planos de adaptação a longo prazo.

A resposta integrada de um sistema que una o existente, com as necessidades, condicionantes e as características naturais do local faz com que a solução para a vivência destas frentes seja vantajosa para mitigar os impactos das alterações climáticas, respeitando o carácter do lugar. (ASCHER,2010).



30. Zona Costeira de risco, no possível cenário de subida de 2,5 metros acima do nível de praia-mar





### 03. VILA DE PAREDE

[ O lugar ]



## 03. VILA DE PAREDE [ O Lugar ]

### 03.1. CONTEXTO HISTÓRICO DE CASCAIS

A memória atribui um sentido a uma identidade espacial, estando interligado à passagem do tempo, indissociável da vivência e da história do local. É a partir dela que reconhecemos os locais, pessoas e vivências. Compreender o local e a sua história torna-se indispensável para perceber como o território se desenvolve nos vários períodos e quais os fatores estruturantes da sociedade que contribuíram para o desenvolvimento.

Existem fatores indissociáveis da ocupação territorial, como é o caso da localização geográfica e do clima, que ajudam a explicar a contínua ocupação ao longo dos tempos. A primeira ocupação territorial atribuída ao concelho de Cascais remonta ao Paleolítico<sup>3</sup>, sendo vários os vestígios arqueológicos presentes no concelho. Existem também vestígios da ocupação romana que subsistem “(...) *villae* contribuíram de forma decisiva para o povoamento da região (...)”. (HENRIQUES, 2010, p.7). A ocupação muçulmana prolongou-se por mais de quatro séculos e meio, e foi por isso a que mais contribuiu para a matriz identitária do concelho.

Depois da conquista cristã em 1147, em que os limites do território aumentaram, é que se começou a garantir a proteção da costa. Ao mesmo tempo, aumentaram as necessidades ligadas ao desenvolvimento do comércio, benéfico para a evolução do futuro concelho, tendo Cascais aproveitado o seu posicionamento como porto privilegiado para o escoamento de produtos agrícolas do concelho de Sintra, a que ainda pertencia. (HENRIQUES, 2010).

3 O paleolítico é o primeiro período de pré-história, sendo comumente compreendido entre 2,7 milhões de anos até 10.000 anos atrás



31. Pintura: Baía, ponta da Cidadela, barcos de pesca e de recreio, 1880, autor desconhecido

Foi só a 7 de Junho de 1364 que D. Pedro I atribuiu a Cascais o estatuto de Vila e que o separou do concelho de Sintra, não tendo sido definidos os limites da concelhia até 1370. Durante o reinado de D. Fernando I, este entregou como feudo<sup>4</sup>, a Gomes Lourenço do Avelar, parte do território de Cascais, tendo estabelecido os limites formais do concelho, muito próximo aos limites atuais. Cascais transforma-se assim num porto concorrido, que servia de apoio ao porto de Lisboa nas exportações e no abastecimento de peixe e produções agrícolas, afastando-se assim de Sintra. (HENRIQUES, 2010).

A nomeação do alcaide de mar para Cascais, que policiava os pescadores, provava a importância que o Porto afirmava. A vila continuava a crescer e apesar da conquista e saque do castelo, pelos castelhanos em 1373, e posterior bloqueio do Porto em 1382 e 1384, continuou a crescer no exterior das suas muralhas. A concelhia apresentava uma população superior à média nacional, a maioria vivia no litoral apesar de ser menos atrativo para a agricultura.

51

No século XV, foi ampliado o perímetro das muralhas, sendo necessária a construção da “Torre de Cascais” para cumprir as funções militares que o castelo já não conseguia fazer face, foi este o elemento de transição entre o castelo medieval e a fortaleza abaluartada, com principal mais-valia a localização junto ao mar.

O exército espanhol, comandado pelo Duque de Alba, desembarcou em Cascais com vista a conquistar Lisboa e colocar Filipe II no trono de Portugal, a fortaleza acabou por ser tomada um dia depois. Não sendo o único momento da história em que Cascais sofreu ataques, em 1587, navios ingleses atacaram a vila, mas não conseguiram desembarcar, D. António na tentativa de conquistar o trono, tomou Cascais saqueou e incendiou-o. D. Filipe I consciente dos vários problemas defensivos que

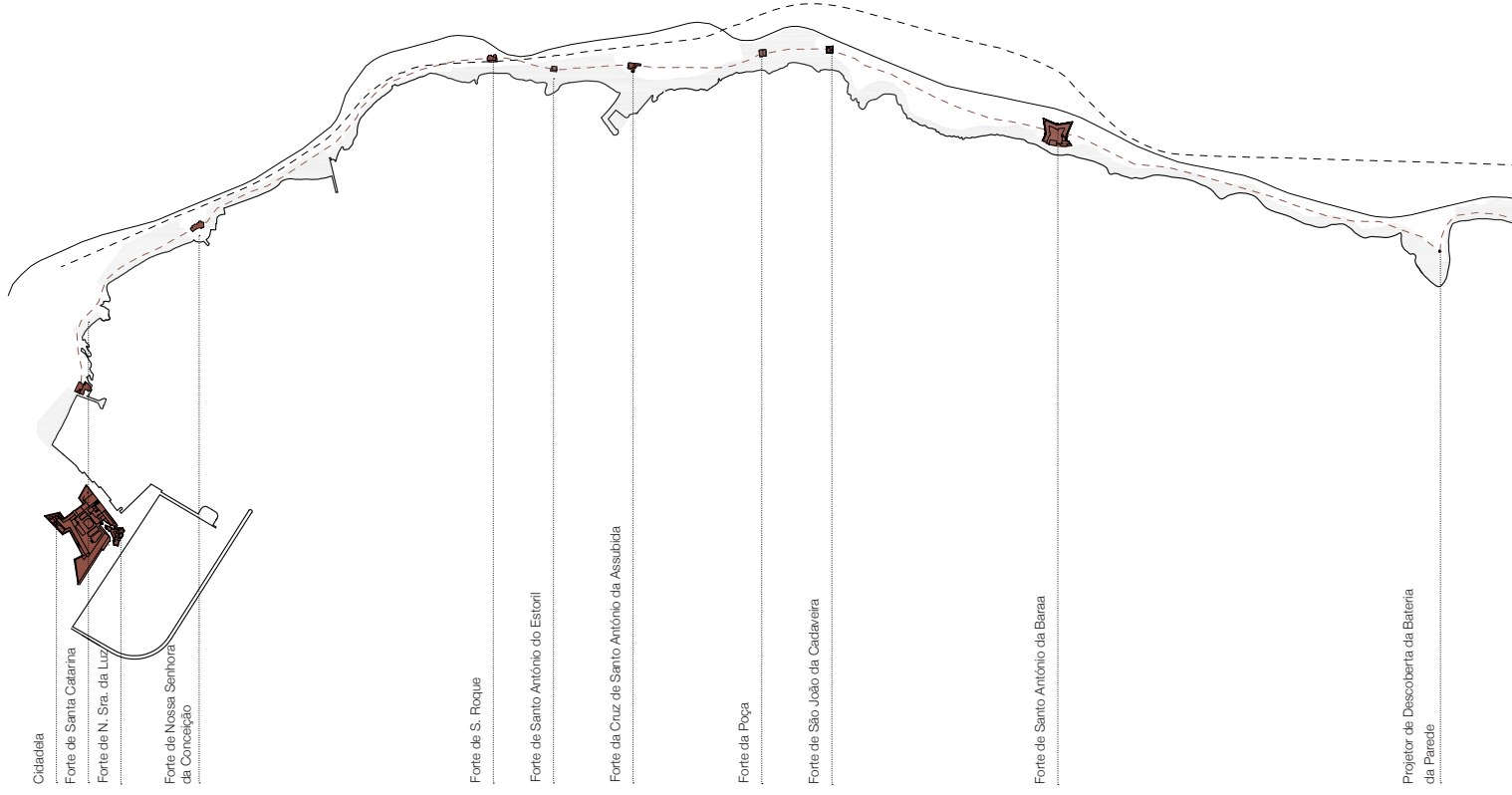
---

4 Unidade territorial gerida pelo senhor feudal



© The Hebrew University of Jerusalem & The Jewish National & University Library





Cidadeela

Forte de Santa Catarina

Forte de N. Sra. da Luz

Forte de Nossa Senhora da Conceição

Forte de S. Roque

Forte de Santo António do Estoril

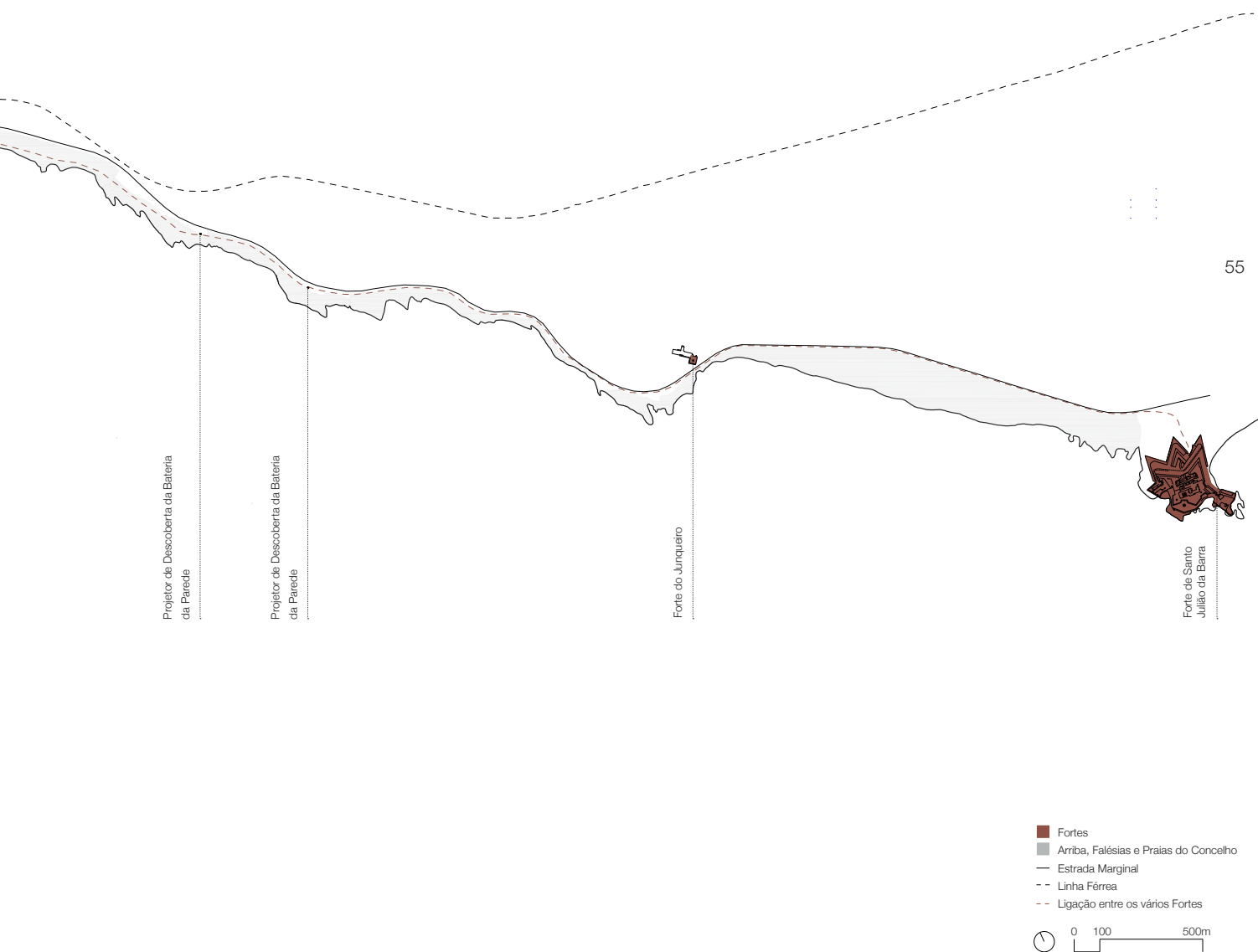
Forte da Cruz de Santo António da Assubida

Forte da Poça

Forte de São João da Cadaveira

Forte de Santo António da Barraa

Projektor de Descoberta da Bateria da Parede





34. Representação de Cascais posterior ao terramoto de 1755

a vila estava sujeita, ordenou o levantamento da planta de Cascais e de uma carta de costa até S. Julião da Barra. Após a Restauração da Independência nacional, foram construídas várias fortificações entre o Guincho e Carcavelos.

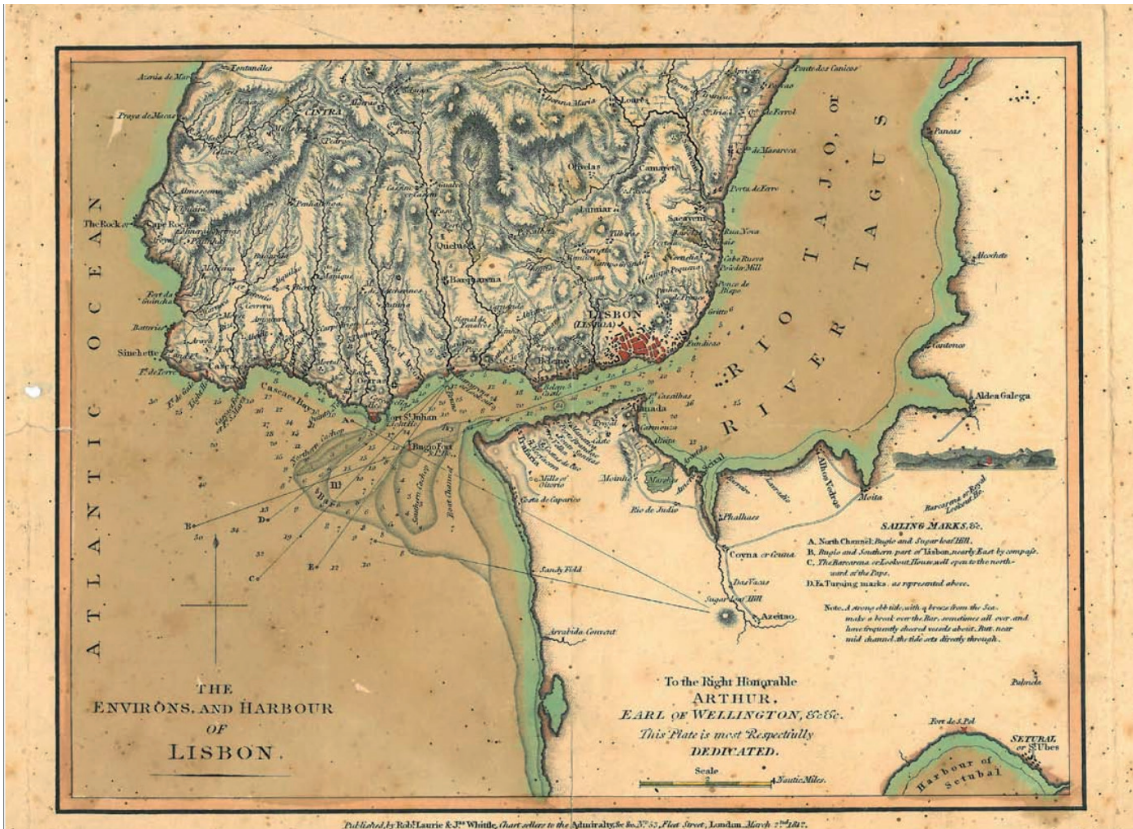
Em 1755, um terramoto de grandes dimensões fez-se sentir, provocando grandes estragos na zona litoral da cidade, e também em Cascais, foi seguido de um maremoto devastando a Vila e provocando a morte de muitos habitantes. Foi só na primeira metade do século XX que os últimos vestígios da destruição desapareceram da malha urbana. (HENRIQUES, 2010).

Durante muitos séculos a principal ocupação dos habitantes do concelho era a agricultura, apesar de terem demorado algum tempo a adotar novas técnicas agrícolas e enfrentado desafios como o excesso de divisões nas terras, a natureza geológica variada fazia com que fossem produzidas boas colheitas apesar dos métodos rudimentares, ainda assim não conseguiam fazer face às necessidades locais. A vinha era a cultura mais destacada no concelho. Desenvolve-se assim a figura do saloio<sup>5</sup> que ao longo de gerações desenvolve cultura própria, traduzida nos seus costumes, crenças, linguagem e vestuário, acabando em função do desenvolvimento do litoral a dedicar-se sobretudo à construção civil, onde a extração e preparação da pedra ocupava parte substancial da população.

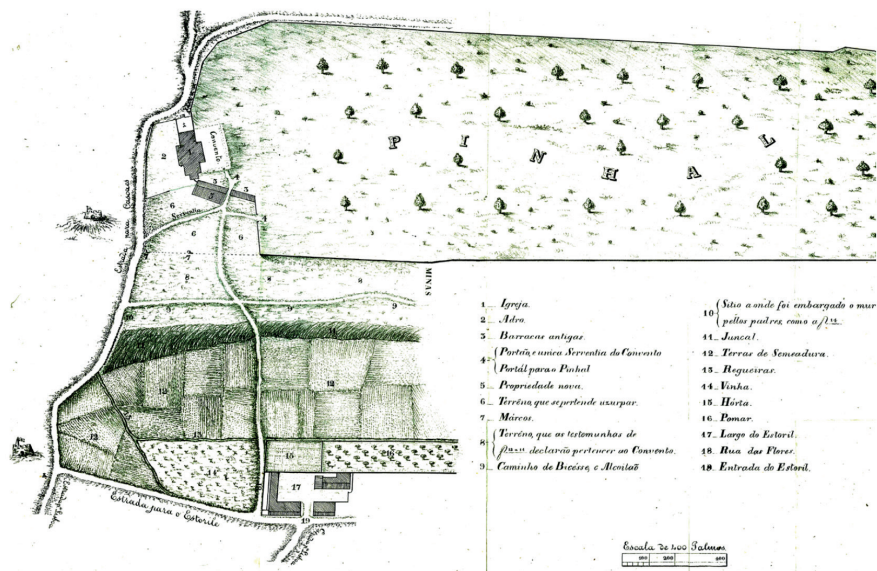
Em 1807, Cascais foi ocupado pelo tropas francesas até ao ano seguinte, data em que a esquadra britânica tomou as fortalezas de Cascais, S. Julião e Bugio após a assinatura da Convenção de Sintra. A vila entrou no processo de decadência, agravada pela extinção das ordens religiosas. A região, exceto Cascais, viraria as costas para o oceano, mantendo-se predominantemente agrícola.

---

5 Habitante natural das zonas rurais no termo de Lisboa à data da sua conquista



35. Barra do Tejo, 1802, Wellington



36. Santo António do Estoril, c. 1845 de Santo António do Estoril



37. Criança montada em burro junto ao arco da Quinta de Caparide, 1900, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município

Não se consegue precisar quem começou a utilizar as praias do concelho para a prática de banhos do mar, alguns dizem que se deveu aos religiosos que viviam no Convento do Estoril, ou a alguns liberais aprisionados durante o miguelismo em Cascais, mas sabe-se que esta moda se deveu aos pressupostos terapêuticos que começavam a ser tema de discussão.

Durante o século XIX, Cascais foi centro de atividades sociais, políticas e culturais, tendo uma das suas praias ganho até o estatuto de praia da Corte, pela preferência da Rainha D. Maria Pia e posteriormente do Rei D. Luís na passagem de longas temporadas no concelho. Apesar de já existirem alguns hotéis que pretendiam fazer face à demanda ao nível de alojamentos, estes mostravam-se escassos para afluência dos visitantes. Principalmente durante o reinado de D. Carlos I, que mudou sazonalmente a corte para o concelho, transformando o período do ano dedicado aos banhos de mar, num período de lazer e de prática de várias modalidades, transformando-se num local popular não só entre a corte portuguesa, mas também nas elites europeias que cada vez mais eram adeptas da vilegiatura marítima. (HENRIQUES, 2010).

O percurso até ao concelho era feito maioritariamente por carreiras char-à-bancs, mas com a instalação sazonal da Família Real tornou-se necessário construir um caminho-de-ferro que ligasse à capital, tornando o percurso mais rápido, futuramente mostrou-se como o maior instrumento de desenvolvimento do concelho.

No início do século XX, o turismo mostrou-se com um dos maiores impulsionadores no desenvolvimento em Cascais, onde foram construídas várias instalações termais, como foi o caso das Termas do Estoril, mas também sanatórios para tratamento e prevenção de doenças, como foi o caso do Sanatório Sant'Ana.



38. Banhistas na Praia da Ribeira, 1900, Arquivo Histórico Municipal

Com a cada vez maior afluência ao concelho foi necessário melhorar a rede de infraestruturas. Como já referido, a construção do caminho-de-ferro foi um importante marco que acompanhado com a construção da Estrada Marginal e da autoestrada A5 tornaram a viagem até ao concelho mais rápida. O Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS) foi o primeiro plano de ordenamento em Cascais desenvolvido por Donat-Alfred Agache que pretendia ser um estudo de urbanização da “larga zona de terrenos que vai ser aberta à urbanização e à exploração turística pela construção da estrada marginal entre Lisboa e Cascais”. [Decreto n.º 22:444, de 10 de abril de 1933], proporcionado pelo período de crescimento que o país atravessava devido ao processo tardio de industrialização.

63

Por estes motivos, os setores primários, como é o caso da atividade piscatória e agrícola, viram as suas atividades serem postas de lado a nível nacional para darem espaço ao desenvolvimento do setor terciário.

Cascais, reencontrou nas águas, primeiramente termais e depois salgadas, a justificação para o seu desenvolvimento futuro, o potencial da sua margem afirmou o concelho a nível internacional como palco de diversidade arquitetónica, arqueológica e natural.



*“Aninhado entre Sintra, Oeiras e o Oceano Atlântico, Cascais espraia-se por pequenas colinas e vales pouco acentuados, desde a encosta da serra até ao litoral, que se caracteriza por praias e arribas entre Carcavelos e Cascais, às quais se segue, da vila até ao Guincho, uma área de costa alta, rochosa e desgastada pela erosão e, depois, vastos areais e dunas”*

HENRIQUES, 2010, p.7

### 03.2. A COMPOSIÇÃO DA MARGEM DE CASCAIS

Situado a ocidente do Estuário do Tejo, entre a Serra de Sintra e o Oceano Atlântico, o território do concelho é delimitado a Norte por Sintra, a Oriente pelo concelho de Oeiras e a Sul e a Ocidente pelo Oceano. No século XII, foi uma pequena aldeia de pescadores e lavradores, mas foi a partir de 1370 que se assistiu a um crescimento de Cascais para fora das muralhas. Cascais apresenta um vasto património ambiental, geomorfológico e paisagístico, para além de um sistema biofísico costeiro muito diversificado, o que explica a sua ocupação ao longo do tempo. (HENRIQUES, 2010).

O contexto de desenvolvimento de Cascais difere de muitas frentes de água, em que a maioria partia de contextos portuárias sendo ocupadas por infraestruturas, fábricas e portos. A frente de Cascais deveu o seu desenvolvimento ao turismo e lazer. A cartografia da época reflete de forma expressiva a ruralidade do concelho com aldeias dispersas, deixando ao abandono parte da frente marítima que apenas era explorada no centro da vila.

A margem de Cascais é marcada por ser a porta de entrada da Barra do Tejo, nomeadamente da cidade de Lisboa o que faz com que seja pontuada por diversas estruturas militares de defesa do litoral de forma a dissuadir o desembarque de tropas inimigas desde o século XV.

O fatídico terramoto de 1755 culminou num período de decadência da vila com a extinção das ordens religiosas e a retirada do Regimento de Infantaria 19, onde muitos dos edifícios ficaram destruídos, deixando claro o rasto da destruição como refere Frei António do Espírito Santo: *“Quem em Cascais buscar quem foi Cascais, na mesma terra a terra não divisa”*. (HENRIQUES, 2010, p.26).



Durante séculos, a principal atividade dos habitantes do concelho era a agricultura resultando em excesso de emparcelamento das terras de cultivo o que culminava em grandes vazios urbanos, as vinhas constituíam grande parte dos terrenos agrícolas sendo o vinho de Carcavelos dos mais conhecidos.

A balneoterapia europeia impulsionada por fatores de carácter social, científico e pela evolução da química, resultou numa maior procura de locais próximos da água para prevenção e tratamentos das doenças contribuindo para o desenvolvimento na linha de água. (MARTINS, 2011).

Cascais viu o seu crescimento futuro fortemente marcado pela arquitetura de veraneio, tendo a sua margem passado por processos de transformação para se tornar num destino turístico de renome. Impulsionado pela família real portuguesa que começou a frequentar a região, o que fez com que a elite social também procurasse em Cascais, locais onde pudessem edificar residências de verão, na zona costeira, principalmente nas arribas, promovendo o desenvolvimento da zona, marcadas pela valorização do poder curativo do mar gerando núcleos de veraneio .

A importância da ligação ao mar leva a que sejam projetados sobre ele vários chalets e palacetes com entradas diretas para as praias desde Cascais até São João do Estoril, sendo que o caso da Parede e de Carcavelos difere. O litoral é deixado vago e o veraneio desenvolvesse à volta do caminho de ferro, não só por ser mais tardio, mas por se basear em ideais republicanos, em contraponto com a apropriação que até aqui estava a ser feita na frente-mar e por ter uma elite que vê a saúde e a paisagem como valores fundamentais, considerando as vistas para o mar de todos.





**40.** Casa dos Duques de Palmela construída sobre a arriba, em Cascais, 1900, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município

A prescrição das terapêuticas marítimas, rapidamente foram sendo substituídas pelo prazer na vilegiatura, principalmente pela nobreza e elite britânica, culminando na criação de estâncias balneares por toda a Europa. O turismo aliado à saúde fez com que aparecessem estâncias luxuosas associadas a unidades hoteleiras e foram desenvolvidas zonas de lazer de apoio como era caso de casinos, livrarias, restaurantes, estabelecimentos de banhos, etc. Foi a corte francesa que a popularizou, sendo seguida pelo resto da Europa, como foi o caso de Portugal. (SEVERO, 2010).

Estes lugares que até agora se destinavam à pesca, ocupados pelos estaleiros e barracas de apoio passaram a ser lugares de lazer e cada vez mais procurados, impulsionados pelas transformações socioeconómicas e políticas e pela evolução dos meios de transporte o que tornou o usufruto da praia acessível a todos. (LOBO, 2012).

O final do século XIX e início do século XX foi marcado por uma enorme preocupação nos cuidados de saúde, sendo estabelecidas várias estratégias de prevenção de doença, bem como políticas de promoção e educação de práticas higiénicas. (TAVARES, 2005).

Essas diretrizes resultaram na construção de novos hospitais, sanatórios e centros de férias balneares direcionados, tornando-o tema central de discussão. (TAVARES, 2005). O que culminou com uma série de estratégias a adotar para melhorar a qualidade de vida das pessoas, não ficando por aí, percebeu-se a necessidade de repensar o território e as redes urbanas, com sistemas eficazes de esgotos, a existência de jardins e praças públicas, a construção de habitações com água potável e balneários públicos. (SEVERO, 2010). O melhoramento da rede de infraestruturas viárias e de transportes, nomeadamente da abertura da Estrada Real até Cascais e do desenvolvimento do caminho férreo veio permitir que o veraneio se torna-se suburbio e que as pessoas,



41. Farol de Santa Marta, 1930, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município



42. Descarga de peixe na Praia da Ribeira, 1940, Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município

principalmente da classe burguesa começassem a escolher o concelho para viver ao longo do ano.

A criação de estâncias de veraneio, partiu da grande preocupação pela saúde e faz parte integrante da história e desenvolvimento de Cascais. A procura pela luz solar enquanto agente terapêutico, passou a ser priorizada e o tratamento do corpo e da mente levou a uma crescente procura das terras-de-águas, por parte dos portugueses. Reencontrando nas águas, primeiramente termais e depois salgadas, a justificação para o seu desenvolvimento futuro. (HENRIQUES, 2010).

72

A talassoterapia impôs-se como campo distinto para o tratamento e repouso de doenças associadas aos ossos, contribuindo para o investimento em novos equipamentos para a saúde e lazer em certas zonas climáticas e marítimas nacionais. As estâncias termais à beira-mar, ao associarem as indicações clínicas às do clima marítimo ganharam vantagem em relação aos tratamentos tradicionais e serviram como mote para desenvolvimento de várias regiões como foi o caso de Cascais.



43. Espetadores nos passeios Maria Pia e Príncipe Real D. Luís Filipe, em dia de festa, 1940,  
Arquivo Histórico Municipal, Coleção Antiga do Município



44. Comboio a vapor junto à estação de caminho-de-ferro do Monte Estoril, c. 1907 | Coleção José Santos Fernandes – Arquivo Histórico Municipal



45. Panorâmica das praias do Monte Estoril e do Tamariz, c. 1906 | Coleção José Santos Fernandes – Arquivo Histórico Municipal



### 03.3. AS INFRAESTRUTURAS E A EVOLUÇÃO URBANA

Na sequência da maior procura de Cascais como um destino de praia, passou a ser necessária uma ligação ferroviária para a capital, como expressado por Pedro Barruncho em 1873, quando afirmou que “*as estradas tradicionais já não são suficientes: Cascais agora merece uma conexão ferroviária*”. No entanto, esse projeto nunca foi concretizado e só voltou a ser pensado após a suspensão da concessão, a pedido da Companhia Real dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, que, em 1887, recebeu permissão para explorar a linha férrea que irá ligar as duas estações existentes em Lisboa, conhecidas como Cais dos Soldados e Alcântara, e para construir e operar a extensão dessa linha até Cascais. No mesmo ano, o projeto da seção do troço entre Belém e Cascais foi aprovado, com algumas condições que destacavam a importância do fenómeno da estância balnear para sua execução, incluindo a preservação de áreas públicas próximas ao antigo convento do Estoril e a construção de passagens de nível para o serviço das praias.

77

A linha ferroviária partia de Pedrouços, onde foi construída uma ponte-cais para acomodar a ligação com a estação Cais do Sodré. O comboio seguia em via dupla até Algés, Dafundo e Cruz Quebrada. Depois, continuava para Caxias e Paço de Arcos, passando por um viaduto sobre a Ribeira da Lage até a vila de Oeiras. Em seguida, atingia o ponto de parada de Carcavelos, seguido por Parede-Galiza e Estoril, antes de continuar até Cascais, seguindo a linha junto ao mar. A linha férrea continuou a estender-se e ganhou novas ligações com é o caso de Alcântara-Terra e o Cais do Sodré. O crescimento das áreas circundantes à linha de Cascais foi evidenciado pela construção de novas estações em S. João do Estoril, Monte Estoril e S. Pedro do Estoril.

A construção da linha de Cascais resultou na redução do tempo de viagem entre a Vila e Lisboa. Em 1926 foi introduzido a tração elétrica

46. Construção da via férrea com assentamento de travessas e carris (arq. priv.)

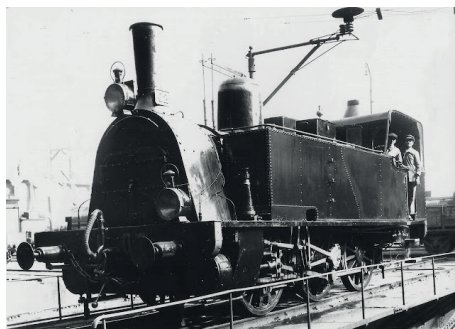


78

47. Estação de Algés com passagem superior, fotografia de José Chaves Cruz, arq. AML



48. Locomotiva a vapor que circulou na ramal de cascais, arquivo privado



49. Passagem superior na estação de Pedrouços, final do séc. XIX, fotografia de Arthur Freire, col. Relíquias do Passado Ferroviário Português



na linha de Cascais, tornando-a a primeira da Península Ibérica a contar com essa tecnologia.

Com a afirmação de Cascais como estância de veraneio tornou-se necessário repensar os acessos à antiga vila piscatória, de forma a dar resposta à procura crescente, à necessidade turística e à expansão sofrida no território. Através das campanhas de obras públicas do MOPC, foi possível realizar obras estruturantes nas infraestruturas de acesso à capital, nomeadamente nas estradas que ligavam Cascais a Lisboa como foi o caso da Estrada marginal (antiga Estrada Real) e da autoestrada turística até ao Estoril.

O PUCS, desenvolvido entre 1933 e 1936 pelo urbanista francês Donat - Alfred Agache e mais tarde pelo urbanista Etienne de Gröer previa a expansão ao longo da linha de costa de uma estrada que interligasse os concelhos de Cascais, Oeiras e Lisboa o que levou ao início do estudo dos terrenos abertos à exploração turística. Uma estrada que aproveitasse a beleza natural da costa entre Cascais e Algés e de uma autoestrada que introduzia “(...) *um novo conceito de via rápida de circulação automóvel.*” (LOBO, 2012, p.453).

79

Os dois fatores eram apresentados “(...) *como um importante factor de prosperidade para a cidade de Lisboa e para a região, no presente e no futuro (...)*” (LOBO, 2012, p.453), tornando-se vital para afirmar a Costa do Sol como zona de turismo internacional.

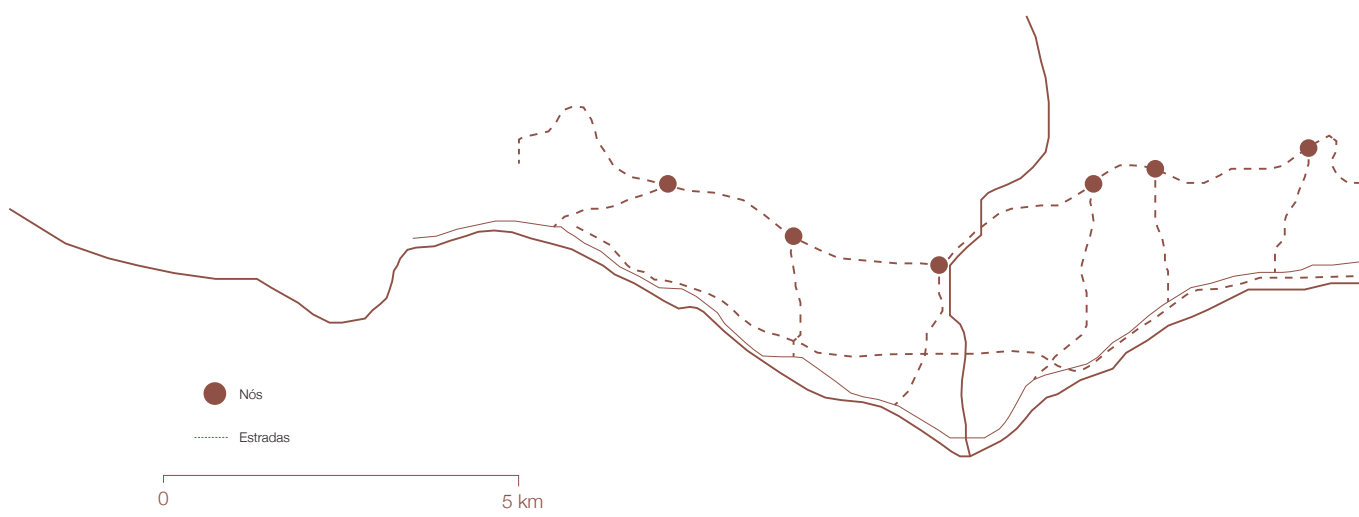
Enquanto Agache projetou uma infraestrutura regional integrada, caracterizada por uma via panorâmica ao longo da costa (a Estrada Marginal) e uma autoestrada paralela ao litoral, Gröer concentrou-se principalmente na organização detalhada dos aglomerados urbanos. A Estrada Marginal tornou-se um eixo fundamental para o concelho, permitindo sua expansão ao longo da costa e posteriormente para o interior.



50. Estrada Marginal, Alto da Boa Viagem, 1956, fotografia de António Passaporte



51. Caxias, autor desconhecido



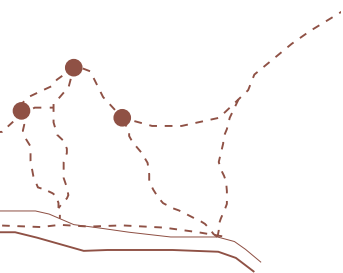
**52.** Planta das ligações  
proposto pro Agache

A Avenida Marginal (EN6-1) e a linha ferroviária desempenharam um papel de relevo na afirmação de Cascais no panorama turístico, estas novas infraestruturas urbanas possibilitaram uma rápida transição entre a capital e os concelhos limítrofes. Paralelamente, ao norte da faixa costeira, em 1944, concluiu-se a construção do primeiro trecho da Autoestrada da Costa do Estoril, que hoje é conhecida como A5, começando na fronteira urbana de Lisboa, no Parque Florestal de Monsanto. Após a resolução das conexões com o centro de Lisboa, e como referido anteriormente, o plano com base nas principais infraestruturas de promoção regional, a saber, a Linha de Cascais, a Estrada Marginal e a Autoestrada para o Estoril concebeu um plano de ocupação do espaço das várias localidades. Essas duas últimas vias, conhecidas como as “abcissas”, seriam interligadas por uma série de eixos transversais, referidos como “ordenadas”, criando linhas de acesso ao interior. O objetivo era contrariar o desenvolvimento predominantemente linear ao longo da costa, favorecendo uma rede de relações mais ampla que promovesse a urbanização equilibrada do território.

83

A Estrada Marginal, servia assim os principais núcleos balneares e praias da região, começando a tomar forma a partir de Caxias, atravessando a linha férrea para seguir de perto a linha de costa até ao Estoril. A nova estrada, com 16 metros de largura, implicou a reformulação de grande parte da antiga Estrada Nacional, com exceção de um novo trecho entre Oeiras e a Parede, cuja construção representou um investimento significativo devido a desafios técnicos e limitações de espaço.

No caso da autoestrada turística, o traçado, partiu do cruzamento da Cruz das Oliveiras, influenciado pela topografia e pelo sistema de propriedade da região, procurando a melhor forma de integrações paisagísticas com o mínimo de expropriações possíveis, mantendo-se dentro da faixa de 150 metros de largura recomendada para a implantação (reduzida para 40 metros nas áreas urbanas).





54., 55. e 56. Autoestrada Turística que liga Lisboa a Cascais na data da sua inauguração em 1944

Próximo a Lisboa, uma Avenida Circular foi planeada para facilitar a ligação entre as duas principais vias, com a possibilidade de expansão conforme a demanda de tráfego aumentasse. As “ordenadas” subsequentes foram projetadas para ligar a Autoestrada às comunidades à beira-mar com estações ferroviárias, como Algés, Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Oeiras, Carcavelos, Parede e S. João do Estoril, muitas delas aproveitando a rede viária já existente. O número elevado de nós que a malha tinha conferia-lhe quase como uma via rápida suburbana.

A partir deste plano a Costa do Sol foi dividida em quatro aglomerados urbanos, entre eles está, Algés, Dafundo e Cruz Quebrada, o primeiro grupo em que é proposto uma área de veraneio popular com a criação de um “Parque Desportivo” no Vale do Jamor, com estação ferroviária e acesso direto da Autoestrada e da Estrada Marginal. O segundo grupo, ainda ao longo do Rio Tejo, abrange Caxias, Paço de Arcos, Oeiras e Santo Amaro, conhecidas como *“praias destinadas às famílias da classe média e para fins de semana.”*

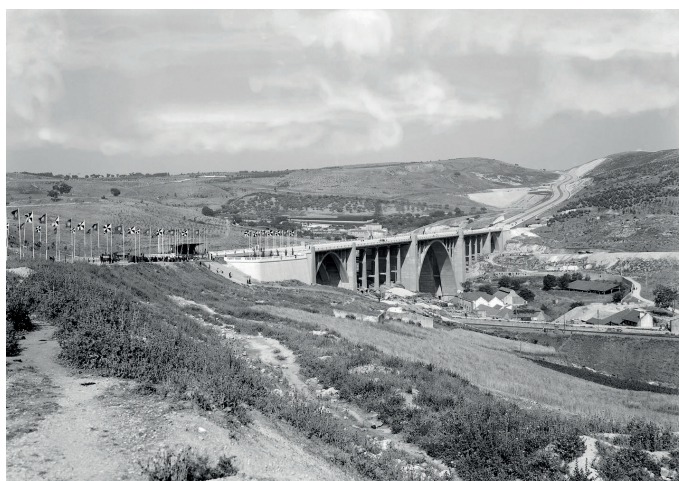
85

O terceiro grupo que alberga Carcavelos, a única localidade da Costa do Sol onde se previa a criação de um novo centro balneário, além da Parede, conhecida como estância sanatorial e São Pedro.

O quarto grupo é composto pelo Estoril e Cascais, famosas como *“praias de luxo e turismo.”* Cada grupo é fisicamente delimitado dos outros por uma zona rural de proteção com caráter agrícola ou florestal, onde nenhum desenvolvimento urbano é permitido. Essa medida visava evitar que a região se transformasse em um subúrbio contínuo de Lisboa, preservando a identidade distinta de cada núcleo satélite e promovendo sua complementaridade na estrutura regional, seguindo a visão de Ebenezer Howard para cidades-jardim.

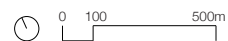
Entre os anos de 1935 e 1936, foram desenvolvidos estudos de urbanização para várias das aglomerações e praias na Região Oeste.





57., 58. e 59. Vistas ao longo do percurso que liga Lisboa a Cascais em 1944





Mantendo a coesão de sua visão para o conjunto, o urbanista baseou-se, mais uma vez, no “zoneamento” e na rede viária como os principais instrumentos organizativos, sendo complementado por regulamentos específicos organizados por zonas, incluindo Zona de Habitação (individual, agrupada ou coletiva), Zona Comercial, Zona Industrial, Zona Rural, Zona dos Parques e Jardins, Zona Reservada e Zona Interdita. Além disso, o estudo considerou os “Tipos das diferentes vias de circulação”, que incluíam vias de grande circulação (como a Autoestrada, a Estrada Marginal e as artérias de ligação), vias de coordenação local, vias de pequena circulação, vias de habitação e vias para pedestres. Algumas das localidades como é o caso de Dafundo, Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Oeiras-Santo Amaro, Carcavelos, Parede, S. Pedro do Estoril, S. João-Galiza, Estoril, Cascais-Monte Estoril e Cascais por serem as mais populosas e próximas da costa foram também alvos de planos de pormenor.

Freguesias como Dafundo, Cruz Quebrada, Parede, Estoril e Cascais, tiveram parte do tecido urbano remodelado com a introdução de novos percursos estruturadores e a reorganização do sistema de circulações.

A Estrada Marginal viria a ser concluída em 1937, e o primeiro troço da autoestrada que compreendia o território entre Lisboa e o estádio nacional ficou pronto em 1944.





61. Mapa das infraestruturas que ligam o concelho de Cascais ao de Lisboa



### 03.4. ENQUADRAMENTO DA VILA DE PAREDE NO CONCELHO

Parede, antiga freguesia, pertencente ao concelho de Cascais, deveu o seu progresso à relação com a sua costa marítima, que se refletiu no desenvolvimento da sua estrutura urbana. Durante muitos anos a principal atividade dos habitantes da freguesia passava pela pesca e pela agricultura, bem como a extração e preparação de pedra que ainda hoje se consegue encontrar em muitas casas da Parede Norte.

Nunes da Matta, a partir de 1890, alicerçado nos ideais republicanos e nas novas imposições higienistas propôs a criação de uma nova área em que fosse preservado o usufruto coletivo das vistas de mar em contraponto com o que sucederá em São João do Estoril em que foi permitido a construção de habitações sobre a arriba, desta forma, nasceu uma nova zona de veraneio entre o caminho férreo e o oceano, de malha urbana ortogonal, livre e comunitária aberta para o mar onde se erigiu várias habitações.

93

O final do século XIX, trouxe a prevenção e os cuidados de saúde como principal desafio para o país. Estas temáticas constituíram o tema central, nas quais prevaleciam estratégias, tanto do foro médico, como de várias políticas de promoção e educação das práticas higiénicas, de forma a instruir novos hábitos individuais e sociais. Em conjunto com a criação de novos hábitos, pretendia-se a criação de novos hospitais, sanatórios modernos e centros para férias balneares para fazer face às doenças que marcavam o século, como a tuberculose.

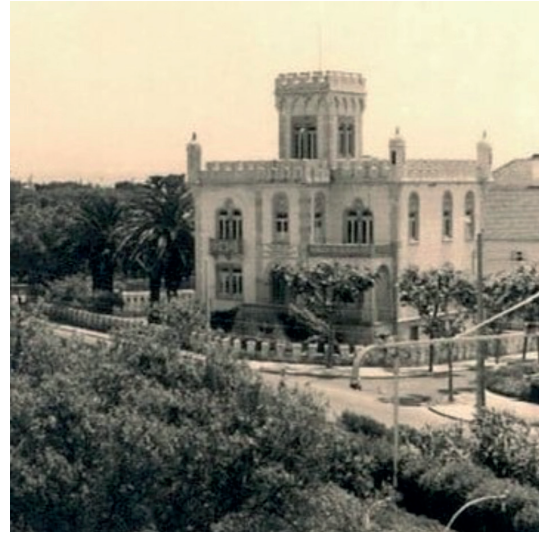
É na Parede que se concentra maior número de estabelecimentos de saúde, por ser considerado um local privilegiado, com características climáticas únicas motivados pelo elevado nível de iodo e exposição solar só comparáveis às de uma remota praia japonesa.



62. Caldeirão das Avenças, 1965, autor desconhecido



63. Bar do Aleixo na Praia da Parede, 1980, pela lente do fotógrafo João Amaral



96



64. Avenida Marginal com a Praia da Paredes de fundo, 1900, RV de Cascaes

65. Chalet Fiuza, 1940, autor desconhecido

66. Estação de Paredes/Galiza, 1890, pela lente de José Santos Fernandes

67. Rua de acesso à estação, 1920, pela lente de José Santos Fernandes



68. Casa Henriqueta, 1917, pela lente de José Santos Fernandes

69. Avenida Marginal, 1950, Arquivo Histórico Municipal

70. Chalet Morel, 1910, pela lente de José Santos Fernandes

71. Vista panorâmica parcial da Parede, 1925, Arquivo Histórico Municipal

A tuberculose era uma doença bastante comum derivado ao êxodo rural, afetando principalmente as classes mais desfavorecidas. Os sanatórios surgiam assim como local de cura, mas também de isolamento.

A escolha da Parede não só se deveu às suas condições privilegiadas, mas também a razões de ordem social, proporcionadas pelos ideais republicanos praticados na freguesia, sendo que o Almirante Nunes da Matta adquiriu os terrenos onde se desenvolveu a povoação. Derivado à elevada concentração de estabelecimentos de saúde a Parede no Plano de Urbanização da Costa do Sol em 1948, foi pensada como estância sanatorial (ANTUNES; FERREIRA; PEREIRA, 1997, p.126).

Tornou-se imperativo repensar os percursos pedonais de acesso aos espaços públicos, nomeadamente à praia, às habitações, igreja, etc., de forma a eliminar as barreiras arquitetónicas que não permitiam o acesso dos “tabuleiros”<sup>6</sup> aos locais públicos da vila, sendo criadas rampas de acessos a estes espaços.

98

As características exclusivas das suas praias, cuja exposição solar e os níveis elevados em iodo, conferem-lhe características terapêuticas. Qualidade esta que viria a ter reflexo na composição da vila, rica em exemplos da arquitetura de veraneio dos séculos XIX e XX, proporcionada pela construção do Sanatório Sant’Ana. O desenvolvimento posterior foi notável, assumindo-se como área privilegiada para a cura e profilaxia de várias doenças.

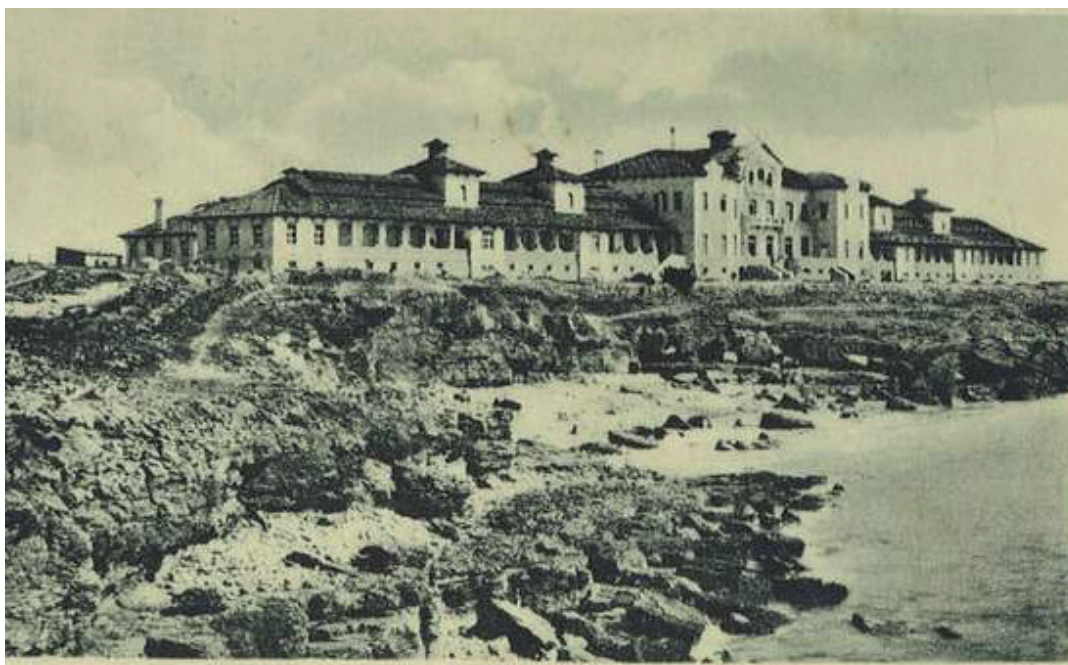
---

6 Nome dado às macas que transportavam os doentes com tuberculose óssea



1. Sanatório de Sant'Ana (1904)
2. Internato Infantil Afonso Costa (1916)
3. Preventório da Parede (1932)
4. Clínica Hélio-Marítima (1939)
5. Hospital Amadeu Duarte (1946)
6. Hospital de Nossa Senhora de Fátima (1947)

72. Identificação dos estabelecimentos de saúde que existem ou existiram na Freguesia



73. Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1910, pela lente de José Santos Fernandes



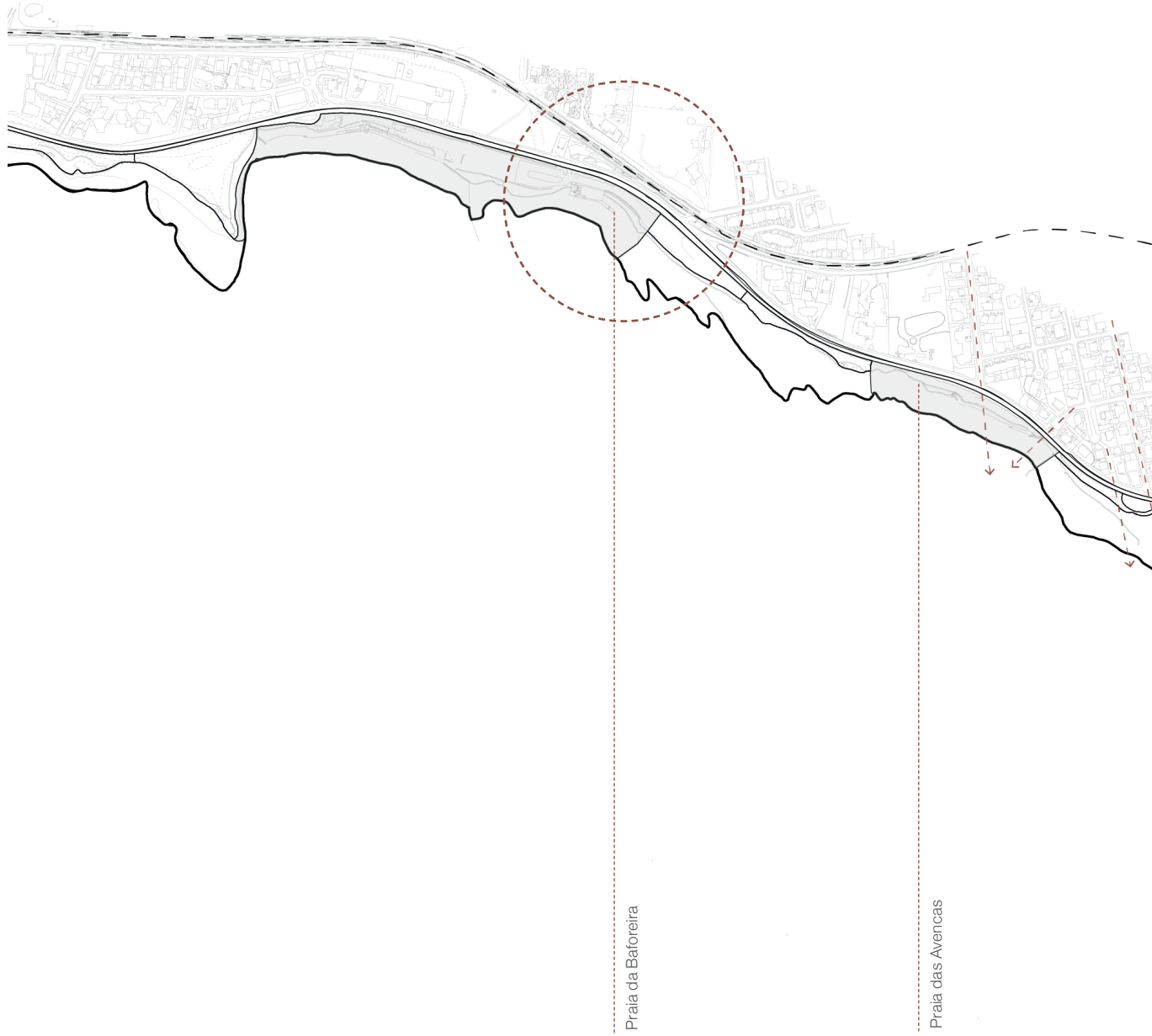
74. Solário da Pedra Alta, 1940, pela lente do fotógrafo José Santos Fernandes



75. Pacientes em tabuleiros no Solário da Pedra Alta, na Praia da Paredes, na Paredes, 1930, Arquivo Histórico Municipal



76. Praia da Pareda, ao fundo um dos primeiros edifícios de tratamento de esgotos, 1950, pela lente do fotógrafo José Santos Fernandes







78. Vista panorâmica onde se pode ver os alinhamentos visuais para o mar, 1927, pela lente de José Santos Fernandes



79. Vista panorâmica do aglomerado urbano da Paredes onde se vê os arruamentos para o mar, 1962, coleção de José Santos Fernandes



### 03.5. PRAIA DA BAFOREIRA

A Praia da Baforeira é delimitada pelas praias de São Pedro do Estoril e Avenças, sendo a zona limite da povoação da Parede. É separada por um pontão, sendo as arribas que ajudam a definir os seus limites e a circundam, afastando-a da estrada Marginal.

Com acessibilidades difíceis e por não ter casario próximo sempre foi a praia com menor frequência da freguesia. A construção da Estrada Marginal nos anos 40, fez com que algumas das praias que existiam na Parede tivessem parte dos seus areais diminuídos ou mesmo suprimidos e edifícios demolidos, como foi o caso das três moradias que existiam na Praia da Baforeira com terrenos murados e escadas privativas de acesso à praia, viu estas casas desaparecerem para permitir a extensão da estrada, onde apenas foi preservado umas das escadarias que ainda hoje serve de acesso público ao mar.

109

Aproveitando da boa reputação, no que se refere aos efeitos benéficos do iodo nos ossos, as praias da Parede sempre foram procuradas para o tratamento de doenças associadas ao ossos, onde foram construídos solários que permitissem o tratamento dos doentes em demanda de banhos de sol, sendo ainda hoje procurada por estes motivos.

É considerado um local privilegiado no que se refere à qualidade da água, à importância ecológica, às características biológicas e geológicas, tornado-a num lugar de interesse e de preservação da costa. Diferente da maioria das praias da Linha de Cascais, as praias da freguesia são conhecidas pela sua extensa plataforma rochosa, o que permite a exploração de pequenos areais entre os rochedos, criando praias de menor dimensão e mais abrigadas.

PORTUGAL — Cae Agua — Bafureira



110

80. Praia da Bafureira, 1910, José Santos Fernandes



81. Fotografia da Praia da Baforeira na atualidade

Por se encontrar numa zona de interesse biofísico foi atribuído a classificação de Zona de Interesse Biofísico das Avencas (ZIBA), pelo plano de ordenamento da Orla Costeira Cidadela - São Julião da Barra o território compreendido entre a praia da Parede e a praia de Baforeira, de forma a preservar este ecossistema rico em biodiversidade, foi proposto a criação da primeira Área Marinha Protegida em Portugal aumentando os limites até à praia de São Pedro do Estoril.

112

Neste momento, a praia da Baforeira conta com um edifício na arriba, onde se encontram alguns espaços de restauração. É ainda possível encontrar partes das muralhas das antigas moradias que existiam, bem como vestígios do passeio marítimo que se encontrava na parte inferior da arriba.



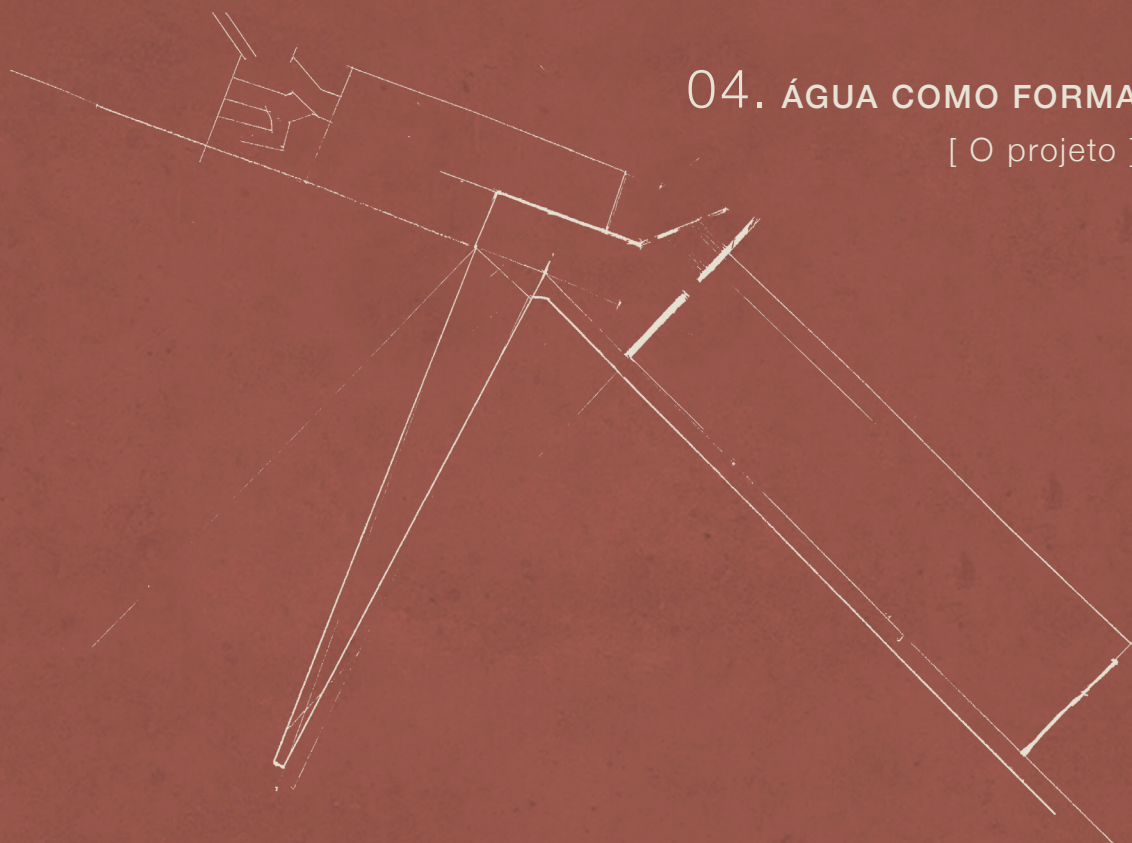
82. Praia da Baforeira,1950, António Passaporte

83. Estrada Marginal, vendo-se à direita as antigas moradias construídas na arriba da Praia da Baforeira,1920



## 04. ÁGUA COMO FORMA

[ O projeto ]





## 04. ÁGUA COMO FORMA [ O Projeto ]

### 04.1. ESCALA URBANA

A compreensão do território é fundamental para integrar novos elementos em malhas urbanas consolidadas, em que os vazios urbanos aparecem como espaços expectantes de novos usos e funções. Portas (1998), refere que as cidades se depararam com uma nova questão: o que fazer com os vazios urbanos deixados pela realocação dos portos e recomposição do tecido *“(...) no sentido de reencontrar, no final deste século, uma identidade tão forte como a que, no início, moldou as suas frentes de água.”* (PORTAS, 1998, p.13).

Inicialmente, grande parte da frente de água de Cascais era reservada à edificação de palacetes e fortes que permitiam a sua defesa, com a construção da estrada marginal, antiga estrada real, um percurso privilegiado rodoviário foi criado acompanhando a linha de costa, privilegiando o uso automóvel e aproximando-o à capital, a construção da linha de comboio também permitiu a que classes sociais mais baixas tivessem acesso.

Em 1950, iniciou-se no Estoril a construção do Paredão de Cascais, um caminho pedonal que acompanha o litoral de Cascais tendo sido sucessivamente ampliado. Neste momento, o percurso conta com 2.750 metros, começa em Cascais, na Praia da Conceição e passa pelas praias da Duquesa, Moitas, Tamariz, Poça e Azarujinha, onde termina. A estratégia geral do projeto passa pela continuação do percurso na frente de água permitindo o percurso ao pé do mar desde Cascais até Carcavelos, criando ligação nos fragmentos interrompidos.

O Paredão de Cascais, como referido anteriormente acaba em São João do Estoril. Para ser possível continuar a fazer o percurso à beira-mar é necessário fazê-lo por cima da arriba através do passeio da estrada marginal, o que acaba por criar uma barreira entre a vivência na frente de água nas localidades de São Pedro do Estoril, Parede e Carcavelos.

Bastia, uma cidade localizada na ilha francesa de Córsega, conta com uma antiga fortaleza do século XIV mandada erigir pelo governador Leonelo Lomelli, localizada em um promontório rochoso com vista para dois portos, o que permitia a sua defesa. A cidade viu o seu vínculo com a água interrompido pela construção de um túnel no século passado tal como Cascais viu a sua ligação com a frente-mar interrompida pela construção da estrada marginal. O projeto do ateliê Dietmar Feichtinger Architectes em colaboração com Buzzo Spinelli Architectes pretende criar um passeio para pedestres ao redor da fortaleza, dando a sensação de uma varanda suspensa sobre a água, lembrando o forte vínculo da cidade com a água, criando um local urbano cénico que realça o carácter do local. O caminho Aldilonda liga a parte norte e sul da cidade fazendo com que a cidade de Bastia se conecte com a costa e assuma as suas curvas, seguindo os contornos naturais e permitindo que as pessoas tenham contato direto com a falésia rochosa. Ao integrar o novo caminho com o existente, em vez de criar novos locais, o percurso torna acessível todos os locais que já existem transformando-os em locais para banhistas, pescadores ou de contemplação. Devido às condições locais o programa exigia a que intervenção ocorresse acima do nível do mar, sem nenhum suporte vertical na água e pela exposição das correntes fortes foram realizados testes hidráulicos para testar a durabilidade dos materiais e eficiência do projeto, que apresenta partes de percurso feitos de grades metálicas, por onde a água pode subir e parapeitos de proteção feitos de tiras de aço que reduzem o impacto das ondas sem bloquear a vista do mar.





86. Parte do percurso que assume os contornos naturais do lugar ,2021, Célia Uhalde



87. e 88. Enquadramento do caminho de Aldilonda com a antiga fortaleza ,2021, Célia Uhalde



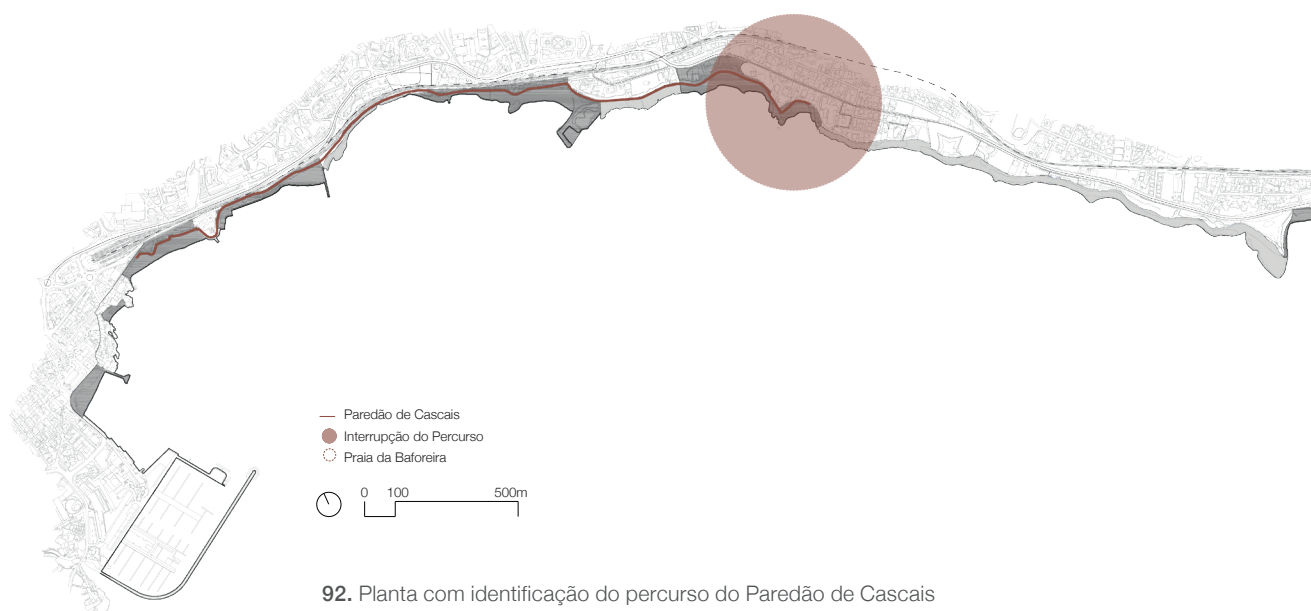
89. Planta de implantação do caminho de Aldilonda, Bastia, projeto da autoria do ateliê Dietmar Feichtinger Architectes (DFA)



90. e 91. Perfis do caminho de Aldilonda, Bastia, projeto da autoria do ateliê Dietmar Feichtinger Architectes (DFA)

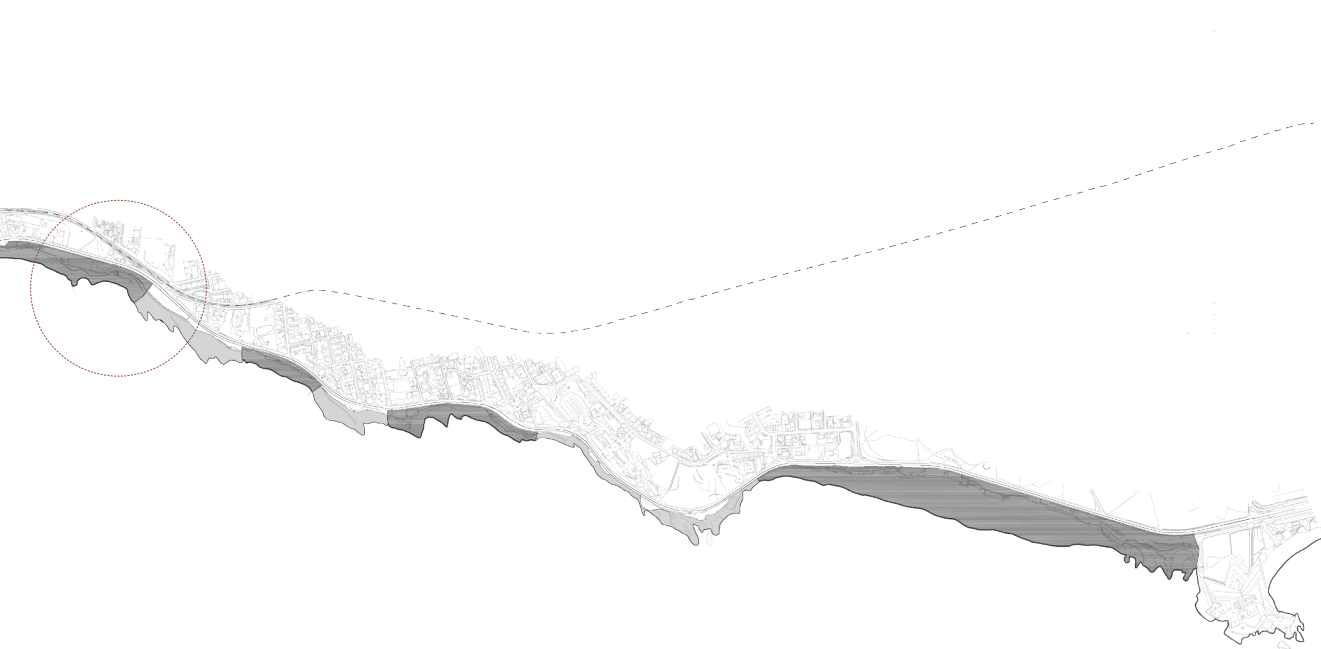
A estratégia urbana passa pela reaproximação de Cascais com a água, recuperando a sua identidade, tendo como exemplo o percurso de Aldilonda que em vez de criar novos espaços serve-se dos existentes e apenas possibilita o seu acesso. O percurso a seguir à Praia da Azarujinha só é possível realizar-se por cima da arriba, posto isto, propõe-se a ligação até ao Castelinho Nossa Senhora de Fátima, à cota atual do paredão, servindo-se depois dos passadiços existentes que se fazem sobre a arriba até ao Centro de Interpretação Ambiental da Pedra do Sal que passa pela Cascata Cai Água e pelo anfiteatro natural. A ligação até à Praia de São Pedro é feita através dos caminhos e passagens já existentes, sendo que na Praia da Baforeira, área onde se localiza o objeto arquitetónico proposto é criado um pontão que se estende sobre a água e permite que as forças das marés cheguem com menor intensidade à arriba, tornando a utilização da praia mais confortável, protegendo-a da futura subida do nível médio das águas.

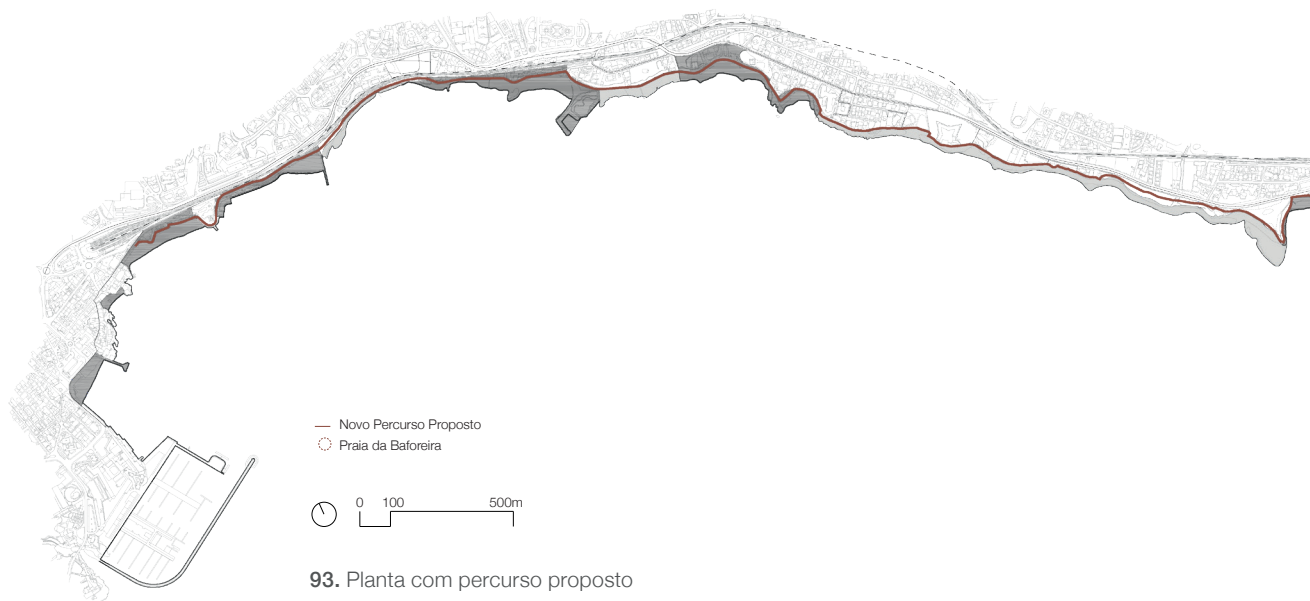
124



92. Planta com identificação do percurso do Paredão de Cascais

A partir da Praia da Bafreira até à Praia das Avencas, ambas já localizadas na freguesia da Parede, o percurso volta a ser feito à cota inferior da arriba e ao longo da ZIBA. Chegando aos antigos projetores da Descoberta da Bateria da Parede, volta a fazer por cima da arriba em toda a extensão da Praia das Avencas, de forma a não diminuir o tamanho do areal, nem mexer com as infraestruturas de apoio à praia. A ligação à Praia da Parede é feita através de uma rampa que permita a utilização e recuperação dos antigos caminhos que ligavam as duas praias e que em períodos de maré baixa ainda é possível fazer pelas rochas. Por fim, na Praia da Parede serão mantidos os acessos e o caminho existente, sendo a seguir ao café Adamastor continuado o caminho à cota inferior da arriba, melhorando os acessos que o ligam ao outro lado da estrada marginal, nomeadamente à ligação subterrânea que se encontra ao pé do Hospital SantAna. Melhorando o percurso pedestre e tal como acontece em Bastia, tornar os locais que neste

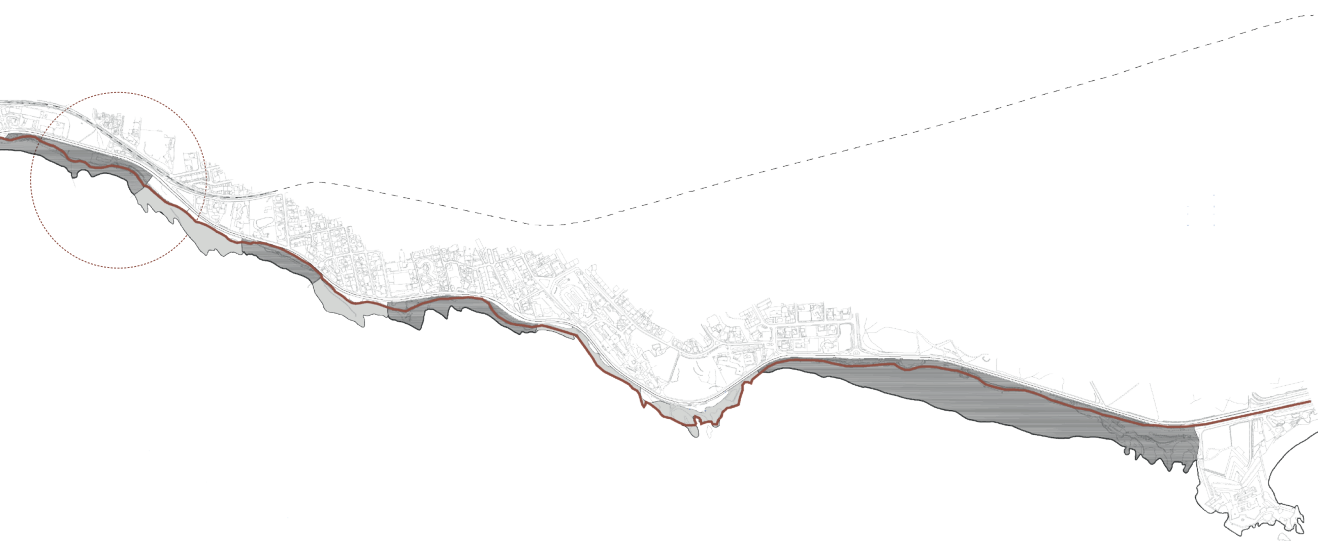




93. Planta com percurso proposto

momento estão inacessíveis partes integrantes do percurso ao longo da linha de costa como é o caso da Cruz que se encontra na arriba. A ligação entre a Parede e Carcavelos é feita ao longo das rochas através dos passadiços criados ao longo dos fragmentos interrompidos na linha de costa atual, chegando a Carcavelos serve-se mais uma vez do percurso já existente de acesso aos cafés e à praia.

A intervenção na frente-mar pretende aproximar a vila da memória piscatória e da vivência frente de água, parte identitária de Cascais, dotando a zona de um percurso contínuo desde Cascais até Carcavelos e que permite a continuação para o Passeio Marítimo de Oeiras, através da reinterpretação da arriba como parte integrante, valorizando a memória coletiva do lugar e as diferentes formas de ver as intervenções que existiram no concelho. Como é o caso da diversidade com que é visto o usufruto das vistas de mar ou a apropriação em alguns momentos da frente de água, tudo isto faz parte de Cascais, e torna o percurso que o liga parte integrante da história. Propondo um percurso com novos espaços e usos, como é o caso do braço que se estende sobre a água na Praia da Baforeira e que permite novas vivências e perspectivas do espaço público sobre o plano de água.





## 04.2. INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM

Cascais apresenta um elevado património arquitetónico construído, demonstrativo da riqueza do concelho e das várias ocupações que sofreu, principalmente ao longo da sua costa marítima. Localizado à entrada da Barra do Tejo, a frente de água é marcada por fortificações de defesa que se interligam com uma série de exemplares de veraneio construídos depois de 1870, ano esse em que a Família Real e Corte começaram a exigir a edificação de “casas” para passar grandes temporadas no período de banhos de mar. É também junto às praias que são construídas infraestruturas de apoio à praia e piscinas de pedra para explorar a vivência na frente de água. Apesar da arquitetura de veraneio representar uma grande parte da identidade do concelho, este não deixa de apresentar exemplos de arquitetura popular, com habitações, moinhos e aquedutos, demonstrativos da matriz rural e saloia, para além das grandes parcelas de terreno associadas à produção do vinho de Carcavelos.

129

Por estes motivos é necessário pensar na melhor forma do objeto arquitetónico se integrar na paisagem existente, preservando a memória do local e reabilitando o património. O edifício contíguo à Praia da Baforeira acaba por não conseguir potencializar o lugar nem servir-se da arriba de forma a tirar proveito do lugar privilegiado onde se encontra. Ao longo da costa de Cascais, existem vários momentos em que são construídas piscinas naturais, como é o caso da piscina oceânica de Alberto Romano em Cascais, a Piscina Oceânica do Tamariz no Estoril ou o Caldeirão das Avenças na Parede são alguns exemplos de piscinas de mar.

Inaugurado em 1966, a Piscina das Marés de Álvaro Siza Vieira, reflete um bom exemplo de um edifício com a capacidade de inserção numa frente de água. Encontra-se localizado na marginal de Leça da Palmeira,



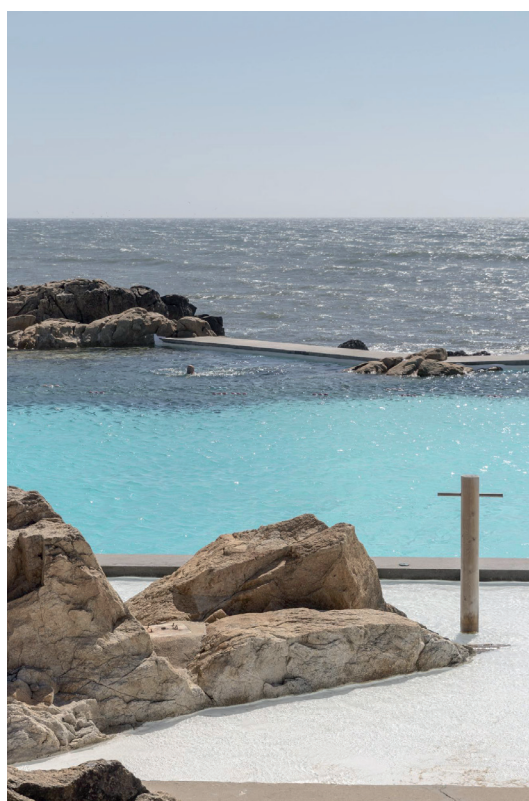
94. e 95. Fotografias das Piscinas das Marés com o enquadramento para o oceano projeto de 1965 de Álvaro Siza Vieira, pela lente do fotógrafo Giovanni Amato

próximo à Capela da Boa Nova, mandada erguer pela ordem dos franciscanos que se localiza a Norte das piscinas e conta a Sul com um guindaste Titan do Molhe referente a uma das maiores obras de engenharia portuária do século XIX, tal como a frente de água de Cascais é constituída por várias obras arquitetónicas de períodos diferentes. Situa-se assim entre um edifício religioso que remete para a introspeção e o divino e por um edifício que representa o avanço tecnológico trazido pela Revolução Industrial. É entre eles que o Engenheiro Bernardo Ferrão decide a implantação da Piscina, envolta de um longo paredão que divide a cota alta da cidade para a cota mais baixa do mar, onde se encontram rochas graníticas de cor escura.

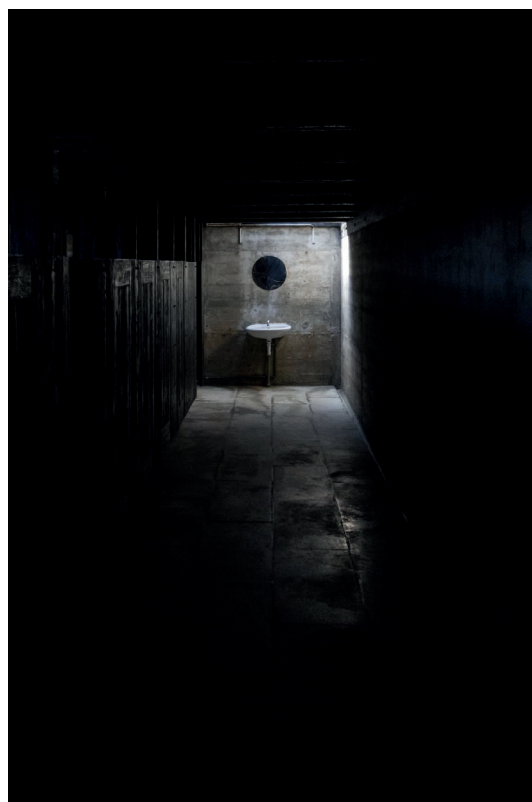
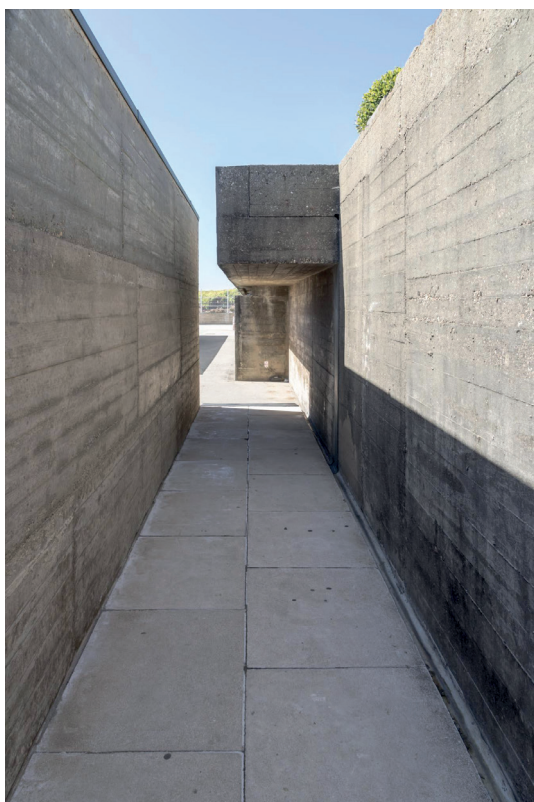
Após a construção da piscina principal, foi pedido a Siza que também desenvolvesse um edifício de apoio às piscinas que se integrava no plano para requalificação da zona costeira da Boa Nova até ao Porto de Leça.

O projeto passa pela criação de um complexo público de natação, ao longo da costa que recorre à topografia natural do local, transformando-a em parte integrante do plano e da sua estrutura. A intenção da estratégia proposta por Siza Vieira passa por projetar com a paisagem e não em torno dela, usando as depressões naturais das rochas para o desenho dos tanques de água salgada e que se associam às formações naturais presentes na costa. Os volumes compositivos são parte integrante da paisagem, enquanto a enquadram e escondem de forma a proporcionar uma experiência sensorial, evidenciando a intervenção humana sobre o sítio natural e expondo a irregularidade da pedra com o contraponto da geometria associada da arquitetura.

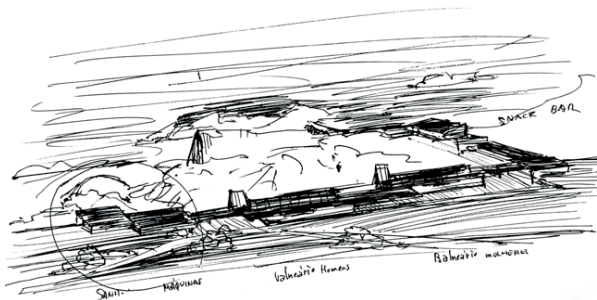
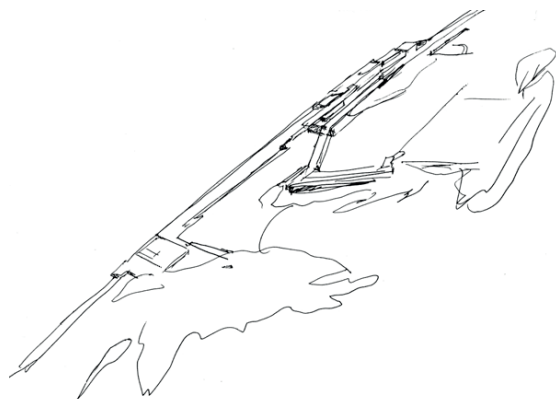
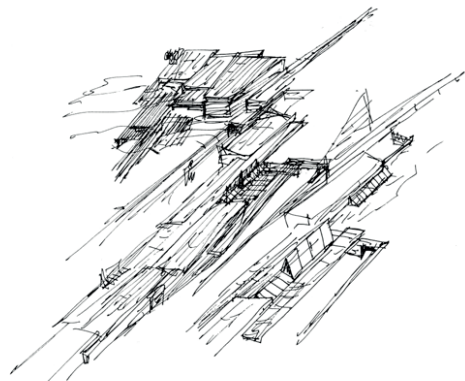
A experiência sensorial que o percurso na Piscina das Marés gera começa logo no primeiro momento, em que a obra é colocada numa cota inferior, paralela à via, permitindo a permeabilidade de vista para o horizonte, nomeadamente para a água. O caminho é realizado através de



96. Fotografia do tanque para adultos, pela lente do fotógrafo Giovanni Amato



97. e 98. Da Esquerda para a Direita  
Fotografia da rampa de acesso às Piscinas;  
Interior dos Balneários, fotografia da autoria de Giovanni  
Amato

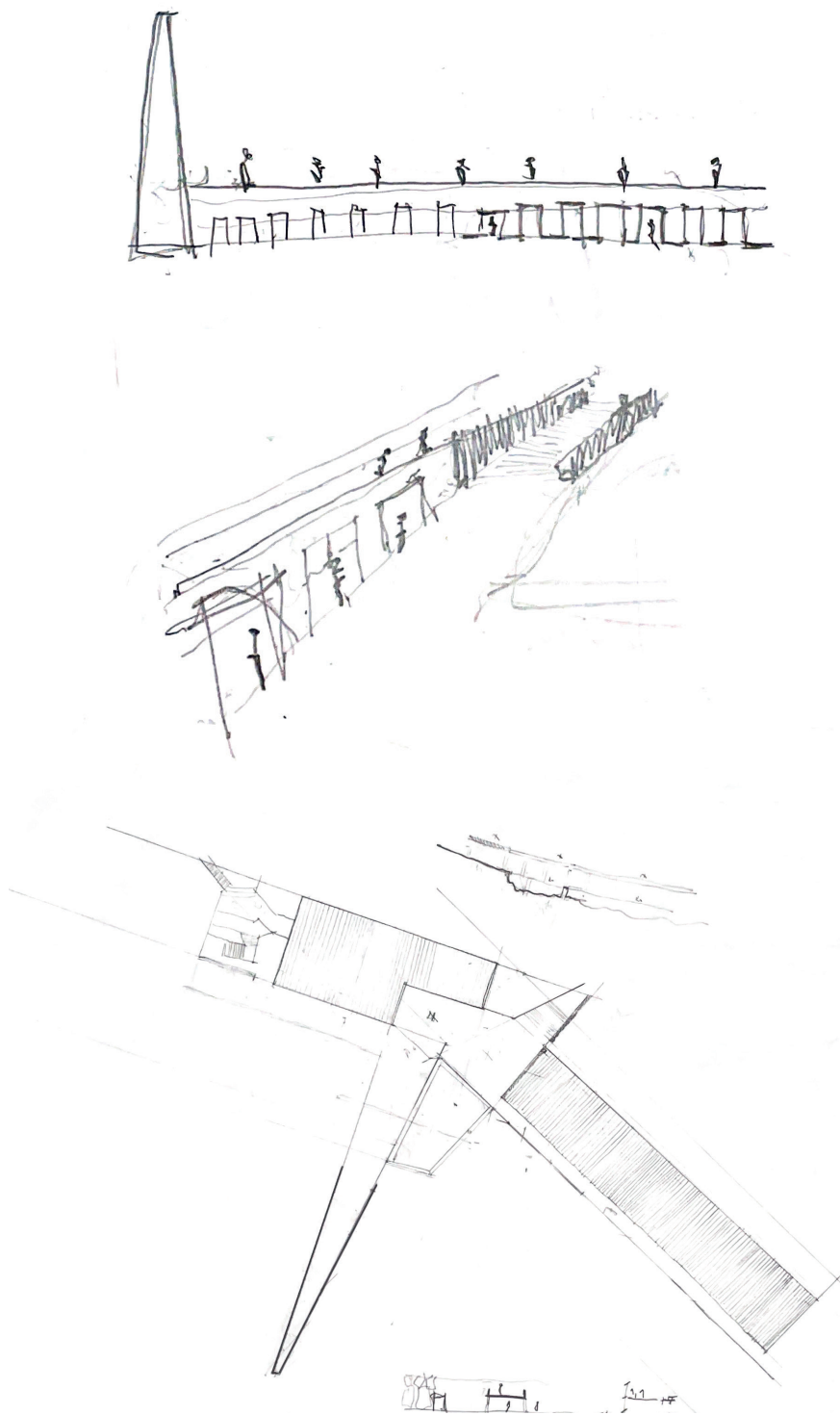


99., 100. e 101. Esquiços das Piscina das Marés do Atelier de Siza Vieira

uma rampa que vai encaminhado o observador, reduzindo as distrações externas como a vista para o tráfego e oceano. Essa transição fica marcada pelo início do som da água que até aqui era pouco audível. Nesse momento, é possível optar entre dois percursos: o dos descalços, que serve de acesso aos vestiários e às piscinas, e o dos calçados que serve de acesso ao café. Todas as entradas de luzes feitas no complexo são controladas de forma a permitir a que à saída dos balneários, a experiência de vislumbre da paisagem seja ainda maior por se tratar de um edifício fechado sobre si que de repente se abre para o exterior e para a paisagem ao mesmo tempo que as piscinas se confundem no meio natural. As formações rochosas estão ao mesmo nível das bordas das piscinas permitindo uma indefinição do real limite criado, aumentando visualmente a extensão do espaço.

Em relação à materialidade, o tom de betão, material esse económico e resistente, permite que seja facilmente identificado a intervenção do homem sobre o ambiente natural, sendo este um tom mais claro do que as rochas presentes no terreno para identificar o existente do construído. As coberturas são por sua vez feitas em madeira, revestidas com chapa de cobre, sobre telas asfálticas com pé direito baixo, inclinado e alongado o que remete para a influência da arquitetura japonesa.

O projeto proposto para a Praia da Baforeira passa pela criação de um braço que se estenda sobre a água de forma a ganhar um espaço público sobre o mar que funcione também como praça, elemento conector do Paredão de Cascais, respeitando as condições naturais, permitindo o uso da praia e utilização da piscina de mar proposta, promovendo novos pontos de vista que se abrem sobre a costa atlântica. Esse braço prevê a criação de uma galeria aberta sobre o mar que possa ser usada consoante o nível do mar, bem como a cobertura que é utilizada como espaço de estar público, pontualizada no final por um elemento vertical, um farol.

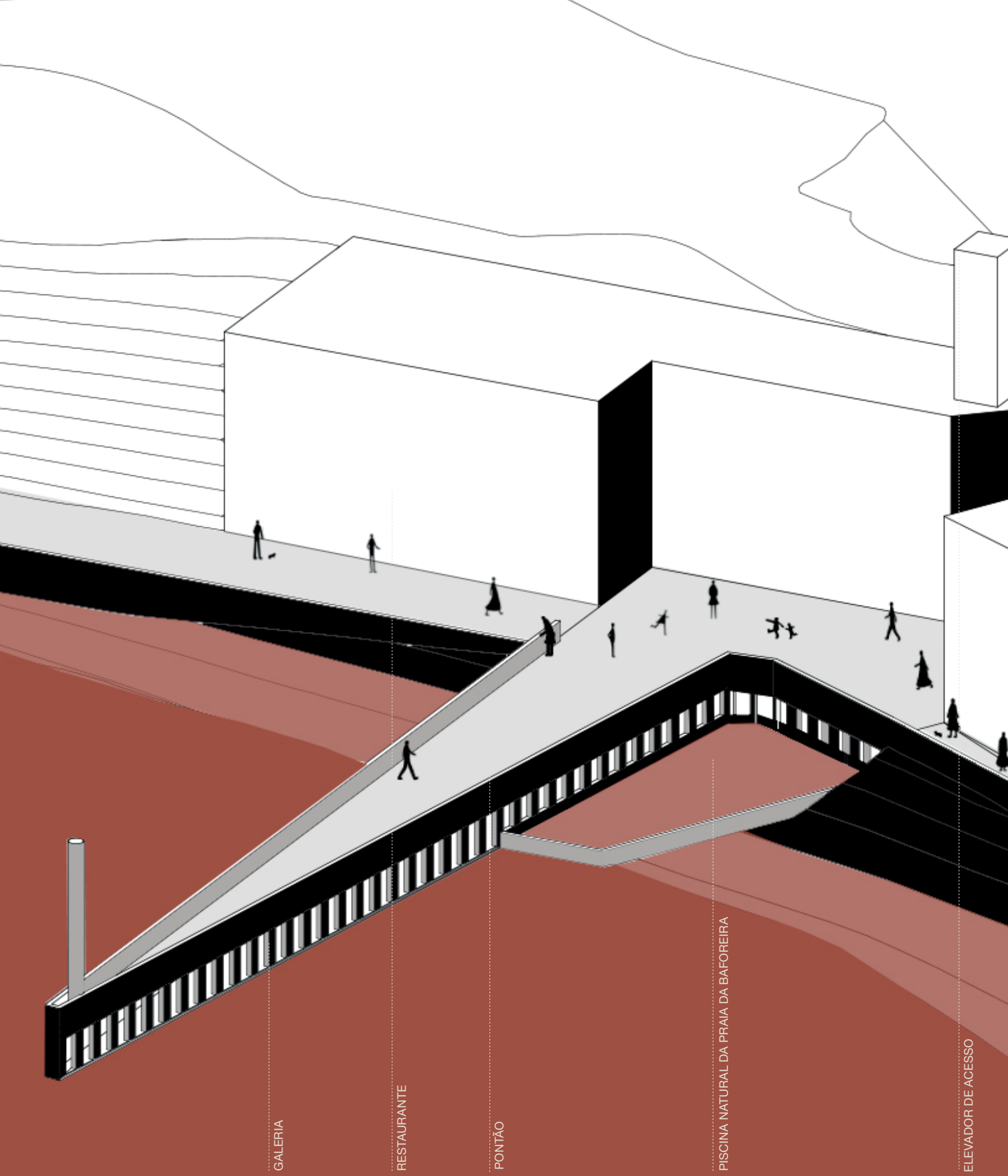


102., 103. e 104. Esquços da Proposta da Piscina de Mar e seu pontão associado

A compreensão de uma frente de água como essencial para a vivência e promoção da saúde faz com que o carácter público seja fundamental numa proposta de requalificação, em que a apropriação e os usos inesperados fazem com que a peça arquitetónica se torne num espaço vivo e num marco da cidade. Tal como as Piscinas das Marés foram um elemento agregador da frente de água, também a Piscina da Praia da Baforeira pretende funcionar dessa forma, continuando a ser possível a vivência na cota superior da arriba ao mesmo tempo que se cria um espaço público na cota inferior, sendo os volumes propostos capazes de manter o carácter do lugar, as vistas e as rochas existentes transformando-se em parte integrante da paisagem, enquanto enquadram a vista sobre o oceano, tal como as piscinas é possível identificar a intervenção humana em contraponto com a irregularidade da natureza.

137

A proposta surge como elemento revitalizador desta frente mar e o espaço público criado pela Piscina Oceânica da Praia da Baforeira e pelo pontão que pretendem dotar a zona de um equipamento lúdico que proporcione uma maior vivência na frente, funcionando como elemento agregador da continuação proposta do Paredão de Cascais, e como exceção do percurso e praça de água na cota inferior da arriba.



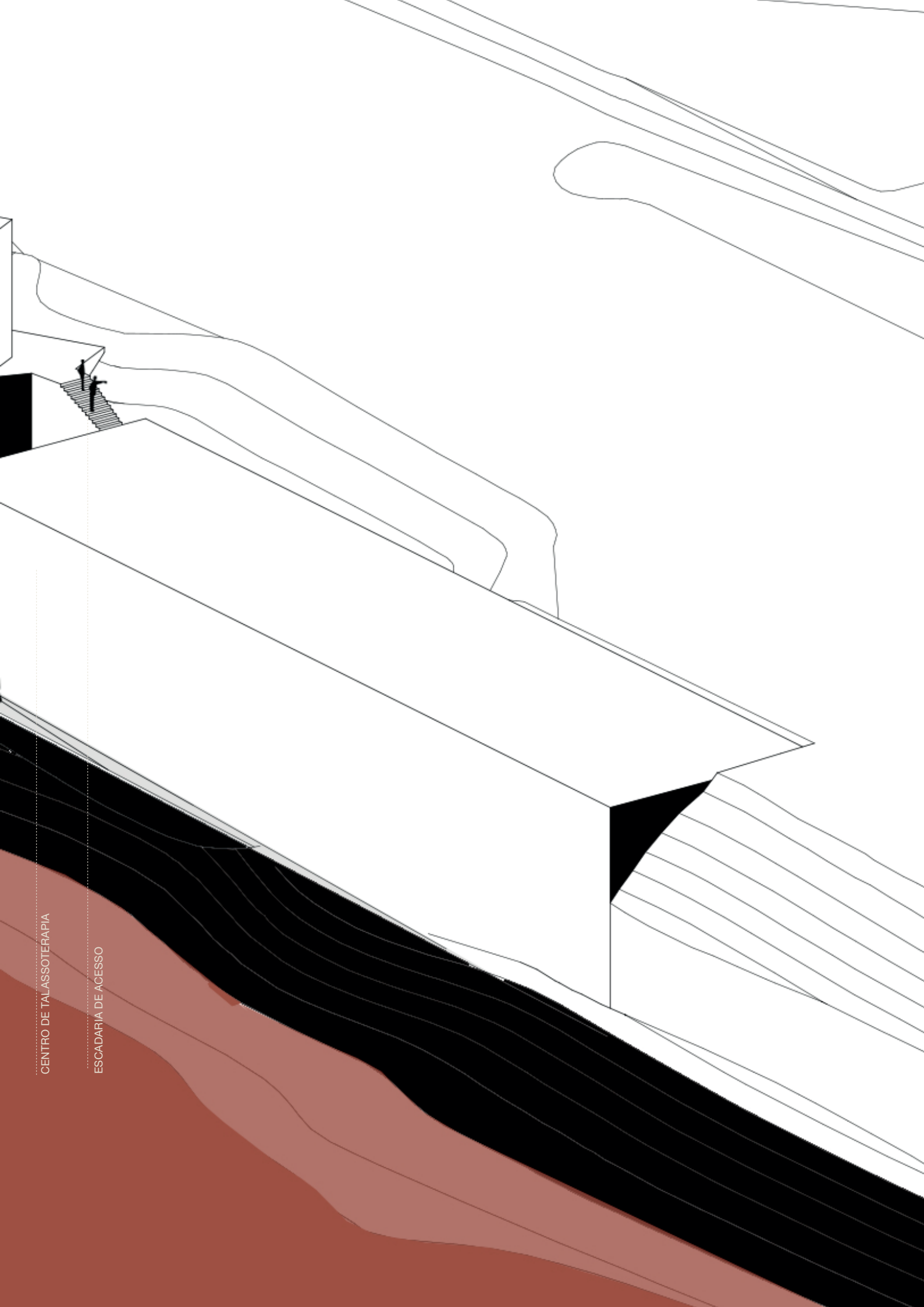
GALERIA

RESTAURANTE

PONTÃO

PISCINA NATURAL DA PRAIA DA BAFOREIRA

ELEVADOR DE ACESSO



CENTRO DE TALASSOTERAPIA

ESCADARIA DE ACESSO

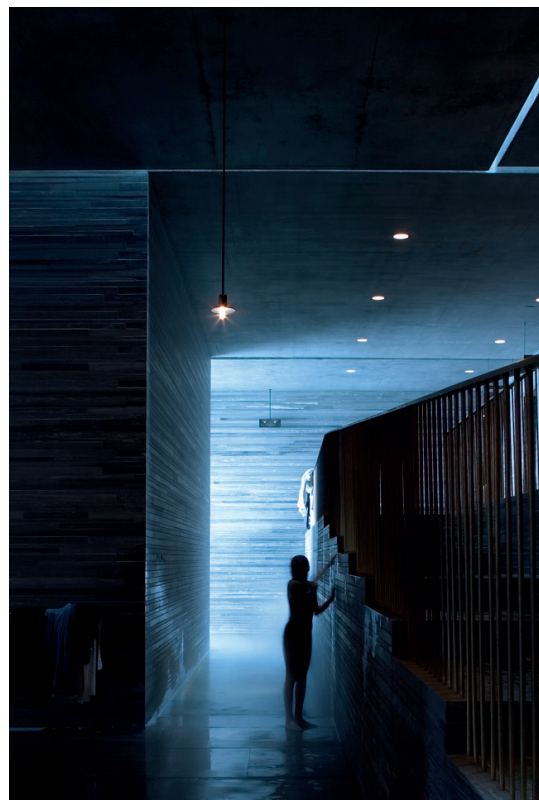


### 04.3. PROGRAMA, FORMA E FUNÇÃO

A Freguesia da Parede, sempre esteve ligada ao tratamento de doenças dos ossos. As suas características atmosféricas, climáticas e morfológicas dispare no país fizeram com que fosse pensada como estância sanatorial. As condições ideais do lugar, fez com que a implantação de um Centro de Talassoterapia que usasse a água do mar e se servisse dos seus benefícios reconhecidos, fosse uma boa forma para restabelecer a memória da vila e afirmar-se na vertente da Talassoterapia. Desenvolvendo um espaço capaz de complementar as terapêuticas associadas ao uso da água do mar utilizando as valências naturais do lugar. Com a premissa de criar um edifício que funcione como elemento revitalizador da frente-mar e que faça parte da história do concelho.

O Centro, bem como a piscina proposta pretendem funcionar como um local multigeracional que represente costumes e tradições, servindo-se da sua localização privilegiada em Cascais, tenciona dar resposta à falta de equipamentos de Talassoterapia na margem norte do Tejo.

As Termas de Vals, projeto da autoria de Peter Zumthor de 1996, na Suíça, veio complementar um hotel já existente, com um programa dedicado aos cuidados profiláticos e terapêuticos servindo-se das águas minerais presentes no local. De forma a integrar a paisagem e, por se localizar numa encosta, o edifício utiliza a morfologia do terreno, criando menor impacto visual. O projeto pretende criar uma experiência sensorial e emocional para o utilizador de forma a dialogar tanto com o exterior como com o interior do ser humano e do lugar através da arquitetura. A volumetria do edifício é composta por paralelepípedos agregados por uma cobertura ajardinada, dando a sensação exterior de peça em bruto. É através da cobertura com aberturas lineares zenitais que a luz entra no interior do edifício.



106. e 107. Fotografias dos interiores das Termas de Vals, Suíça, 1996, pela lente do fotógrafo Fernando Guerra



108. Fotografia do exterior das Termas de Vals, 1996,  
pela lente da fotógrafo Fernando Guerra



109. Planta das Termas de Vals, Suíça, projeto da autoria de Peter Zumthor



145



110. e 111. Perfis das Termas de Vals, Suíça, projeto da autoria de Peter Zumthor



112. e 113. Fotografias das Piscinas das Termas de Vals, 1996, pela lente da fotógrafo Fernando Guerra

Peter Zumthor optou por uma organização aparentemente informal com a colocação dos paralelepípedos sendo estes os elementos que determinam a disposição funcional do programa. Com uso da composição cheio/vazio, aberto/restrito, público/privado, circulação/permanência, as várias ambiências ganham um carácter diversificado e de experiência sensorial, acabando por definir os fluxos no interior do edifício.

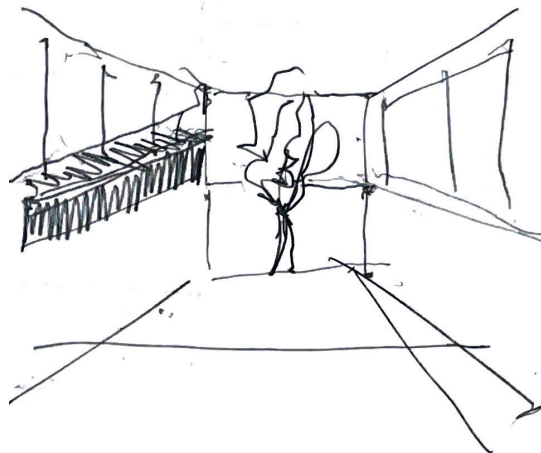
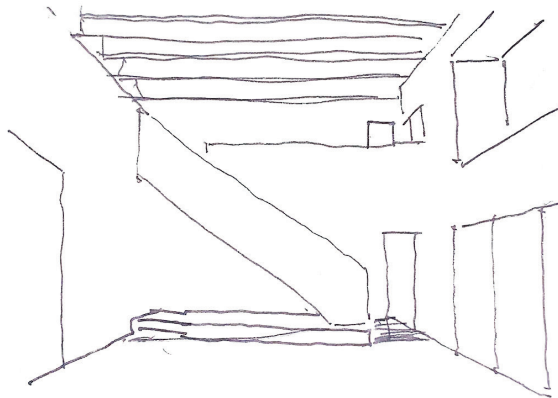
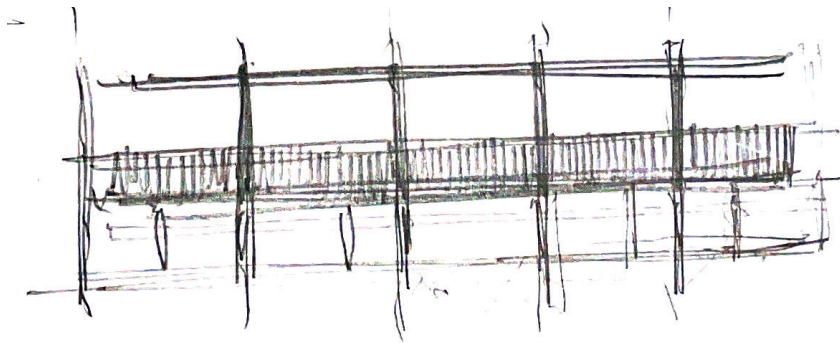
A água ganha assim o papel de maior protagonista na proposta arquitetônica, percorrendo o edifício em diversas manifestações, gerando sons reflexos, umidades, vapores, calores e frios, proporcionando movimento e dinâmicas nos vários espaços. Transformado-a em material de construção.

Os materiais utilizados estabeleceram uma continuidade espacial com a paisagem, e a utilização da pedra local, valser quartzite permitiu a uma maior concordância com o interior/exterior.

147

Com o projeto das Termas de Vals apercebemo-nos que valores com a pré-existência, cor, matéria, sons, textura, escala e proporção levam o utilizador a ter uma maior experiência com a peça arquitetónica e com seu íntimo pelo controlo sensorial e emocional de quem o visita. As termas de Zumthor acabaram por ter na arquitetura um papel de relevo, não só por terem definido um novo padrão, o padrão da experiência sensorial, mas também por se afirmar como lugar de referência no turismo da saúde.

A proposta arquitetónica pressupõe a reabilitação do edifício existente na Praia da Baforeira, onde será mantido o restaurante com dois pisos, funcionando como uma varanda sobre o mar, mantendo a muralha das antigas moradias. O segundo volume corresponderá ao Centro de Talassoterapia, de formato retangular, paralelo à arriba, desenvolvendo-se para baixo da arriba de forma a preservar a permeabilidade de vistas



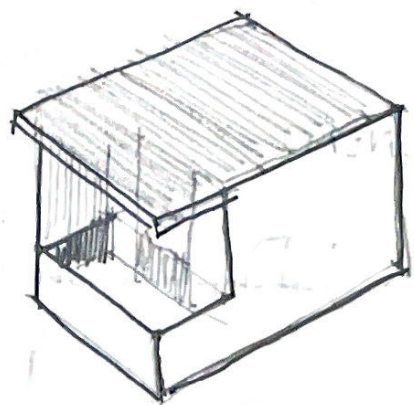
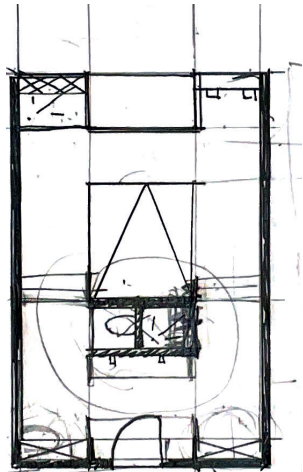
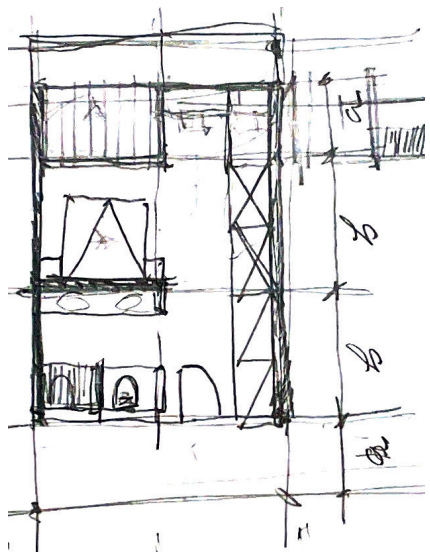
114., 115. e 116. De cima para baixo;  
Esquiço compositivo do alçado;  
Desenho do Átrio de entrada;  
Atmosfera do pátio

quando se está no cimo, mantendo sempre uma perspetiva para o oceano atlântico. Os dois edifícios contam com abertura de vãos que permitem enquadramentos visuais sobre o mar de forma a transmitir uma sensação de pertença e de controlo sobre a natureza, utilizando a luz e a vista a seu favor.

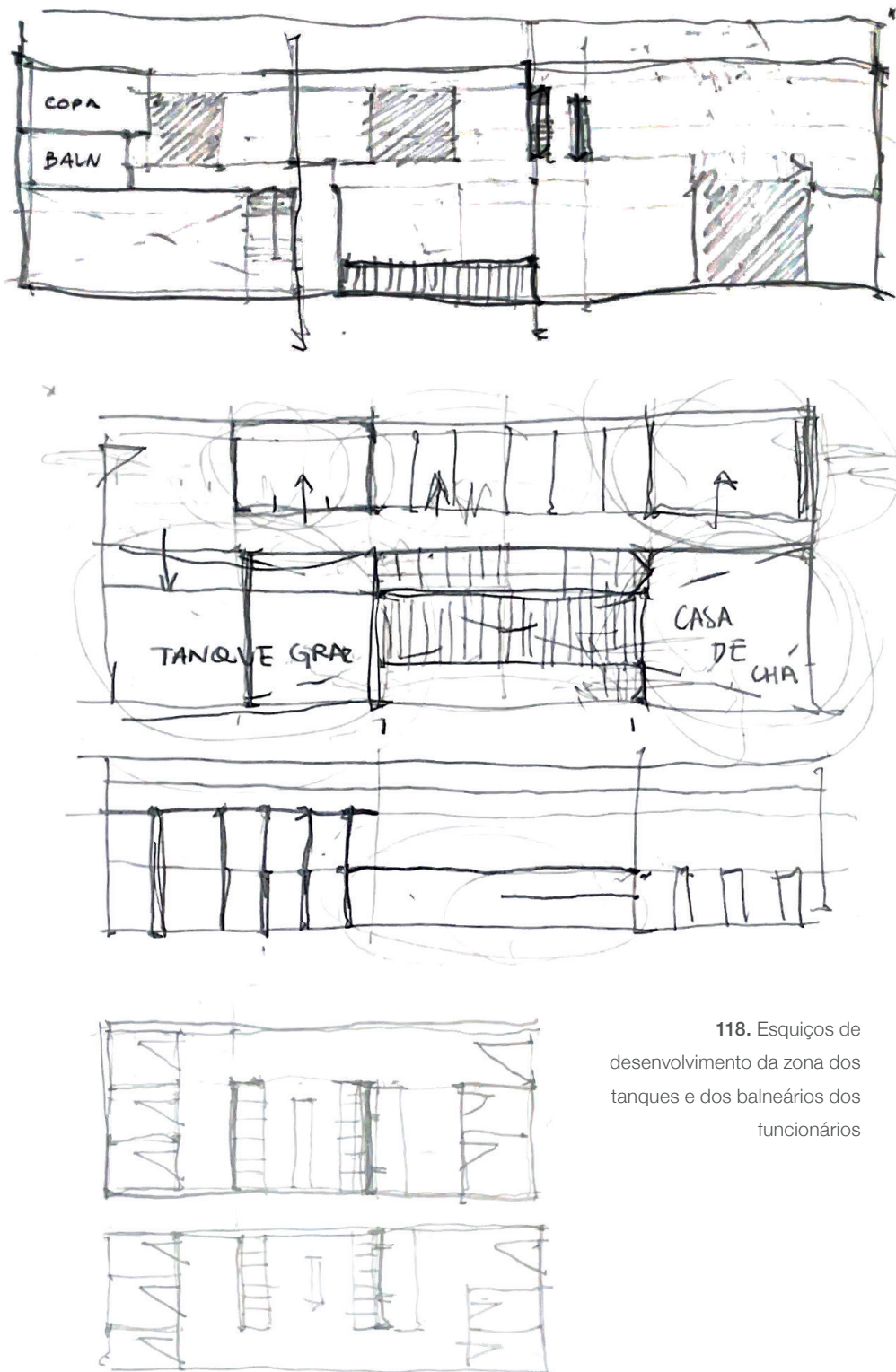
À semelhança das Termas de Vals que enquadram a paisagem e servem-se da arquitetura sensorial para se destacar, também a proposta pretende ser uma experiência sensorial e emocional com o mar e com o edifício, tirando e devolvendo a luz aos utilizadores, aproximando ou afastando do oceano, passando de locais mais pequenos para maiores, tudo isto serve para se estabelecer com o utilizador e transformado-se num percurso de descoberta.

A lógica de organização dos dois volumes parte da ideia que a distribuição é feita através da praça criada na cota inferior do passeio proposta para a praia da Baforeira, existindo quatro formas de percursos para chegar, sendo eles, um elevador no topo da arriba que permite a chegada à praça, uma grande escadaria que também essa permite a chegada, ou pela continuação do paredão vindo da Praia das Avencas ou da de São Pedro do Estoril.

O Centro de Talassoterapia , de formato retangular, organiza-se a partir de um corredor mais público que se serve da vista privilegiada sobre o mar dando acesso às partes mais públicas do edifício, e de um corredor mais privado que se desenvolve na parte posterior. O programa é distribuído por três pisos, tendo alguns espaços usufruto de pé-direito duplo de forma a criar uma maior espacialidade.

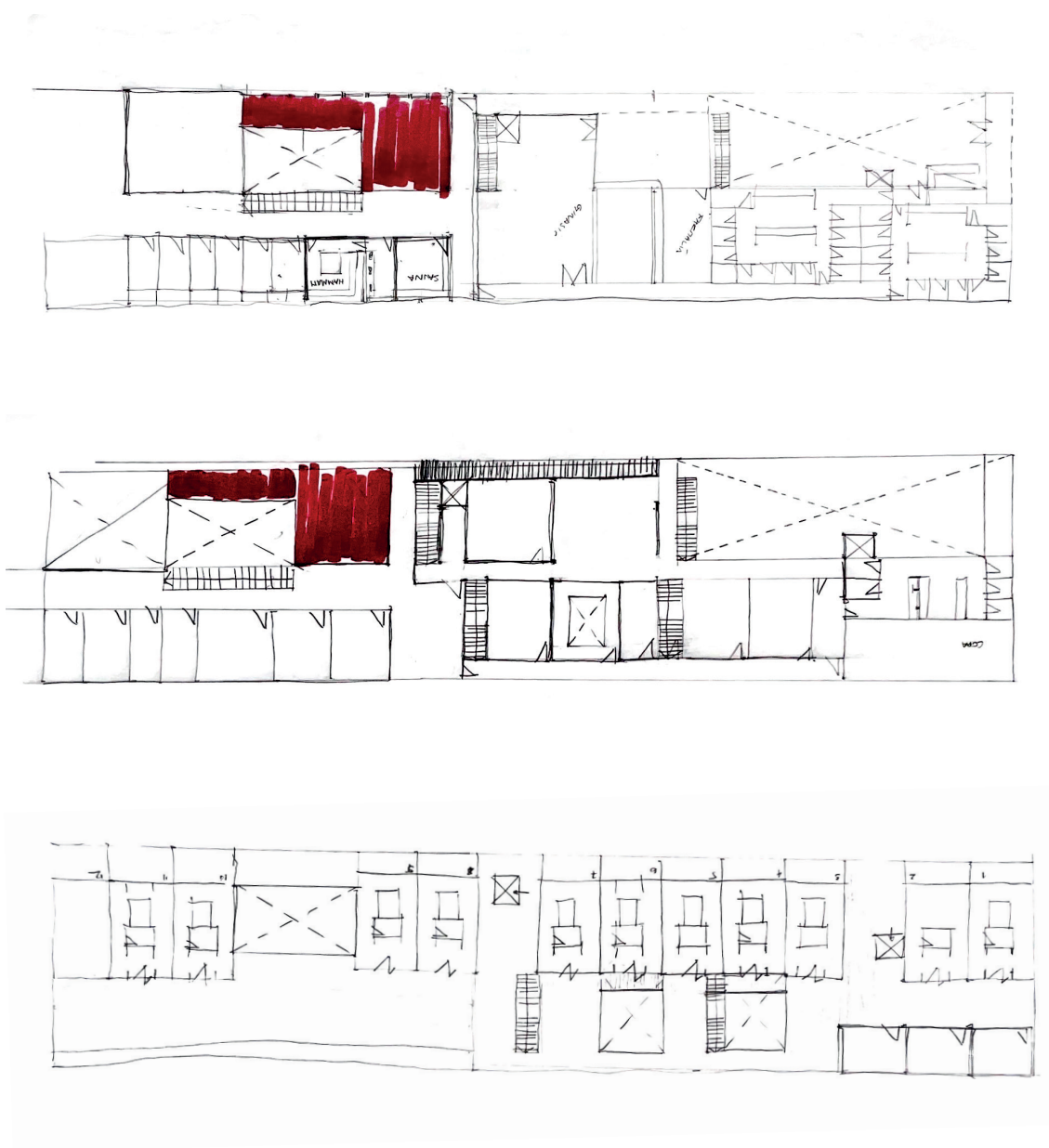


117. Esquços de desenvolvimento do quarto

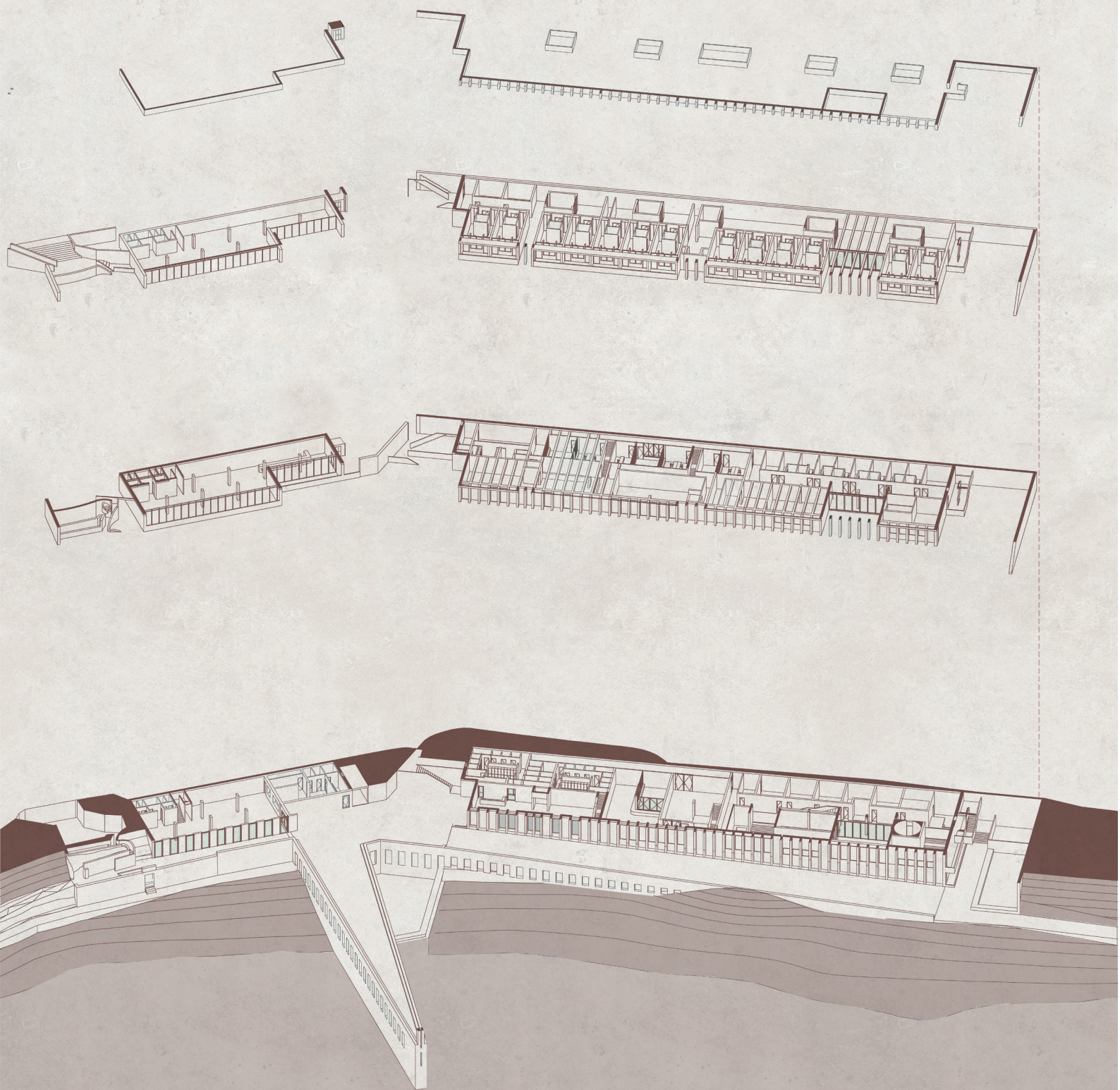


118. Esquços de desenvolvimento da zona dos tanques e dos balneários dos funcionários





119. Esquços de desenvolvimento dos vários pisos, de cima para baixo, planta do piso térreo, piso 1 e do piso 2



120. Organização funcional do Edifício,  
axonometria sem escala

O primeiro piso compreende o átrio de entrada, este permite acesso aos tanques, balneários, à farmácia e ao ginásio, o segundo piso detém a área administrativa e os gabinetes de tratamentos. Por último o terceiro piso, contempla os quartos para pessoas que necessitem de fazer tratamentos mais prolongados ou que apenas queiram desfrutar de uma temporada ao pé do mar.

Para além dos corredores referidos anteriormente os acessos verticais localizam-se no átrio de entrada e no limite do ginásio com os tanques. As pessoas que se deslocarem só para fazer tratamentos podem aceder diretamente do átrio de entrada ao segundo piso, sem terem que passar pelos tanques, apesar da zona dispor de acesso direto aos gabinetes.

155

Ao longo do edifício são criados vários pátios que funcionam não só para iluminar alguns compartimentos, mas também como locais de estar, trazendo o exterior para o interior do edifício, apesar de alguns deles não terem vista sobre o mar pretendem trazer o som das ondas como protagonista do espaço como é o caso do ginásio ou da zona administrativa, onde não existe uma abertura visual para o oceano.



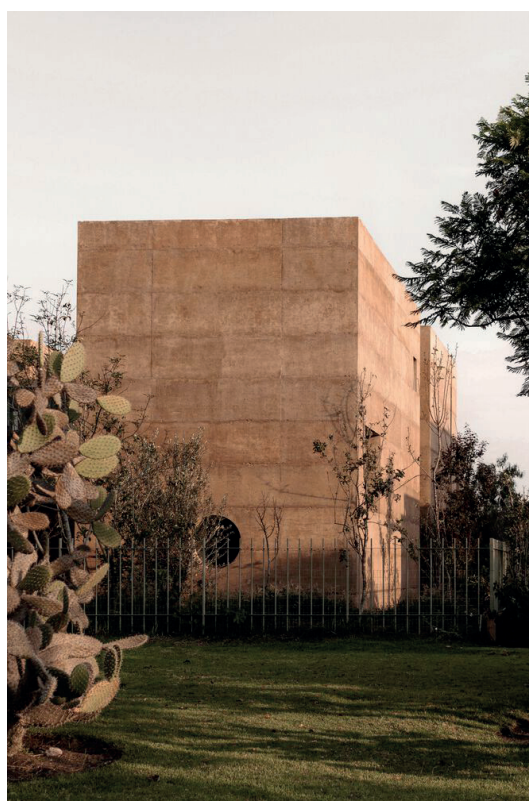
**121. e 122.** De cima para baixo;  
Fotografia da escadaria existente, 2024;  
Fotografia da pré-existência da antiga muralha, 2024;

#### 04.4. MATERIALIDADE

A escolha dos materiais que integram a plasticidade do Centro de Talassoterapia passou em primeiro lugar por perceber de que forma o Centro se podia relacionar com a arriba e com a pré-existência da antiga muralha que ainda resta, bem como a antiga escadaria que ainda hoje é utilizada de acesso à praia, parte identitária do local. Relativamente à materialidade do novo volume optou-se pela utilização de betão pigmentado na cor terracota de forma a potencializar a envolvência do lugar e a construção na arriba de forma a servir-se da paleta de cores já existente.

A casa Tejocote, projeto da autoria de González Muchow Arquitectura, uma moradia unifamiliar localizada num contexto semi-urbano de Querétaro, México é um bom exemplo de um projeto que utiliza os materiais e composição simples para se destacar, representado a arquitetura vernacular da região, procurando, tal como o centro de Talassoterapia relacionar-se com a paisagem que o rodeia, que no seu caso é a paisagem semi-deserta. Por se tratar de uma casa em que a construção de cercos não é possível, o ateliê optou pela criação de um jardim central que para além de servir para iluminar os vários espaços, as paredes exteriores funcionam como “muros” de forma a dar maior privacidade aos espaços de estar. Os vãos foram abertos de forma a permitir entradas de luz e enquadramentos visuais para a paisagem, relacionando o interior com o exterior, visando sempre a premissa da privacidade, separando os espaços sociais dos privados. Sendo o contacto com a natureza possível em todos os locais da casa, a vegetação selvagem desempenha assim um papel integrante na arquitetura. A escolha dos materiais na concepção da casa reflete o carácter quente e simples da atmosfera, o betão armado na tonalidade tepetate<sup>7</sup> permite essas sensações.

7 termo mexicano para referir solo endurecido característico das zonas vulcânicas



123. Fachada da Casa Tejocota, 2021, pela lente do fotógrafo Miguel Ángel González



124. e 125. Fotografias demonstrativas dos materiais utilizados, 2021, pela lente da fotógrafa Ariadna Polo



126. e 127. Fotografias das zonas húmidas, 2021, pela lente da fotógrafa Ariadna Polo

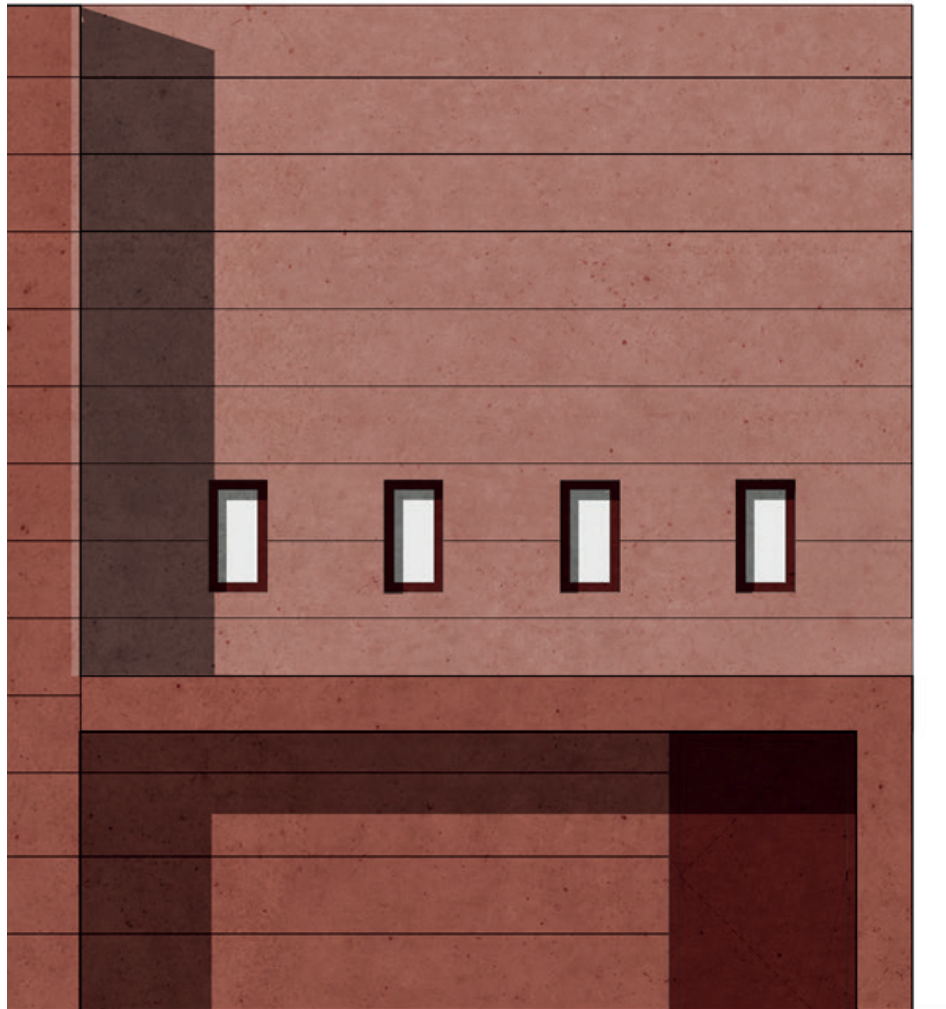


128. Fotografia do interior do quarto, 2021, pela lente da fotógrafa Ariadna Polo

A opção por materiais discretos faz com que a atmosfera da casa seja o maior protagonista.

No Centro de Talassoterapia tal como na Casa Tejocota, optou-se pela escolha de pavimentos de madeiras nas zonas mais privadas do edifício como o quarto ou as zonas de átrio. Os pisos de tijolo e mosaicos cerâmicos são reservados para o uso nas zonas com maior contacto com a água, como os corredores de acessos aos tanques, os balneários ou locais de pausa e estadia. As vistas para o mar são controladas de forma a enquadrar o Oceano Atlântico e, apesar do carácter público do edifício, pretende-se preservar a privacidade de quem o usa, através dos caixilhos e mobiliário de madeira maciça ou a serralheria, usando isso a seu favor de forma a transmitir a sensação de casa ao pé do mar e todo o conforto que o lugar acarreta. A estrutura como já referido anteriormente, é de betão armado de pigmentação terracota de forma a conseguir enquadrar-se na arriba e no novo percurso da frente de água que usa o aço nos passadiços, do muro pré-existente contíguo à Praia da Baforeira, ao remanescente dos passadiços que já existem e que permitem a vivência na frente de água, dando ao mar o papel que merece, o papel de maior protagonista da peça arquitetónica.

A escolha dos materiais vai ao encontro do objetivo de projeto que pretende criar uma relação franca com o mar servindo-se dele, mas tendo o cuidado para não descaracterizar a vivência humana e a natureza que representa.









## 05. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O terreno de intervenção situa-se numa frente de água que ao longo do tempo sofreu várias mutações de forma a adaptar-se ao contexto que vivia. A Praia da Baforeira teve parte da sua identidade corrompida pelas novas exigências, como foi o caso da construção de várias infraestruturas que alteraram as dinâmicas territoriais, o que acabou por negligenciar o percurso de pedestres e a vivência na frente-mar.

A aprendizagem acerca do território através de cartografia antiga, registos fotográficos da época e textos foi necessária para compreender o local, de forma a obter um entendimento morfológico da arriba e desenvolver uma estratégia do objeto arquitetónico se integrar com o existente. O declive acentuado da arriba tornou-se o maior desafio de trabalho para interligar os dois espaços, sendo que existe zonas em que a Estrada Marginal funciona como barreira física nessas vivências.

167

O Projeto Final de Mestrado pretendeu dar resposta aos seguintes objetivos:

**(Respeitar e valorizar o carácter do local)** a compreensão do território foi fundamental para definir o programa e o carácter do edifício, de forma a poder refletir parte da identidade da freguesia. A associação da Parede aos tratamentos de doenças dos ossos fez com que o Centro de Talassoterapia ganhasse especial importância. A permeabilidade de vistas proposto no Plano de Urbanização da freguesia para não permitir a construção em cima da arriba fez com que o usufruto das vistas para o mar fosse para todos, também o edifício proposto respeita essa premissa.



**(Relacionar o espírito do lugar no contexto geo-histórico)** utilizando-o para consolidar e manter a natureza do lugar, em vista a preservar a história e a vivência da frente de água. Os passadiços criados pretendem dar resposta à descontinuidade do percurso, fazendo com o que o Homem consiga estabelecer uma relação franca com a água.

**(Promover os tratamentos terapêuticos que utilizem a água do mar em edifício próprio)** as águas das praias da Parede sempre foram conhecidas por dispor características únicas para o tratamento de doenças associadas aos ossos. A utilização da água do mar no edifício vai valorizar e melhorar os tratamentos.

**(Criar uma maior dinâmica na frente-água)** a criação do centro de talassoterapia, e piscinas de pedra na Praia da Baforeira, praia esta que cada vez apresenta menor areal, trará novos usos e maior vivência.

**(Divulgar a talassoterapia como prevenção e melhoria da saúde) e (Investigar a fórmula programática que incentiva a melhor forma arquitetónica)**, a implantação de um Centro de Talassoterapia na Parede, no distrito de Lisboa, fará com que se torne acessível a um maior número de pessoas.

A motivação inicial do projeto começou pela vontade de criar um percurso contínuo que ligasse toda a Frente de Cascais com intenção de recuperação da memória, explorando a vivência e a importância da água na arquitetura e vida humana, de forma a dotar a vila de uma maior proximidade com a água, explorando as suas potencialidades. Apesar do carácter urbano da proposta, o Centro de Talassoterapia pretende servir-se das condições distintas da freguesia da Parede, conhecida pelas suas praias com elevados níveis de iodo e boa exposição solar para a criação de um edifício que se afirme na vertente da Talassoterapia, promovendo as valências naturais do lugar, para uma maior vinculação do Homem com a água.







## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Cristina; FERREIRA, Carlos; PEREIRA, Francisco (1997). Parede as pedras e o mar, Monografia da Parede. Parede: Junta de Freguesia da Parede.

AALTO, Alvar, (2000). Matter and Mind in Architecture. Finland: Alvar Aalto Foundation.

ASCHER, François, (2010). Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra.

BACHELARD, Gaston, (1997). A Água e os Sonhos. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.

BACHELARD, Gaston, (2003). A Poética do Espaço. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.

BARRUNCHO, Pedro, (1873). Apontamentos para a História da Villa e Concelho de Cascaes. Lisboa: Typografia Universal.

BIRREN, Faber, (1988). Light, Color & Environment. Pennsylvania: Schiffer.

BRANDÃO, Pedro, (2008). A identidade dos lugares e a sua representação coletiva. Base de Orientação, qualificação e gestão de espaço público. Lisboa: DGOTDU

CAMARGO, Júlia Oguiura, (2021). Razão poética: a Terma de Vals. (Tese de Mestrado em Arquitetura). Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

CAMPO BAEZA, Alberto, (2013). Principia Architectonica. Lisboa: Caleidoscópico Edição e Artes Gráficas, SA



**CARDOSO**, Guilherme; **ENCARNAÇÃO**, José (2010). Roteiros de património de Cascais. património arqueológico. Vol.2. Cascais: Câmara Municipal de Cascais

**CORREIA**, J. Diogo, (1964). Toponímia do Concelho de Cascais (PDF). Cascais: Câmara Municipal de Cascais

**COSTA**, Joana, (2013). Relações Públicas no Sector da Saúde e do Bem-estar: Estratégia de R. P. para o Reposicionamento de uma Cadeia de Spas de Hotel. (Tese de Mestrado em Gestão Estratégica das Relações Públicas). Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa

**COSTA**, Rodrigo Ramos (2014). Projetos urbanos em frentes d'água: limites e desafios ambientais: o arco Tietê em São Paulo. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie

**CRACKNELL**, Deborah, (2019). A Terapia do Mar, conheça os benefícios dos Oceanos para a saúde e o bem-estar. Inglaterra: Nascente

175

**GLANCEY**, Jonathan, (2000). A História da Arquitetura. Brasil: Edições Loyola

**HENRIQUES**, João (coord.); **MANGORRINHA**, Jorge; **MATOS**, Helena; **PIMENTEL**, Irene; **PINTO**, Helena; **SEQUEIRA**, Margarida, (201). Cascais: Território, História, Memória, 650 anos de História. Cascais: Câmara Municipal de Cascais

**LOBO**, Susana, (2012). Arquitetura e Turismo: Planos e Projectos, As Cenografias do lazer na Costa Portuguesa, da 1ª República à Democracia. (Tese de doutoramento em Arquitetura, especialidade em Teoria e História). Coimbra: Universidade de Coimbra, departamento de Arquitetura



- LYNCH, Kevin, (1962). A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70
- MARTINS, Pedro Alexandre, (2011). Contributos para uma História do Ir à Praia em Portugal. (Tese de Mestrado em História Contemporânea). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- MORER, Charles W. (1994). Water and Architecture. New York: H. N. Abrams
- MORER, Carla (2016). Boletim Sociedad Española de Hidrología Médica. Madrid: Facultad de Medicina, Universidad Complutense
- PALLASMAA, Juhani (1996). The Eyes of the Skin. Reino Unido: Academy Editions.
- PORTAS, Nuno, (1998). Cidades E Frentes De Água: Mostra De Projectos De Reversão Urbana Em Frentes de Água. Lisboa APL
- SEVERO, Carlos, (2010). A cultura Balnear na Costa do Sol: Para um Museu da Praia. (Tese de Mestrado em Museologia e Museografia). Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa
- SILVA, Raquel, (1988) A arquitectura de veraneio em S. João do Estoril, Parede e Carcavelos. Cascais: Câmara Municipal de Cascais
- TAVARES, André, (2005). Arquitectura Antituberculose. Portugal: FAUP Publicações
- ZUMTHOR, Peter, (1998). Thinking Architecture. Basel: Birkhäuser
- ZUMTHOR, Peter, (2006). Atmosferas. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- ZUMTHOR, Peter, (2014). Therme Valis. Scheidegger und spiess ag, verlag

## DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/10/hospital-de-santana.html> (consultado a 12 de Outubro de 2022)

<https://divisare.com/projects/440834-buzzo-spinelli-architecture-dietmar-feichtinger-architectes-celia-uhalde-aldilonda> (consultado a 15 de Outubro de 2022)

[https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/989806/casa-tejocote-gonzalez-muchow-arquitectura/6335df2e7120023ca7540456-tejocote-house-gonzalez-muchow-arquitectura-photo?next_project=no) (consultado a 13 de Setembro de 2023)

<https://mclarenexcell.com/work/hiaven/> (consultado a 20 de Outubro de 2023)

178

[https://www.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/new/historia\\_dos\\_transportes\\_em\\_cascais.pdf](https://www.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/new/historia_dos_transportes_em_cascais.pdf) (consultado a 23 de Outubro de 2023)

[https://mais.scml.pt/museu-saoroque/paredes-1904/?doing\\_wp\\_cron=1671326915.61910104751586914062\\_50](https://mais.scml.pt/museu-saoroque/paredes-1904/?doing_wp_cron=1671326915.61910104751586914062_50) <https://aemundao.net/2021/10/28/talassoterapia-a-saude-que-vem-do-mar/> (consultado a 17 de Dezembro de 2023)

<https://www.archdaily.com/493406/the-big-u-big-s-new-york-city-vision-for-rebuild-by-design> (consultado a 23 de Dezembro de 2023)

<https://www.cascais.pt/noticia/passear-no-paredao-um-habito-criado-por-regente-exilado-da-hungria> (consultado a 27 de Dezembro de 2023)

<https://arqa.com/gallery-page?id=618201> (consultado a 23 de Dezembro de 2023)

<https://medium.com/aliados-the-challenges-consulting/como-é-que-as-cidades-se-podem-adaptar-à-subida-do-n%C3%ADvel-médio-das-águas-do-mar-d903bf4ab784> (consultado a 17 de Dezembro de 2023)

<https://welectric.pt/2021/08/25/simulador-mostra-o-efeito-da-subida-do-nivel-da-agua-em-portugal-e-assustador/> (consultado a 5 de Janeiro de 2024)

<https://www.youtube.com/watch?v=R8OhQpV7EDM> (consultado a 5 de Janeiro de 2024)







## ANEXOS

**ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA**

ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

ANEXO IV - REFERÊNCIAS

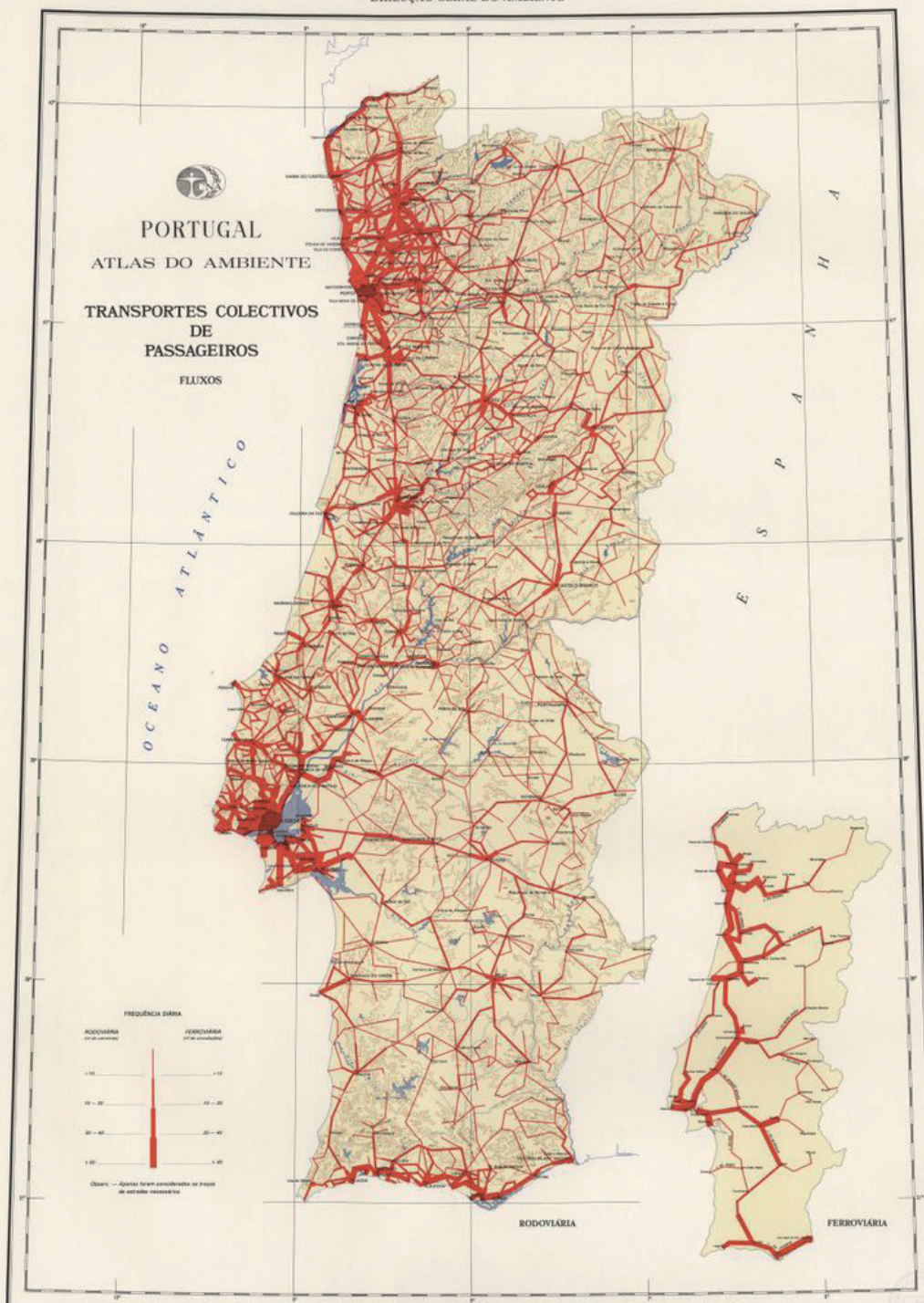
ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO

ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES

ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE





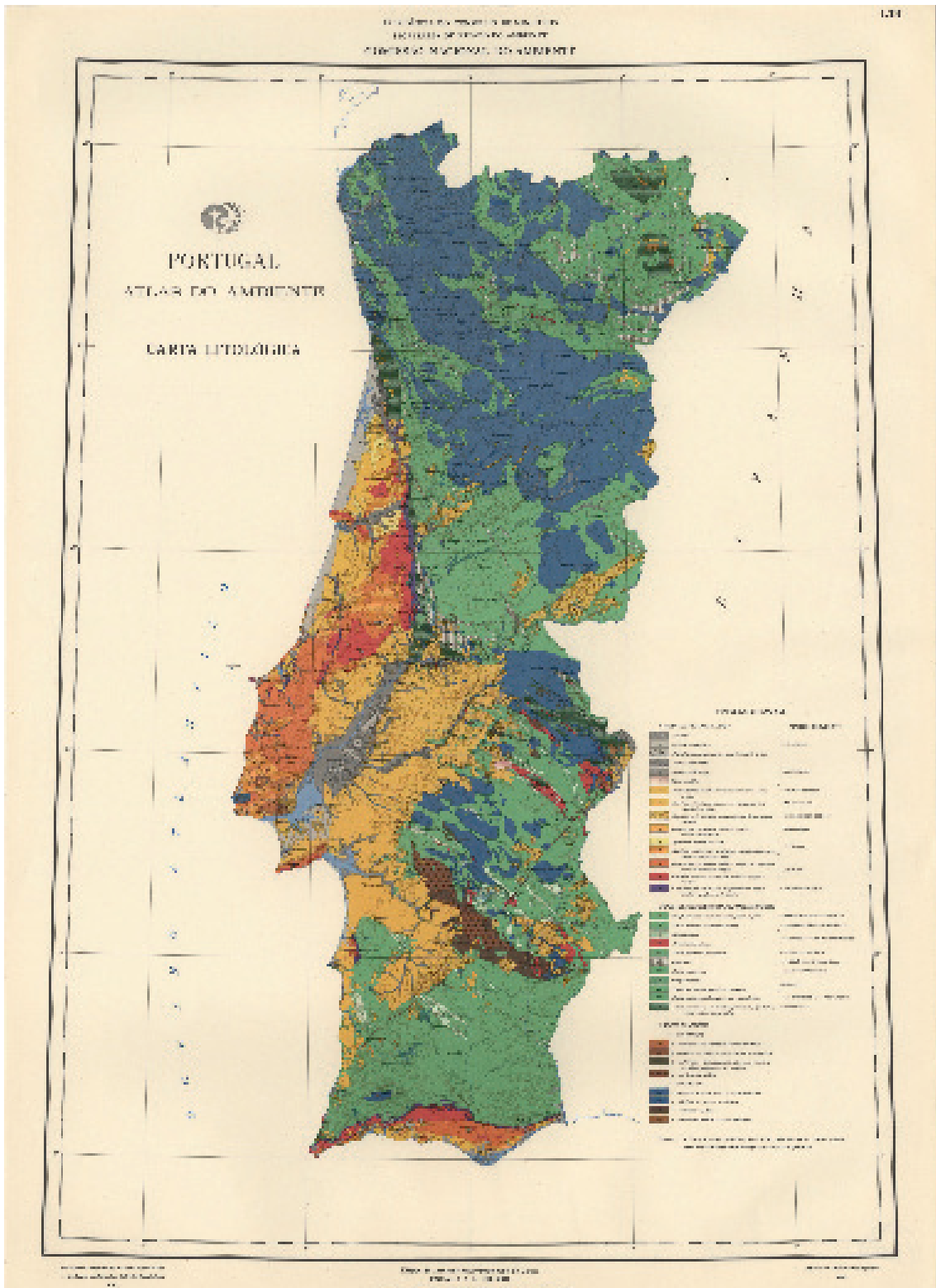


Preparado na Direcção-Geral do Ambiente pelo Núcleo de Atlas do Ambiente, com base em estatísticas elaboradas pela Direcção-Geral do Ambiente, Rodoviária Nacional e CP - 1988

Elipsóide Internacional - Projeção de Gauss  
ESCALA 1:1.000.000

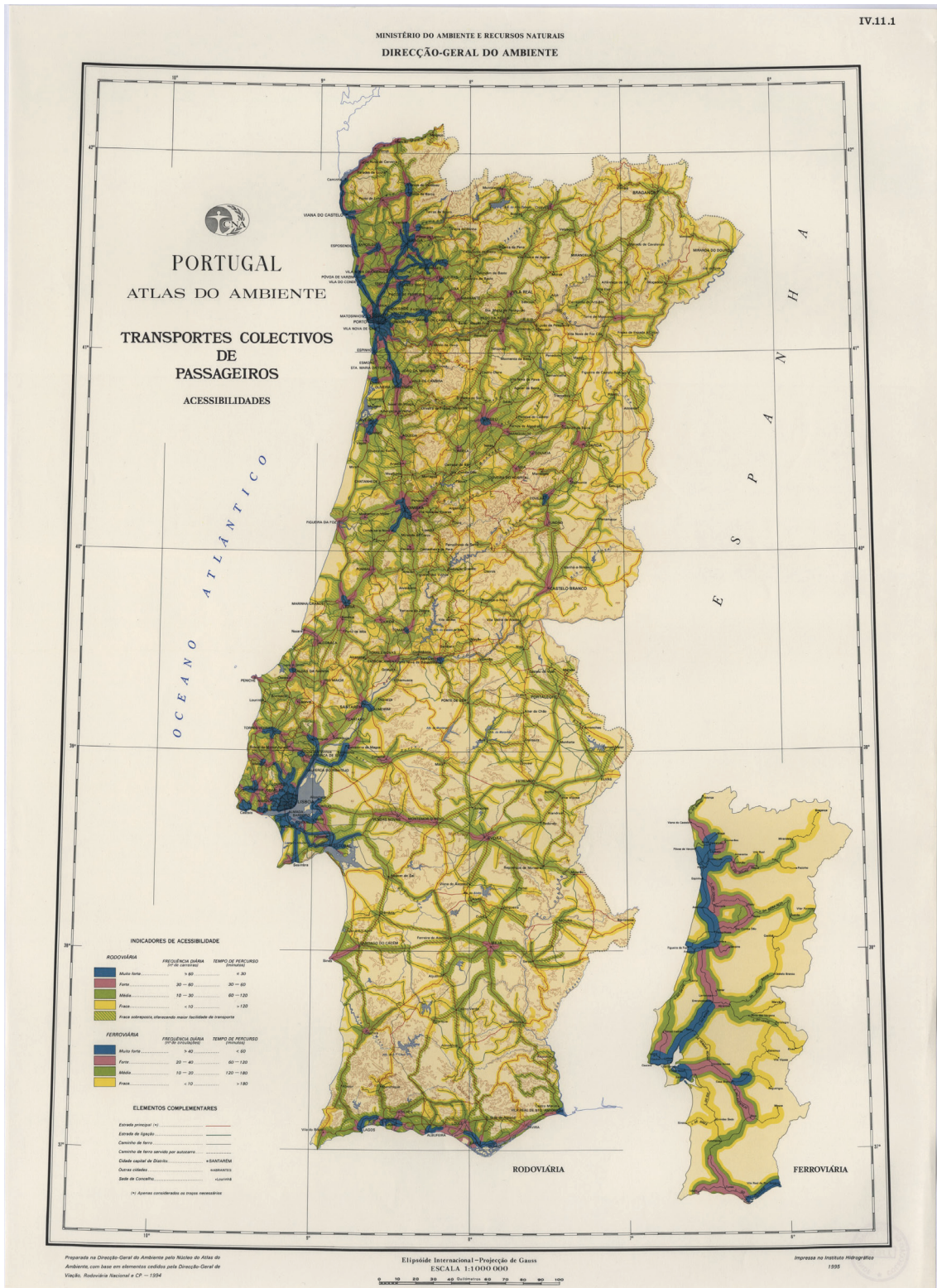
Impressão no Instituto Geográfico 1988

Transportes Coletivos de Passageiros - Fonte

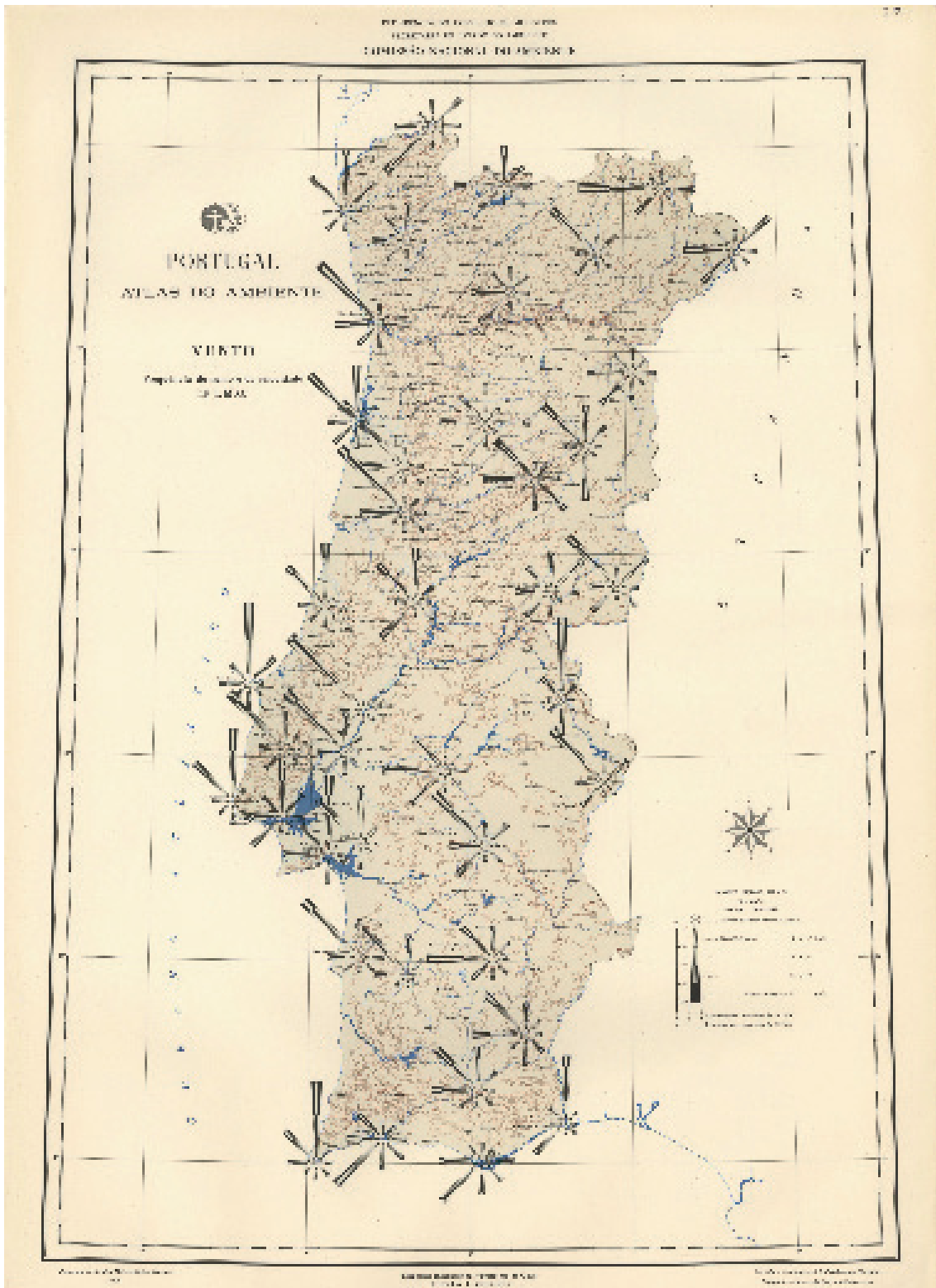


Carta Litológica



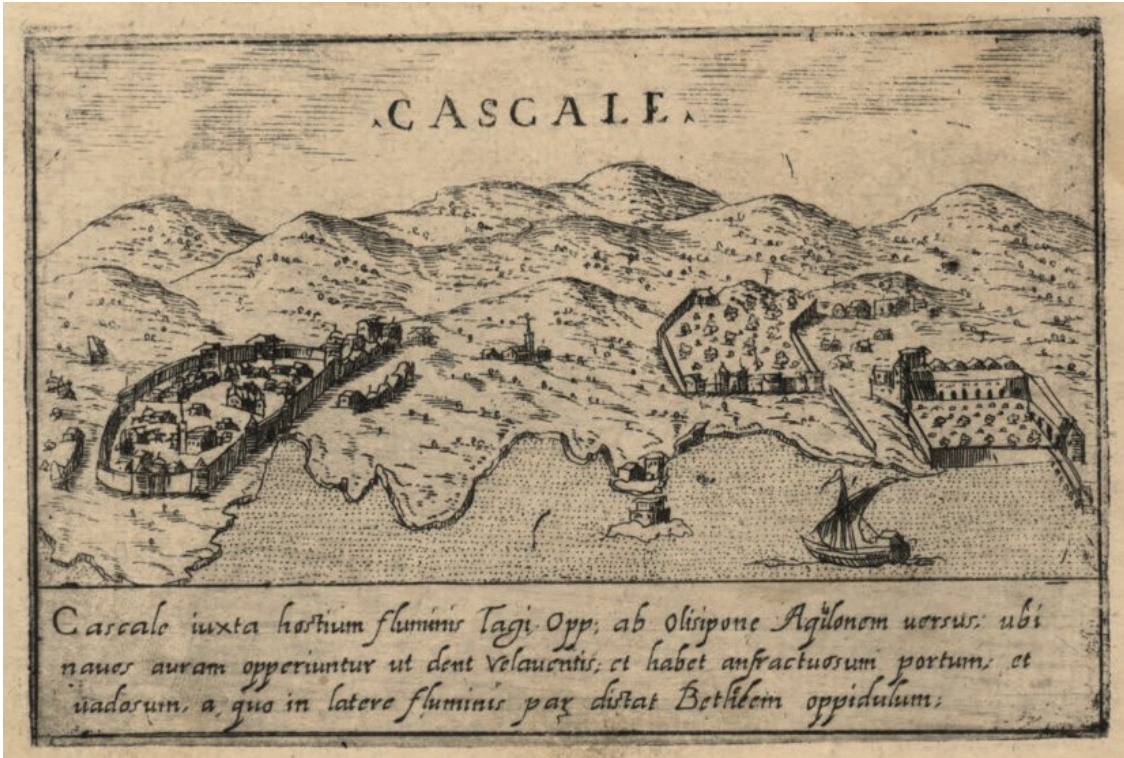


Transportes Coletivos de Passageiros - Acessibilidades

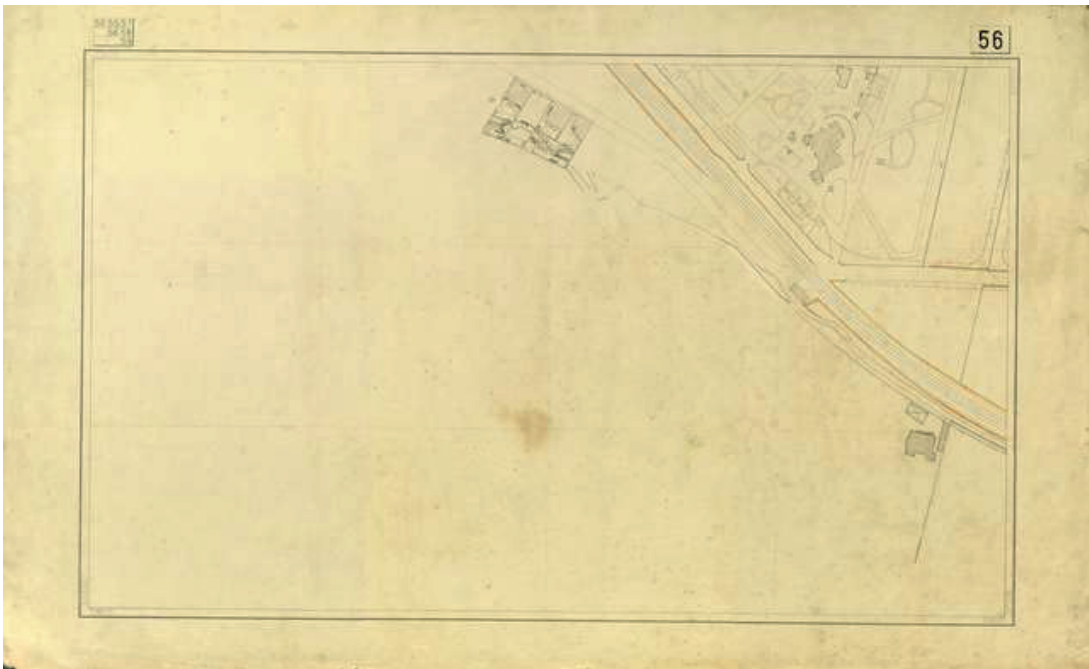


Vento - Frequência do rumo e da velocidade



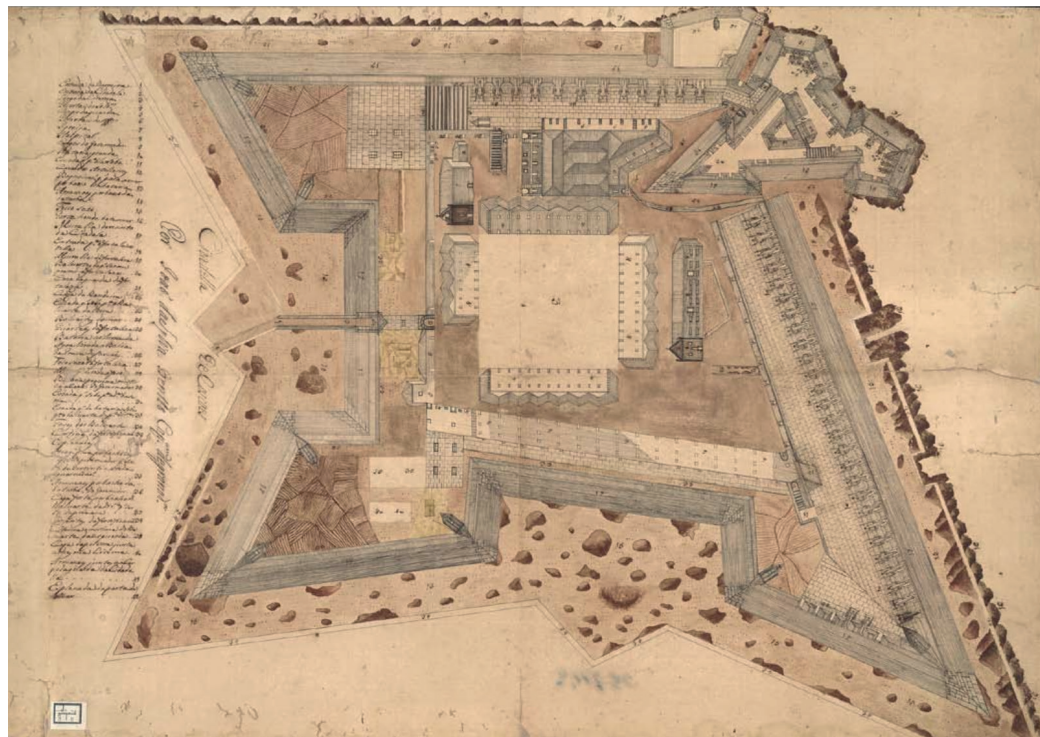
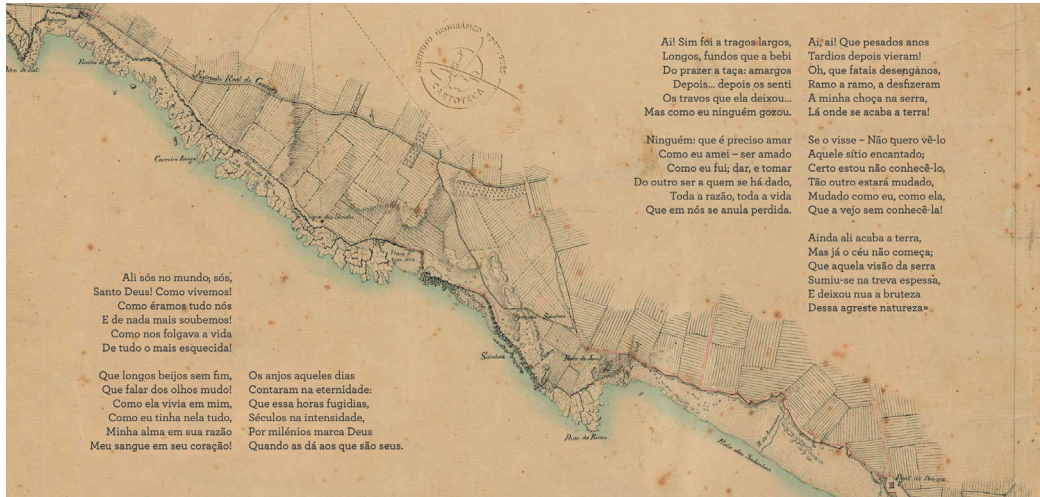


192











ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA

**ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS**

ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

ANEXO IV - REFERÊNCIAS

ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO

ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES

ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE











ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA

ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

**ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

ANEXO IV - REFERÊNCIAS

ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO

ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES

ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE



204



















































ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA

ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

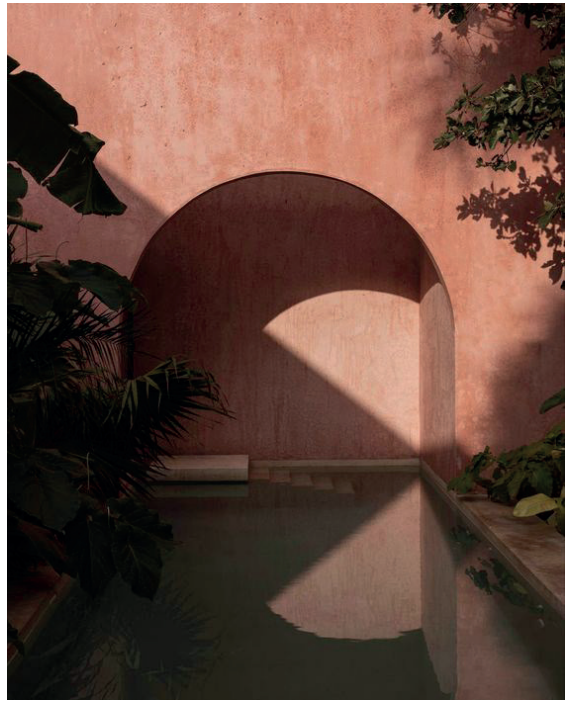
ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

**ANEXO IV - REFERÊNCIAS**

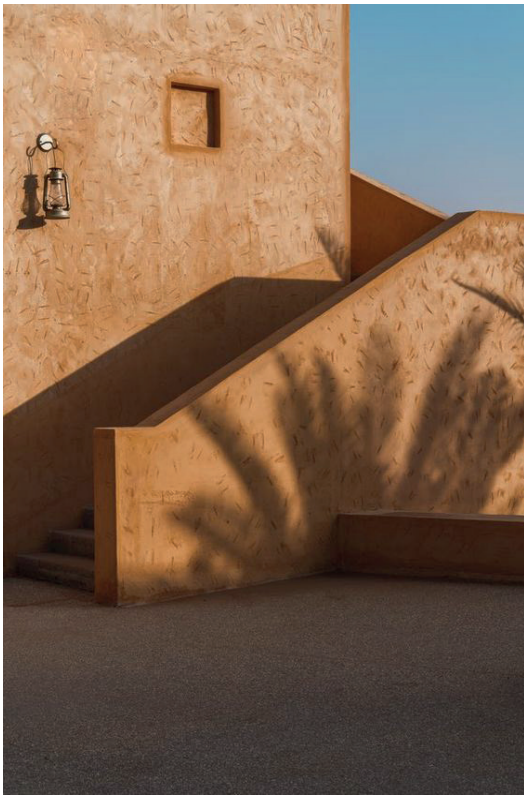
ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO

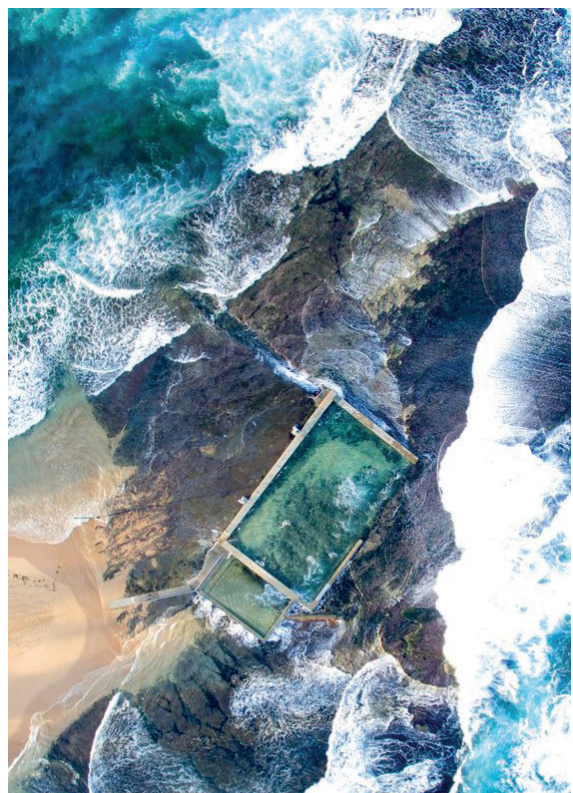
ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES

ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE



230





## PUNTA PITE, TERESA MOLLER

A zona de Punta Pite, localizada ao longo da costa central do Chile, onde um braço da cordilheira desce até ao mar para formar um precipício rochoso, mostra a importância da preservação da paisagem natural quando se cria percurso ao longo da costa que se projeta para o oceano. O projeto pretende responder à problemática da descontinuidade do percurso ao longo da costa, articulando também os quatro espaços públicos existentes, o Parque de la Punta, Playa del Peral, La Posa e o Mirador de la Cala criando um sistema de passadiços com a extensão de 1,5 quilómetros que percorrem a linha da arriba e serve como elemento conector destes espaços.

Teresa Moller pretende manter o carácter do local, utilizando um percurso marginal que permita a ligação entre a paisagem natural e possibilita a criação de vários enquadramentos de vista para o mar e para as falésias. A intervenção é bastante sensível ao existente o que faz com que a arquiteta apenas intervenha nos locais em que a própria falésia não permite passagem, concebendo nesses casos caminhos ou escadas. Apesar de em nenhum momento existir um caminho marcado, o que permite a escolha do percurso a seguir. Essas intervenções são construídas em granito cortado à mão, o material das próprias falésias mais uma vez destacando a paisagem existente, possibilitando a limpeza, preservação da flora e respeitando as rochas do local.

Em suma, o objetivo principal do projeto passa pela pouca intervenção do homem no meio natural, respeitando o enquadramento natural do local, recorrendo à utilização dos materiais existentes, valorizando a paisagem que a própria falésia e o mar proporcionam. A intervenção paisagística pretende criar um parque que englobe o empreendimento residencial ao mesmo tempo que se torna um espaço compartilhado e que valorize o local onde está inserido, criando espaços de contemplação e encontro entre o homem e o meio natural.



ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA

ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS

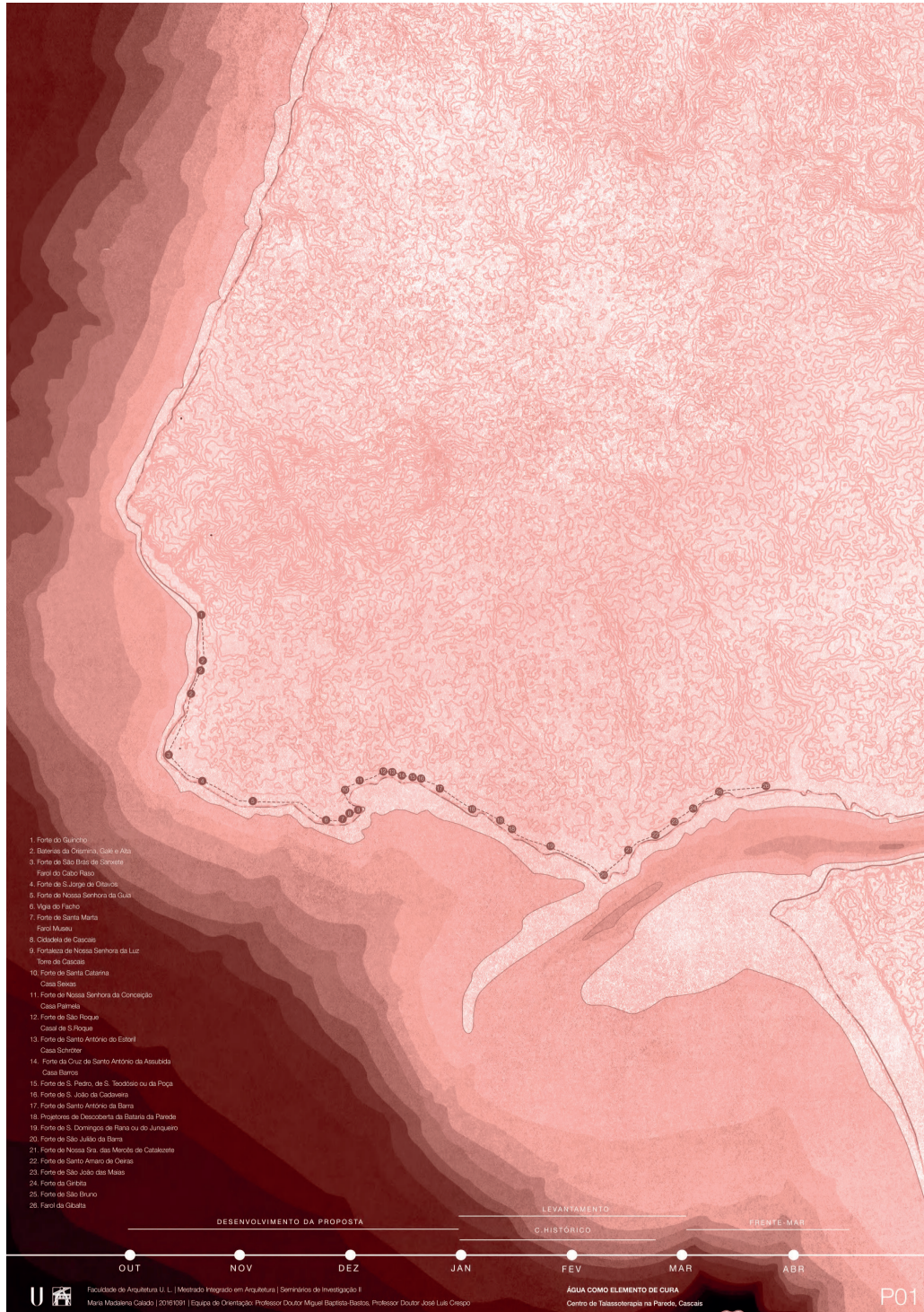
ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

ANEXO IV - REFERÊNCIAS

**ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO**

ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES

ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE





**CENTRO DE TALLASSOTERAPIA**

**ONDE?**  
LUGAR

Parede, Cascais

**O QUÊ?**  
PROGRAMA

Centro de Talassoterapia

**PORQUÊ?**  
CONCEITO/IDEIA

Elevado nível de lodo, o que potencia o tratamento de doenças

**COMO?**  
PROJETO

Ligação entre os dois passeios marítimos e criação de um centro de Talassoterapia na frente-mar

**OBJECTIVOS**

- PRESERVAR o património edificado, respeitando a memória do local, utilizando-a para consolidar e manter o carácter do lugar;
- CRIAR uma ligação entre os dois passeios marítimos;
- FOMENTAR uma relação mais próxima com a frente-mar;
- RELACIONAR o espírito do lugar no contexto geo-histórico;
- QUALIFICAR o espaço público e a ligação na marginal;
- PROMOVER os tratamentos terapêuticos que utilizem a água do mar
- DIVULGAR a talassoterapia como prevenção e melhoria da saúde;
- INVESTIGAR a fórmula programática que incentive a melhor forma arquitetónica.

**PROBLEMÁTICA**

A ligação interrompida da vivência da frente mar entre os dois passeios marítimos de Oeiras e Cascais, na zona da Praia de Carcavelos até à Praia da Azarujinha, São João do Estoril.

**PROGRAMA**  
CENTRO DE TALLASSOTERAPIA

- 1. Entrada e Distribuição**  
Átrio de Entrada + Recepção  
Sala de Apoio à Recepção  
Farmácia  
Balneários Femininos  
Balneários Masculinos  
Cafetaria + Restaurante
- 2. Administração**  
Sala de Reuniões  
Gabinetes de Administração  
Vestibúlios  
Instalações Sanitárias  
Átrio Entrada de Serviço  
Copa
- 3. Espaços de Tratamento**  
Sala de Tratamento ORL  
Gabinetes de Ação Médica  
Gabinetes Individuais  
Hidroterapia para mãos e pés  
Duches de Contraste  
Cabines de duche Vichy  
Duche de Agulhet  
Sala de Calores Húmidos
- 4. Hotelaria + Lúdicos**  
Piscina de água dinâmica  
Hamman - Banho Turco  
Sauna  
Gabinetes de Massagem  
Jacuzzi  
Tanque exterior de água fria  
Quartos
- 5. Espaços Técnicos**  
Sala de Manutenção  
Depósito de Toalhas  
Lavandaria  
Sala das Máquinas  
Lixos Infetados  
Espaço de Lixos




1. Ncbarchitettura Ncbarchitettura Relais Histórico - Programa  
2. Musée Yves Saint Laurent, Marrakech - Studio KO (Materialização)  
3. Punte Pite, Chile - Teresa Molter (Proposta Urbana)

**Palavras-chave: Mar | Memória | Talassoterapia | Cascais | Frentes de Água**



TALLASSOTERAPIA



INTREVENÇÃO URBANA



ATMOSFERAS



MEMÓRIA

MATERIALIZAÇÃO

DOCUMENTO ESCRITO

DESENHOS TÉCNICOS

PEÇAS FINAIS

MAI

JUN

JUL

AGO

SET

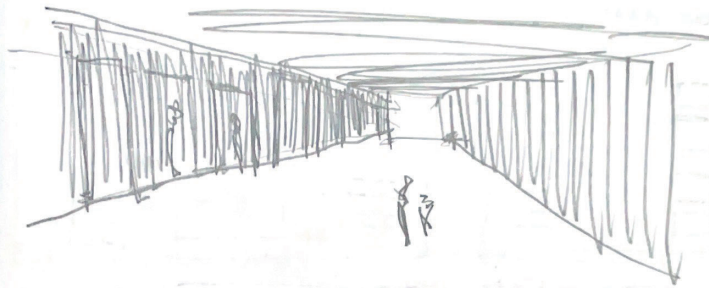
OUT

NOV

**U** Faculdade de Arquitetura U. L. | Mestrado Integrado em Arquitetura | Seminários de Investigação II  
Marta Madalena Calvão | 2016/10/01 | Equipa de Orientação: Professor Doutor Miguel Baptista Bastos Professor Doutor José Luís Crespo

**ÁGUA COMO ELEMENTO DE CURA**  
Centro de Talassoterapia na Parede, Cascais

**P02**



## CAPITULO 02

### 02.01 SIMBOLOGIA DA ÁGUA □

→ ÁGUA + RELEGIÃO → TESE DE MESTRADO  
 (PASTA TESE 532.060) □  
 → CONEÇAR COM O QUE É A ÁGUA □ + LIVRO ÁGUA E  
 (VERÍSSIMO - TESE) ARQUITETURA

APONTAMENTOS TIRADOS (CADERNO - LUIS CONLEIÃO)  
 + CITAÇÃO

### 02.02 FRENTE - DE ÁGUA

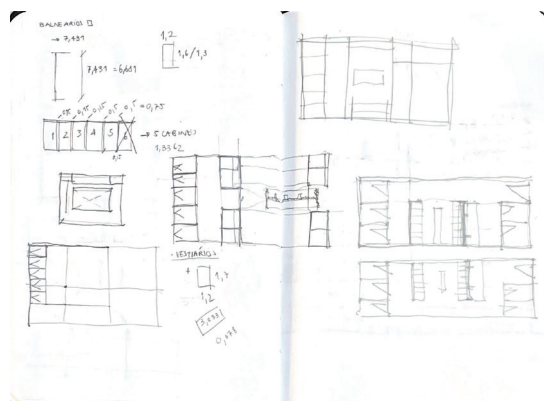
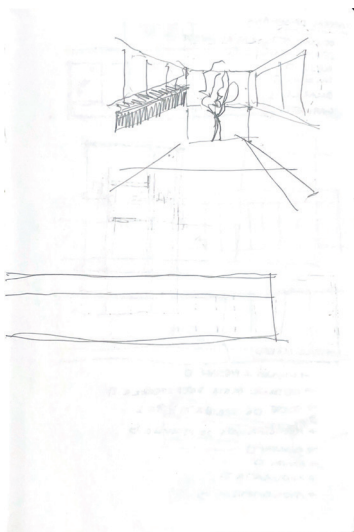
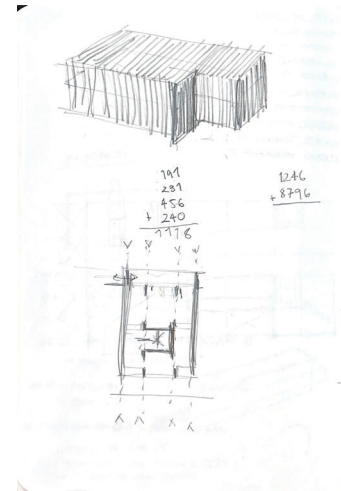
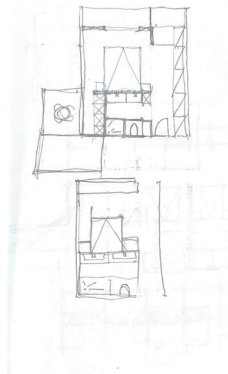
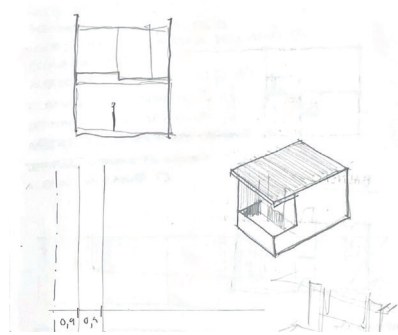
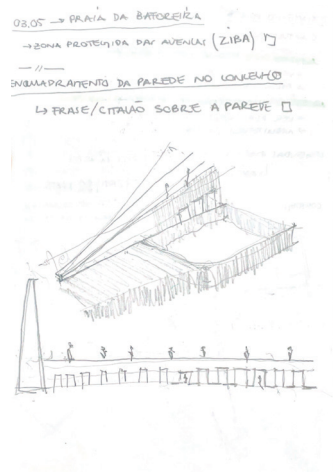
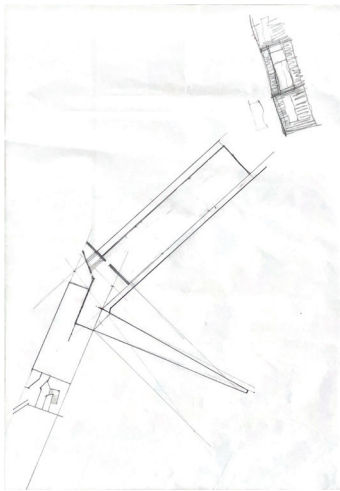
△ FAZTA EXEMPLOS ÁGUA TEXTURE □  
 BIARRITZ □ (?)  
 NY □ (?)  
 1 DE FENOMENOS □  
 1 DE FRENTE DE TURISMO □

### 02.03 INCORPORAÇÃO DA ÁGUA NA ARQUITETURA

→ SKOPJE □  
 → LIVRO ÁGUA E ARQUITETURA  
 VER LIVRO DO COMPUTADOR

### 02.04 TERAPIAS ASSOCIADAS A ÁGUA □

TESE CAROLINA + KEVIN  
 ARQUITETURA TUBERCULOSE



TAREFAS 02.07.2024

- ANEXAR TEXTO INCORPORADO DA ANOVA
- REORGANIZAÇÃO CONTEÚDO HISTÓRICO
- TITULAR ATUAL DE SOLO
- INVENTAR O QUE FALTA
- REVELAR DOCUMENTO

TAREFAS 03.07.2024

- BRASO
- VERSÃO

CAPÍTULO 04

- INTEGRAÇÃO
- ESCALA URBANA
- PROGRAMA
- MATERIAIS DE

A FALTA

- REORGANIZAÇÃO CONTEÚDO
- DIMENSIONAR
- ESCALAS DO CASO
- REVELAR LINDA DE HISTÓRIA
- ALTERAR TEXTO ANEXO
- IMPRIMIR PLANTAS

MAPAS

ZONA INUNDÁVEL (01)

MAPA DE POSIÇÃO COA LENCÓIA (02)

MAPA SÍMBOLO

ESTRADA MARGINAL E AILHADA DE COBRO

PLANTA PRAIA DA PAREDE + ALINHADA

240

DIA 3

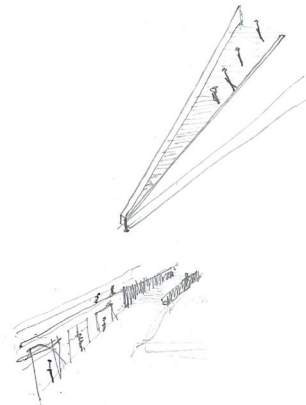
- ZONA INUNDÁVEL
- CONTEÚDO HISTÓRICO
- INSTRUMENTALIZAÇÃO
- VERSÃO
- REORGANIZAÇÃO
- ESCALAS DO CASO
- REVELAR LINDA DE HISTÓRIA
- ALTERAR TEXTO ANEXO

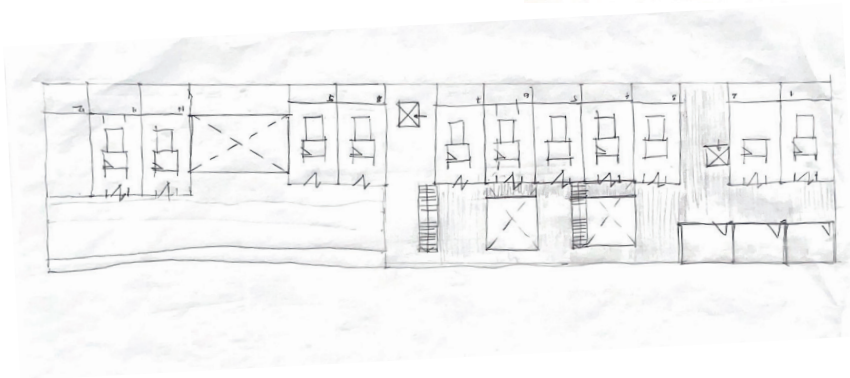
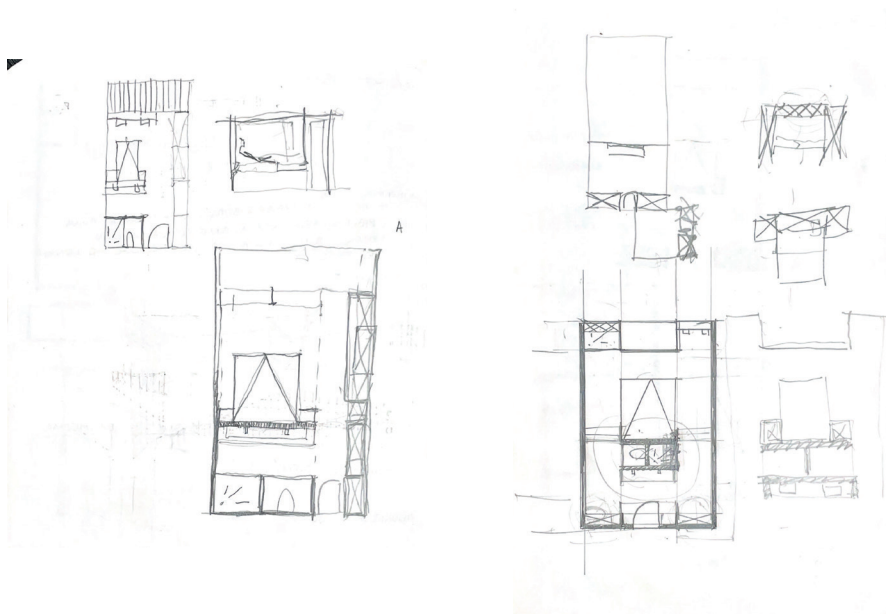
DIA 5

- FOTOGRAFIA
- MATERIAIS REFERENCIAIS
- FALTA EDIFÍCIO
- REORGANIZAÇÃO
- ALTERAR TEXTO

TANQUE GRANDE

CASA DE CHÁ



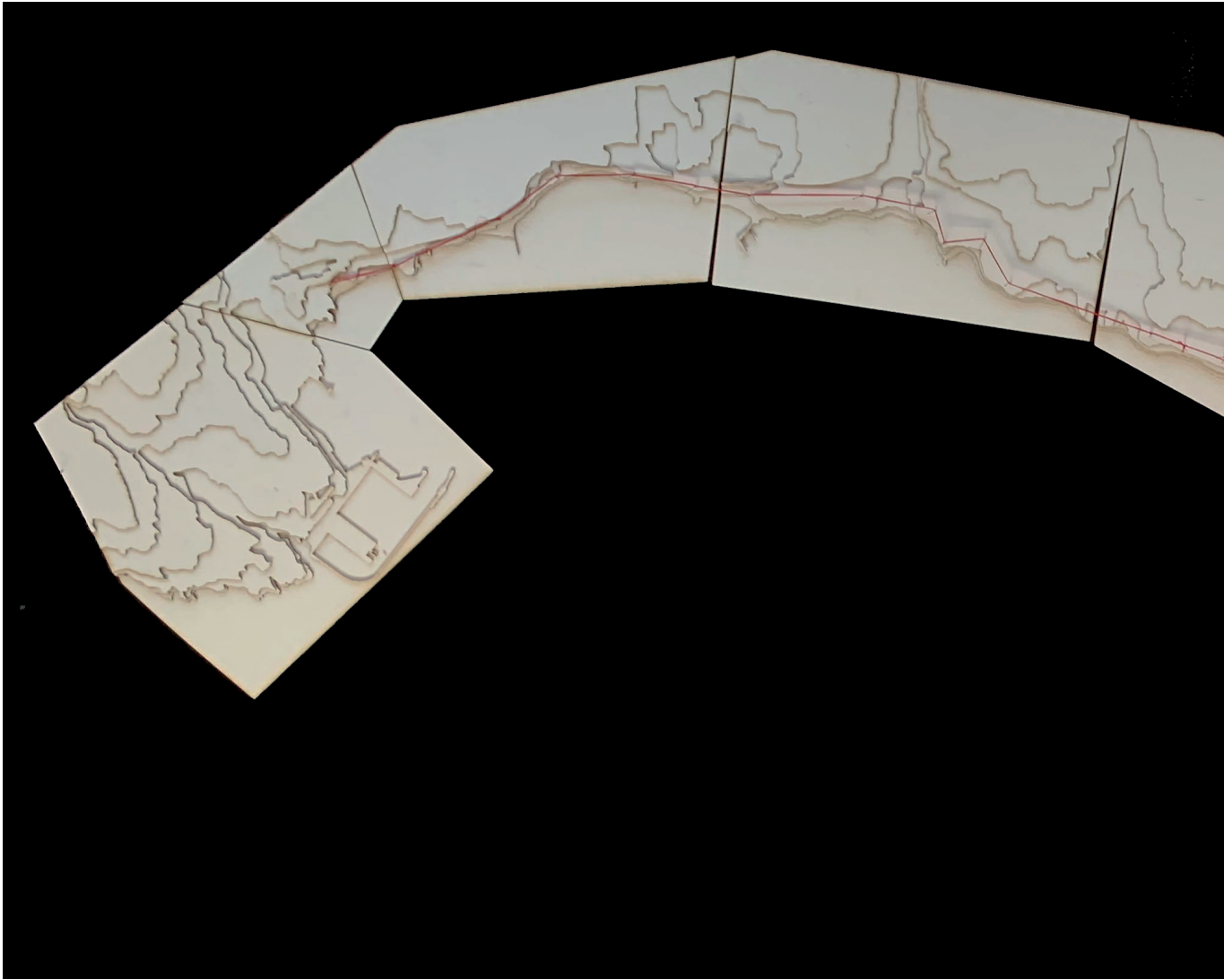


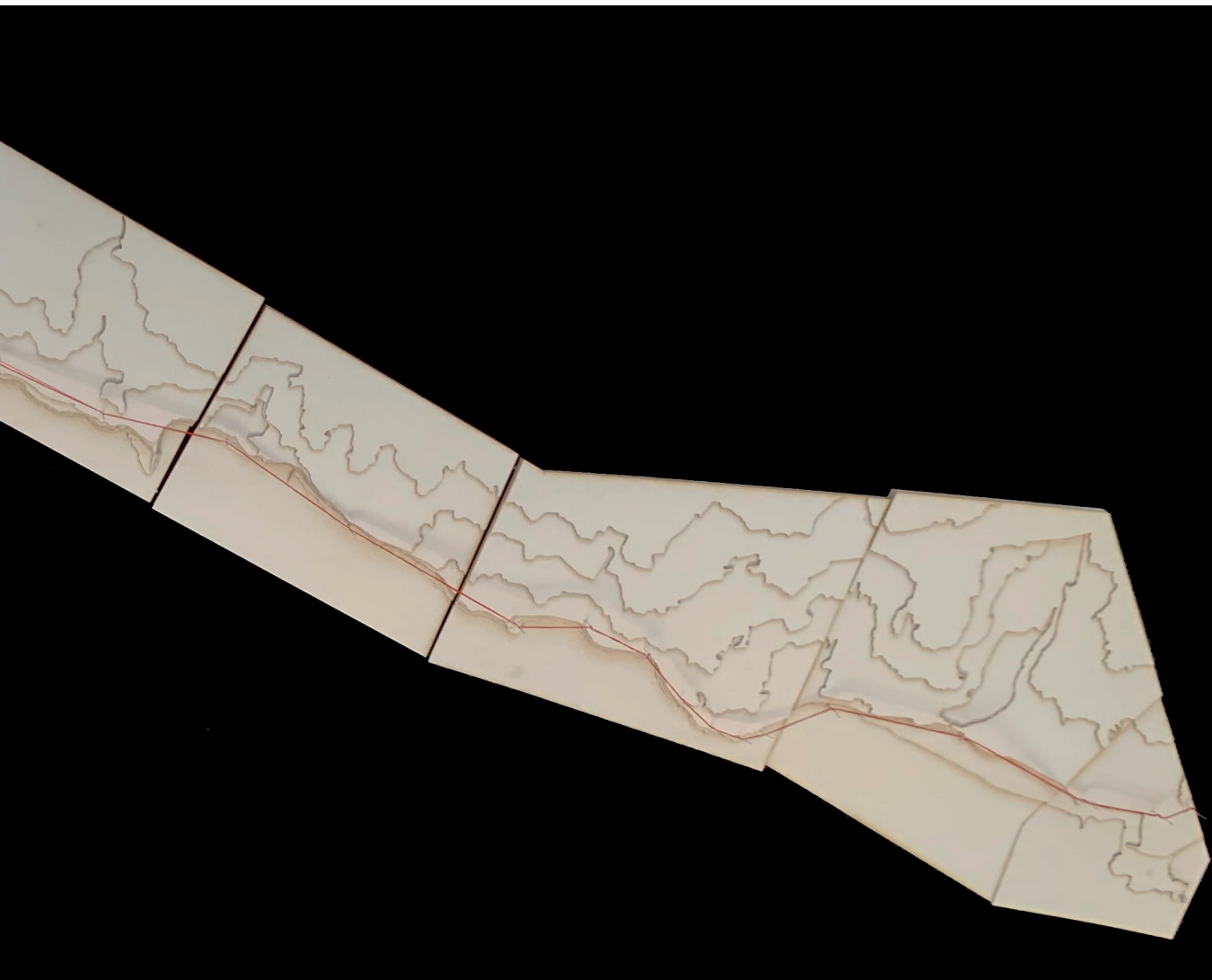


CENTRO DE TALASSOTERAPIA	
<b>1. Entrada e Espaços Comuns</b>	
Átrio de Entrada + Recepção	70
Sala de Apoio à Recepção	20
Farmácia	40
Balneários Femininos	100
Balneários Masculinos	100
Cafeteria + Restaurante	200
<b>Total 1 ( área útil) 530</b>	
<b>2. Espaços de Tratamento</b>	
Sala de Tratamento ORL	20
2 Gabinetes de Ação Médica	14
4 Gabinetes Individuais para tratamentos em banheiras	14
4 Gabinetes Individuais para aplicação de envoltivos e massagens	14
Hidroterapia para mãos e pés	30
Duches de Contraste	20
Cabines de duche Vichy	20
Duche de Agulheta, duche escocês e duche circular	20
Sala de Calores Húmidos/Turbilhão/ Parafina e Parafânago	20
Piscina/Tanque Terapêutico com água a diferentes temperaturas 34/35 /Watsu	85
<b>Total 2 ( área útil) 257</b>	
<b>3. Espaços Lúdicos</b>	
Piscina de água dinâmica (Tepidarium (32), Caldarium (42), Frigidarium (14)	750
Hamman - Banho Turco	25
Sauna	25
Gabinetes de Massagem	20
Jacuzzi	12
Tanque exterior de água fria	-
<b>Total 3 ( área útil) 832</b>	
<b>4. Espaços Administrativos</b>	
Sala de Reuniões	30
Gabinetes de Administração	20
Vestíários	20
Instalações Sanitárias	12
Átrio Entrada de Serviço	15
Copa	30
<b>Total 4 ( área útil) 127</b>	
<b>5. Espaços Complementares</b>	
Ginásio	200
Sala de Manutenção	30
Depósito de Toalhas	15
Lavandaria	15
Sala das Máquinas	40
Lixos Infetados	15
Espaço de Lixos	100
Estacionamento (50 Lugares)	-
Sala Polivalente	100
Quartos (12)	150
<b>Total 5 ( área útil) 665</b>	
<b>Total</b>	
	<b>4822</b>



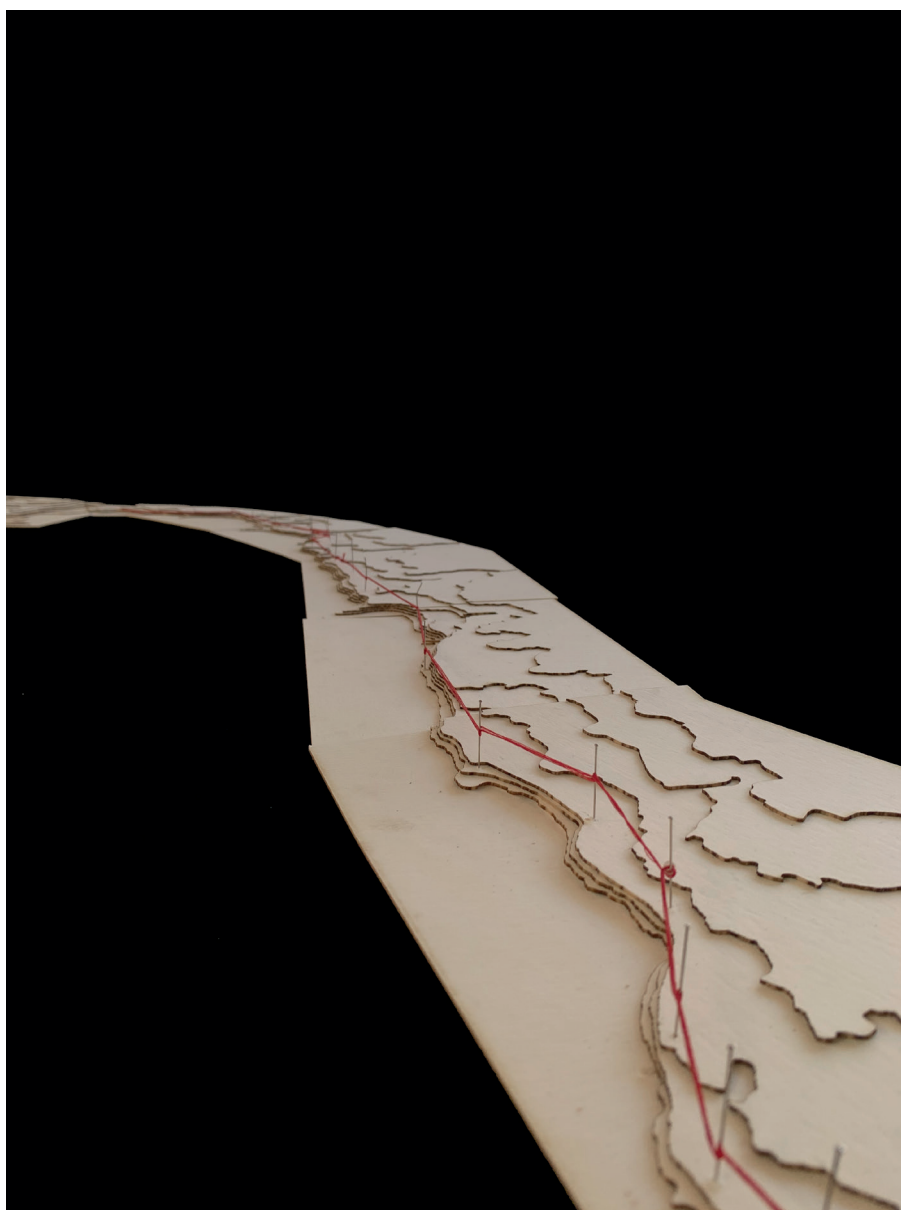
- ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA
- ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS
- ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
- ANEXO IV - REFERÊNCIAS
- ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO
- ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES**
- ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE



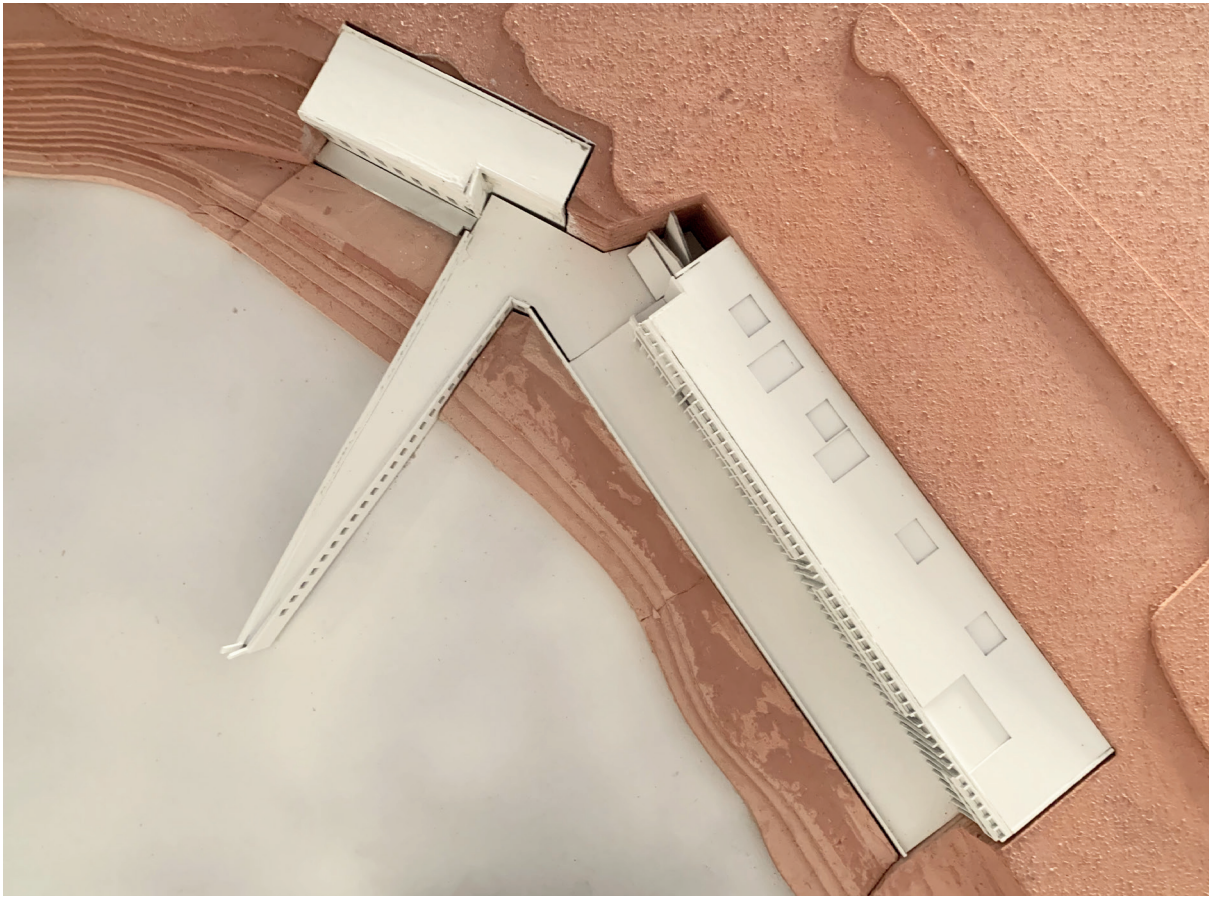


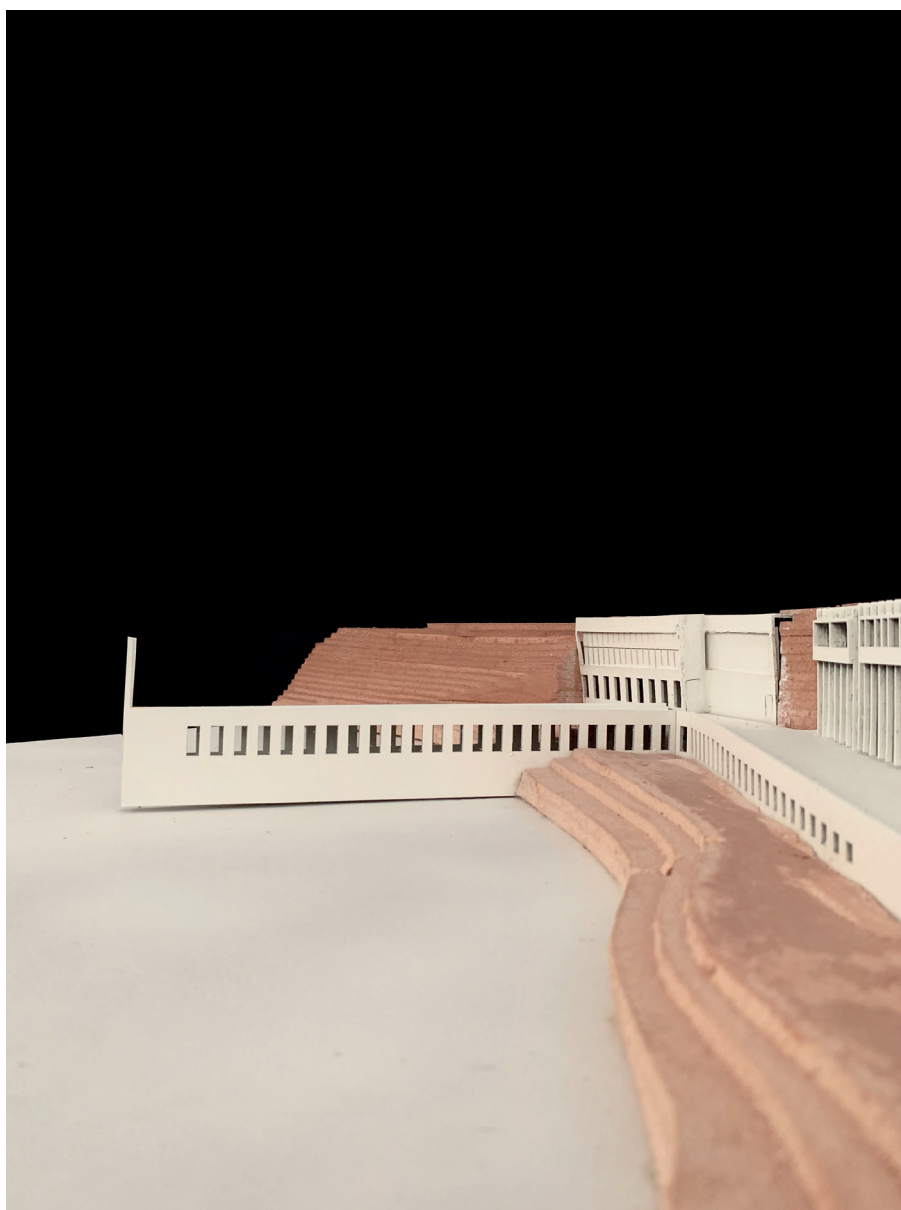
Maquete a 1.5000 do percurso da linha de água de Cascais



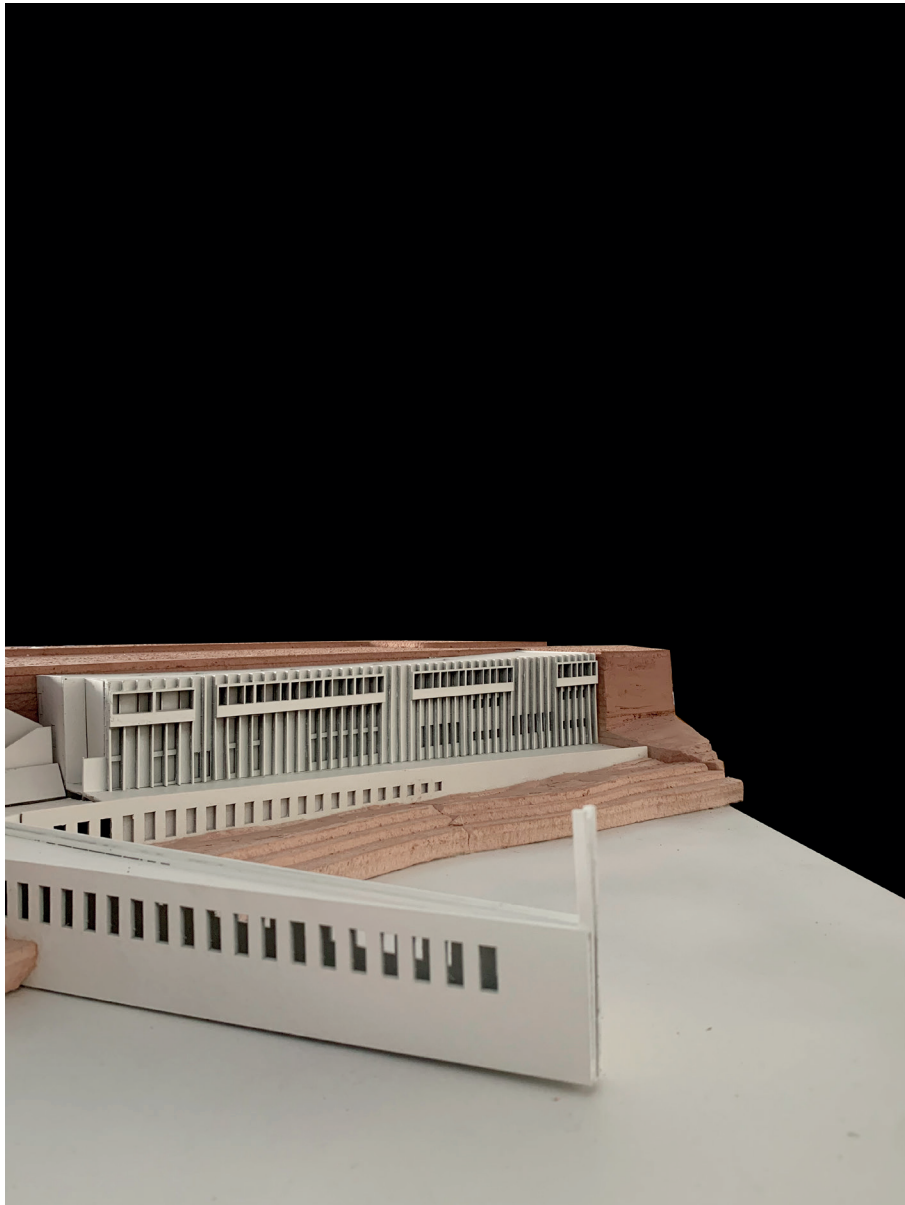


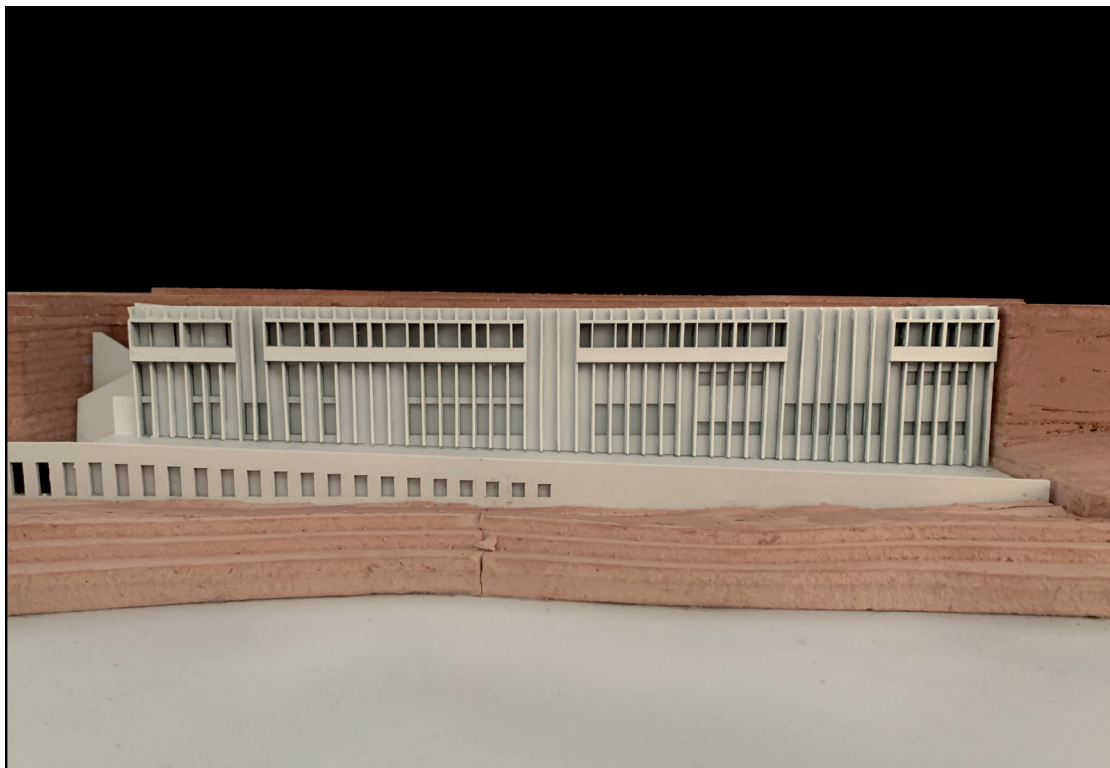
Maquete a 1.5000 do percurso da linha de água de Cascais



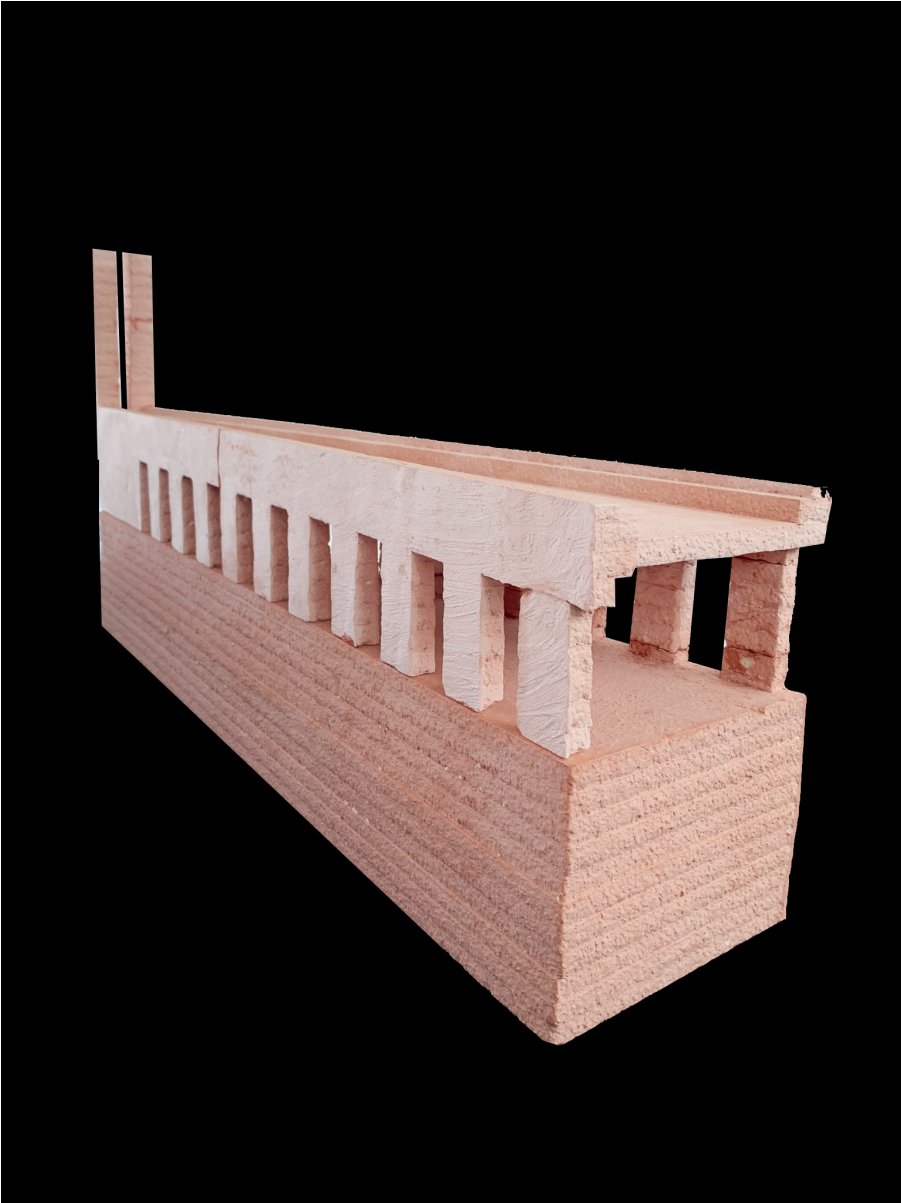


Maquete a 1.200 da proposta na Praia da Bafreira





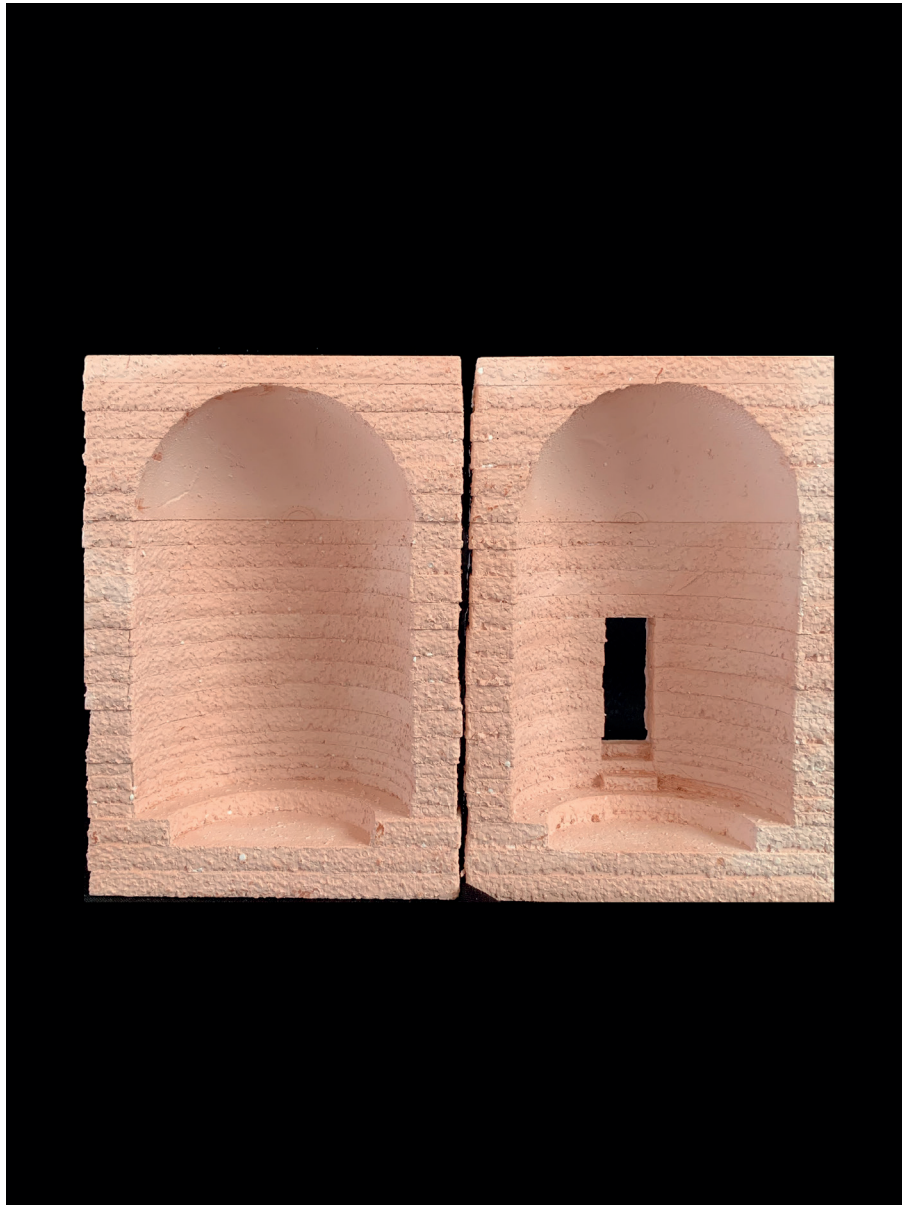
Maquete a 1.200 da proposta na Praia da Baforeira





Maquete a 1.50 do pormenor do Pontão





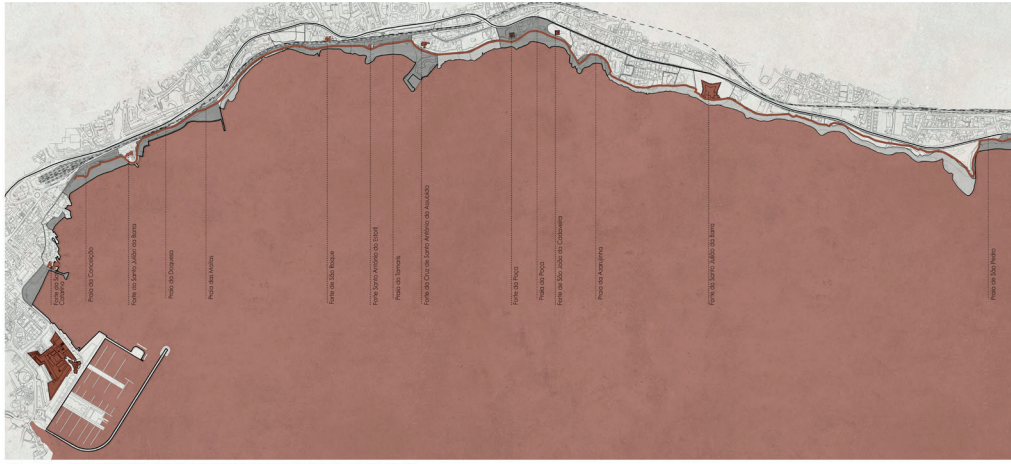
Maquete a 1.50 de um pormenor do tanque



- ANEXO I - CARTOGRAFIA HISTÓRICA
- ANEXO II - FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS
- ANEXO III - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
- ANEXO IV - REFERÊNCIAS
- ANEXO V - PROCESSO DE TRABALHO
- ANEXO VI - FOTOGRAFIAS MAQUETES
- ANEXO VII - PAINÉIS SÍNTESE**



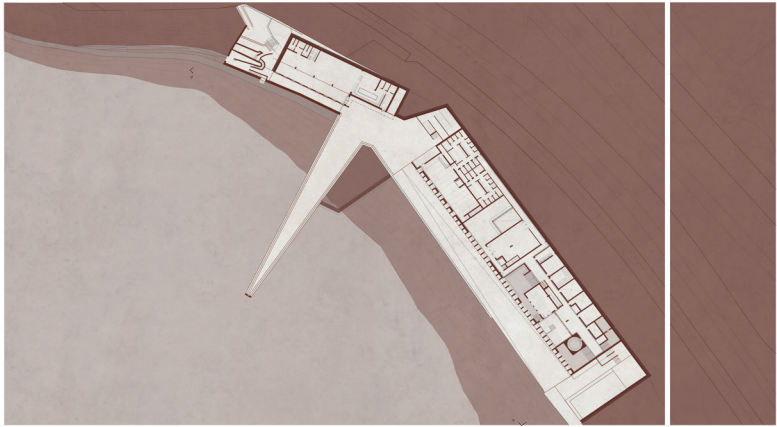
U P01



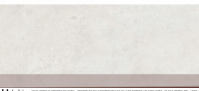
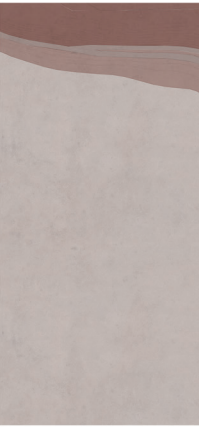
U ÁGUA COMO ELEMENTO DE CURA - CENTRO DE TALASSOTERAPIA NA VILA DE PAREDE, PLANTA DA LINHA DE COSTA DE CARCÃO | 2011 - 2009  
 PRIMEIRA FASE DO PROJETO: VILHA ANTONIA DA SILVA | 2011-2010  
 ORIENTAÇÃO: TRAFUGO; BAPTISTA BASTOS; PROF. JOSÉ LUÍS GREGO



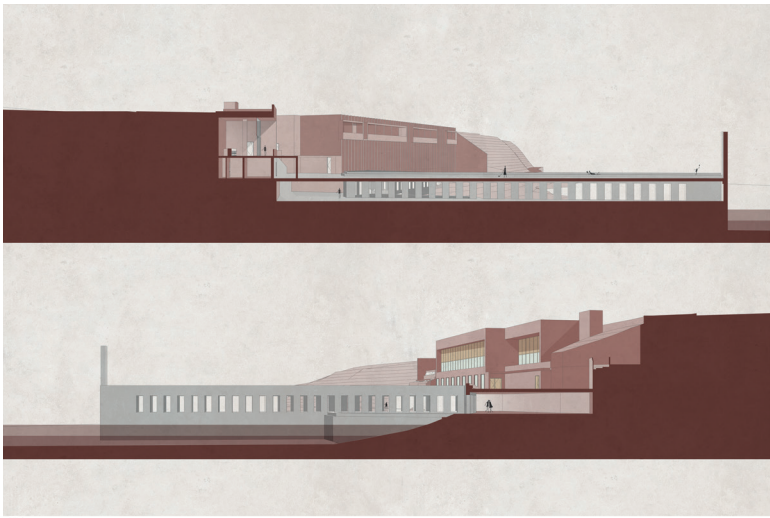
U P04



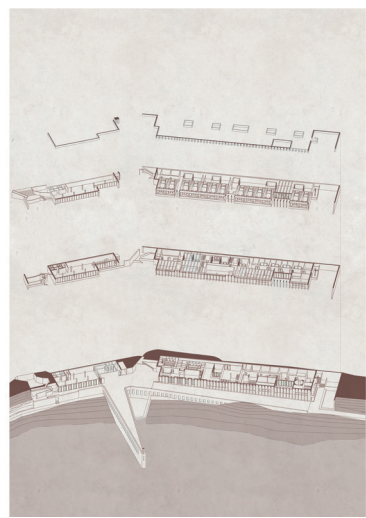
U P05



U P06



U P11



U P08

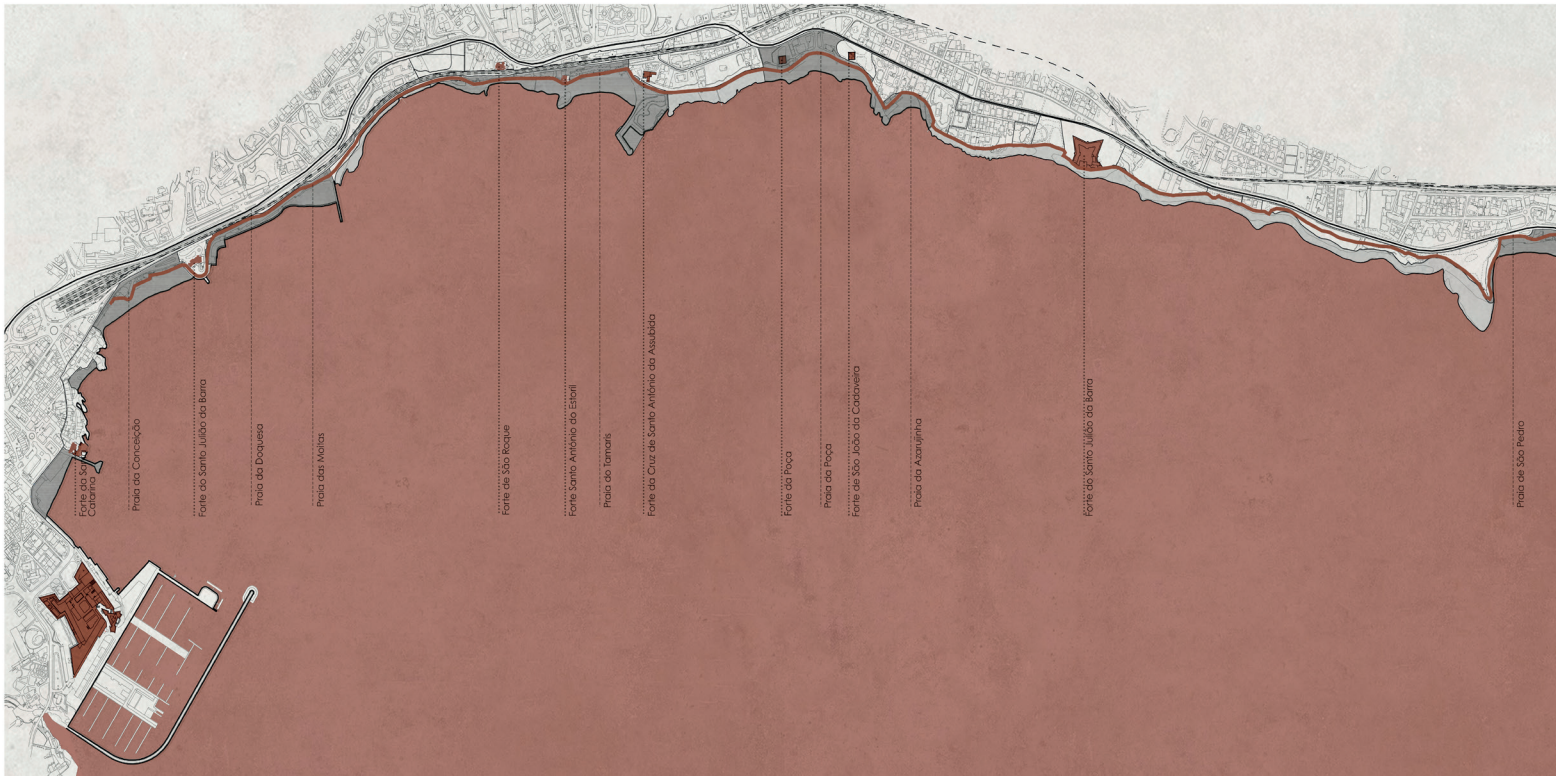


U P09

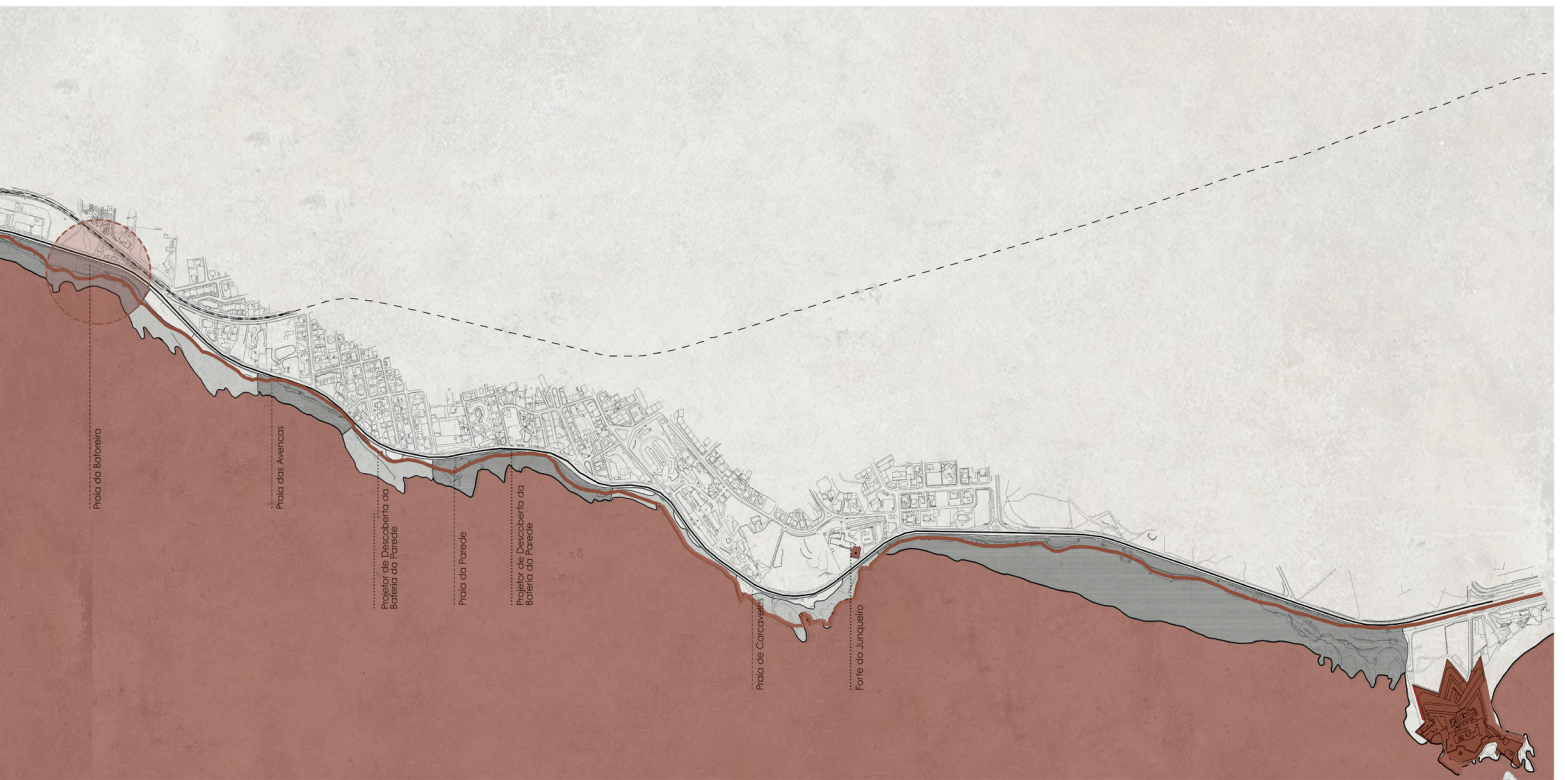








**U** 
**ÁGUA COMO ELEMENTO DE CURA - CENTRO DE TALASSOTERAPIA NA VILA DE PAREDE | PLANTA DA LINHA DE COSTA DE CASCAIS | ESC. 1:5000**  
 PROVA FINAL DE MESTRADO | MARIA MADALENA CALADO | 2016/01  
 ORIENTAÇÃO: PROF. MIGUEL BAPTISTA-BASTOS | PROF. JOSÉ LUIS CRESPO







0 200 500

Preventório da Parede

Clínica Hêlo-Marítima

Hospital Amadeu Duarte

Hospital de Santana

Hospital da Nossa Senhora de Espirito Santo

